

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
CÊNCIAS DA RELIGIÃO

RAQUEL MENDES BORGES

**“O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS”:  
A PALAVRA DE DEUS E SEUS EFEITOS EM QUEM OUVI,  
A PARTIR DE ISAÍAS 50,4-7**

GOIÂNIA  
2018

RAQUEL MENDES BORGES

**“O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS”:  
A PALAVRA DE DEUS E SEUS EFEITOS EM QUEM OUVI,  
A PARTIR DE ISAÍAS 50,4-7**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião – Mestrado – da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva

GOIÂNIA  
2018

B732s

Borges, Raquel Mendes

"O Senhor abriu-me os ouvidos" a palavra de Deus e seus efeitos em quem ouve, a partir de Isaías 50, 4-7[ recurso eletrônico]/ Raquel Mendes Borges.-- 2018.

93 f.;

Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2018

Inclui referências f.91-93

1. Bíblia. - A.T. - Isaías . 2. Palavra de Deus (Teologia). I.Silva, Valmor da. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 27-244.22(043)



**PUC  
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário  
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010  
Goiânia • Goiás • Brasil  
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070  
www.pucgoias.edu.br • prope@pucgoias.edu.br

**“O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS”: A PALAVRA DE DEUS E SEUS  
EFEITOS EM QUEM OUVE, A PARTIR DE ISAÍAS 50,4-7**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 05 de fevereiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente)**

**Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás**

**Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi / PUCPR**

**Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás (Suplente)**

**Prof. Dr. Vicente Artuso / PUCPR (Suplente)**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus irmãos e irmãs, que apoiam e se alegram com minha missão. Especialmente a minha mãe, Maria Terezinha e em amorosa e saudosa memória, a meu pai Nilton.

## AGRADECIMENTO

A Deus, por ser minha companhia nas horas de alegria e nos momentos mais exigentes, fortalecendo-me e renovando minha esperança.

À CAPES, por possibilitar este estudo e pesquisa.

Àqueles que estiveram comigo durante este tempo de estudos – familiares e amigos – e que compartilharam comigo das lutas e alegrias diárias.

Ao corpo docente, coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião por possibilitarem meu crescimento sendo excelentes pessoas e profissionais.

À banca examinadora pela generosidade em contribuir para melhor realização desta pesquisa.

À amiga e grande incentivadora desta pesquisa, Rosemary Francisca Neves Silva.

À Irmã Delma M. Oliveira por ser sinal da bondade de Deus e por partilhar comigo de seus conhecimentos favorecendo este trabalho.

Ao meu orientador, Valmor da Silva, com seu exímio conhecimento tornou-se um grande mestre nos estudos e na vida, por seu compromisso e incansável dedicação, compreensão.

## RESUMO

BORGES, Raquel Mendes. *O Senhor abriu-me os ouvidos: a Palavra de Deus e seus efeitos em quem ouve, a partir de Isaías 50,4-7*. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

O Objeto de estudo desta pesquisa é a perícopes de Isaías 50,4-7, a audição da Palavra de Deus e seus efeitos em quem a ouve. Propõe-se que a espiritualidade do Primeiro Testamento, e se resume em ouvir e viver a partir da Palavra. Conclui-se que esta prática está presente no profetismo, em seus frutos, ou efeitos importantes durante a missão. A referência para esta pesquisa é o Terceiro Canto do Servo Sofredor, que está no Segundo Isaías, e expressa a missão do profeta junto ao povo exilado. Ao ouvir diariamente a Palavra de Deus, leva consolo e esperança para essa situação de opressão. Para tanto, realiza-se, nesta pesquisa a análise do texto com sua crítica textual, literária, histórica, redacional e contexto atual vital. Segue-se com o contexto da época do Segundo Isaías no Exílio da Babilônia. Finaliza com a aplicação desta perícopes para hoje quando vemos os efeitos do ouvir a Palavra. O Servo é fiel mesmo em meio ao sofrimento e experimenta os efeitos da Palavra de Deus tornando-se assim parâmetro para os que hoje a anunciam.

**Palavras-chave:** Servo, ouvir, Palavra, exílio, Isaías 50,4-7

## **ABSTRACT**

BORGES, Raquel Mendes. "The Lord opened my ears." The Word of God and its effects on the hearer, from Isaiah 50: 4-7. Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia, 2018.

The object of study of this research is the pericope of Isaiah 50: 4-7, the hearing of the Word of God and its effects on the hearer. It is proposed that the spirituality of the First Testament, and is summed up in hearing and living from the Word. It is concluded that this practice is present in the prophetism, in its fruits, or important effects during the mission. The reference for this research is the Third Song of the Suffering Servant, which is in the Second Isaiah, and expresses the prophet's mission to the exiled people. By listening daily to the Word of God, it brings comfort and hope to this situation of oppression. For this, the analysis of the text with its textual, literary, historical, editorial and current critical context is carried out in this research. It follows the context of the time of Second Isaiah in the Babylonian Exile. It ends with the application of this pericope for today when we see the effects of hearing the Word. The Servant is faithful even in the midst of suffering and experiences the effects of the Word of God thus becoming a parameter for those who announce it today.

Keywords: Servant, hear, Word, exile, Isaiah 50:4-7.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 CAPÍTULO 1: O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS (ISAÍAS 50, 4-7)</b> .....	<b>18</b>
1.1 O TEXTO DO TERCEIRO CANTO DO SERVO SOFREDOR (IS 50,4-7) .....	18
1.2 CRÍTICA TEXTUAL .....	26
1.2.1 Crítica externa .....	26
1.2.2 Crítica interna .....	26
1.3 ESTRUTURA DO TEXTO .....	27
1.4 CRÍTICA LITERÁRIA DE IS 50, 4-7 .....	29
1.4.1 O Segundo Isaías .....	31
1.4.2 Cânticos do Servo Sofredor .....	322
1.5 CRÍTICA HISTÓRICA .....	33
1.6 CRÍTICA REDACIONAL .....	35
1.7 CONTEXTO ATUAL VITAL .....	38
<b>2 CAPÍTULO 2: CONTEXTO DA ÉPOCA DO SEGUNDO ISAÍAS NO EXÍLIO DA BABILÔNIA</b> .....	<b>44</b>
2.1 A QUESTÃO POLÍTICA NA ÉPOCA DE ISAÍAS .....	44
2.2 O CULTO NO TEMPO DO PRIMEIRO E SEGUNDO ISAÍAS .....	52
2.3 O PROFETA NO EXÍLIO DA BABILÔNIA .....	53
2.4 OS CÂNTICOS DO SERVO E OS GRAUS DO OUVIR .....	59
<b>3 CAPÍTULO 3: O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS</b> .....	<b>68</b>
3.1 O SERVO MEDIADOR DA PALAVRA .....	68
3.2 O EXÍLIO DE HOJE .....	71
3.3 DEUTERO-ISAÍAS E O OUVIR .....	72
3.4 OS EFEITOS DO OUVIR A PALAVRA DE DEUS .....	75
3.4.1 O primeiro efeito do ouvir a Palavra de Deus: a intimidade com o Senhor .....	76
3.4.2 O segundo efeito do ouvir a Palavra de Deus: a fidelidade de vida .....	77
3.4.3 O terceiro efeito do ouvir a Palavra de Deus: a eloquência que consola .....	79
3.4.4 O quarto efeito do ouvir a Palavra de Deus: a obediência .....	80
3.4.5 O quinto efeito do ouvir a Palavra de Deus: paciência no sofrimento e tribulações .....	82

3.4.6 O sexto efeito do ouvir a Palavra de Deus: a vitória da vida sobre a morte	84
.....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa tem como objeto Isaías 50,4-7, a audição da Palavra de Deus e seus efeitos em quem a ouve. Por meio desta pesquisa procuramos justificar que a Sagrada Escritura é entendida como a Palavra de Deus que é dada a todos. Não está reservada a um grupo, não esconde segredos, é concedida abertamente a quem deseja recebê-la. Ela pode ser oferecida aos povos, primeiro oralmente, e depois por escrito. Mas a Palavra não é recebida por todos do mesmo modo. Alguns a recebem e a partir de sua escuta sua vida modifica. Outros a recebem, mas sua vida segue o mesmo curso. Sabemos que uma mera apreciação da Sagrada Escritura não é sinal da presença e da graça divina. Entender o poder, e seu efeito na vida do ouvinte é o que nos propomos a estudar. Como receber a Palavra de Deus para que esta tenha oportunidade de produzir seus frutos é nossa pesquisa e perguntamos com o profeta Isaías: “O que deveria eu fazer à minha vinha e não fiz?” (Is 5,4).

O objeto de estudo desta pesquisa, Is 50, 4-7, é conhecido como o Terceiro Canto do Servo de YHWH. Encontramos o Servo como o discípulo fiel, obediente; e é esta atitude do Servo que desperta para a pesquisa.

Hoje percebe-se necessário retomar para a sociedade que a missão e função de quem leva a mensagem de Deus não acontece para se alcançar honras e fama, não é para levantar multidões em torno de si, muito menos seguir anunciando coisas até sábias, belas e científicas. Ela não serve para uma vida intimista, ou seja, recebê-la e viver piedosamente fechado em muros ornamentados não é verdadeiro efeito.

Propomos pesquisar e aprofundar a imagem do Servo que fala do que ouve. Aquele que fala, independente de que religião pertença, fala como Servo. Quem capacita o Servo é o Senhor e Ele lhe habilita com uma língua de discípulo, para que possa levar conforto ao povo; abre-lhe os ouvidos para que aprenda, como discípulo, a transmitir o que ouviu, e lhe dá proteção. Ou seja, qualifica-o e capacita-o para a missão. E qual é o papel do Servo? Ser fiel à mensagem recebida, passá-la integralmente. Caso seja rejeitado por causa da mensagem então deve oferecer as costas aos que o torturam, isto é, não oferecer resistência; na linguagem bíblica ele oferece a face aos que lhe arrancam os fios da barba, isto é, não esconde o rosto à ofensa. O rosto é o espelho da alma, por ele podemos ver os sentimentos e desejos

de uma pessoa. Torná-lo duro como pedra (v. 7) é não levar em conta qualquer espécie de ofensa, por causa da Palavra de Deus.

Achamos relevante a figura do Servo que ouve e vive a partir da Palavra, parece que hoje isso acontece tão pouco. Parece que há uma certa indiferença ao ouvir, talvez sua leitura não passe de um dever e ainda não tenha sido percebida, como uma graça, Deus nos permitiu ouvir, ler, para viver a partir dela.

É notório o contexto pastoral em que ou no qual muitos proclamam a Palavra, multidões parecem escutar e, contudo, não vemos uma apropriação pastoral, catequética, pessoal, social do que foi proclamado. Agentes de Pastoral, sacerdotes, religiosos, pastores, guias espirituais, todos que servem a Deus certamente se questionam, inquietam, sobre o porquê da palavra de Deus não ter, em muitos casos, chegado aos ouvidos ou de não se perceber concretamente seu efeito. Para uma Pontifícia Universidade Católica certamente é importante favorecer a pesquisa sobre o efeito da Palavra de Deus no ouvinte.

Parece-nos promissor que as pessoas de hoje possuem um conhecimento significativo do Servo obediente descrito no Terceiro Canto do Servo de YHWH. Que os profetas de hoje possam buscar o serviço à Palavra nos pobres, simples, nos pequenos e humildes, que se saiba anunciar com a vida. Percebemos que no contexto atual arde um entusiasmo missionário que se manifesta nas Igrejas cristãs e em diversos grupos religiosos, mesmo os mais simples e que se encontram à margem das grandes massas.

O objetivo mais específico é verificar a partir de Isaías no capítulo 50, versículos 4-7 os efeitos da Palavra no discípulo ouvinte. Para isso se percebe a importância de apresentar o profeta como aquele que antes de falar, coloca-se como ouvinte fiel, o Servo da mensagem de Deus, identificando-a como pensamento condutor em sua vida. O Servo é aquele que tem a Palavra de Deus como principal força para efetivar de modo harmonioso as ações diárias que o texto apresenta numa atitude de escuta do profeta; O discípulo aprende a falar pelo ouvir. A língua mãe se aprende ouvindo diariamente, como a criança naturalmente aprende ouvindo seus pais.

Para analisar exegeticamente o texto de Is 50,5, e fazer sua análise detalhada no contexto do Terceiro Canto do Servo de YHWH, utilizaremos como referencial teórico para fundamentar nossa hipótese o método histórico-crítico. Isso será apresentado no primeiro capítulo. No segundo capítulo com o apoio do método

histórico-crítico poderemos trabalhar o contexto da época desta perícopa. No terceiro e último capítulo traremos o texto para o contexto atual vendo-o a partir das atuais contribuições e diferentes realidades, sobretudo a missão evangelizadora do profeta de hoje.

A Palavra de Deus produz efeito ativo na vida de quem a ouve, como se pode constatar nos textos da Sagrada Escritura, a partir de Is 50,4-7. Se o profeta Isaías e tantos outros souberam ouvir e viver a partir da Palavra, a pessoa pode viver inspirada pelo mesmo texto porque esta não é semelhante a coletâneas que se ouvem apenas e ecoam ao vento. Ela é como a chuva que não volta ao céu sem que irrigue a terra (Is 55,10-11). A Sagrada Escritura não se resume em um conjunto de pensamentos a ser discutido, mais que isso, sabemos que não há contradição entre a pesquisa bíblica e a vivência da Palavra, ambas, naturalmente, recomendadas pelos documentos da Igreja. Ela tem efeito ativo, vivo por que é vida. A Igreja mantém essa mensagem nos ouvidos dos fiéis a quem fala desde o Antigo ao Novo Testamento, como vemos em Hebreus “Viva é a Palavra de Deus, eficaz e incisiva” (Hb 4,12).

Falar sobre o Servo Sofredor e sua obediência é adentrar para o campo do profetismo e do discipulado. Esse espaço é um dos que mais chama a atenção dos estudiosos da Bíblia de hoje, um campo promissor. Estamos certos que o campo do profetismo e do discipulado é belo, porém complexo.

Sicre (1996) em sua obra “O Profetismo em Israel” se dedica a estudar os profetas em três partes, na primeira de um modo geral, na segunda sua história e na terceira a mensagem profética com sua significância para nosso tempo. Para Sicre (1996) os livros proféticos constituem o bloco mais importante do Antigo Testamento, especialmente para a Igreja primitiva. Segundo este autor hoje os profetas estão na moda e de certa forma sempre estarão porque exercem grande influência na religião ainda que tenham uma linguagem poética e, portanto, hoje menos atrativa. Mas para o autor esta barreira é fácil de quebrar. Sicre (1996) apresenta a mensagem profética nos discursos originais e isso favorece o conhecimento do texto.

Por sua vez, Abrego de Lacy (1998) escreve sobre os livros proféticos e nos chama a atenção em sua abordagem sobre o significado e verdade dos profetas e não deixa de destacar a teologia de Isaías. Fala com segurança sobre o Terceiro

Canto do Servo de YHWH onde o Servo é o fiel discípulo do Senhor que anuncia somente o que ouve do Senhor.

Ballarini (1977) favorece os estudos bíblicos sobre o profetismo e apresenta desde a origem ao conteúdo do profetismo. Destacamos para nossa pesquisa a segunda parte da obra onde aborda os elementos essenciais do profetismo e nesta o segundo ponto fala das comunicações divinas aos profetas. Vemos no capítulo 50 o centro da unidade literária de Deutero-Isaías no Cântico do Servo Sofredor, aqui vemos retomar as causas do exílio.

Para hoje retomar ênfases teológicas podemos como Zenger (2003) perceber o quanto o profeta insiste que Deus tem disposição de perdoar consolar o seu povo e por isso vem a ele e se manifesta na Palavra.

Monloubou (1987) se propõe a mostrar a originalidade de cada profeta e os passos pelos quais, destes se chega a Cristo. Seu projeto se apresenta diferente e nos chama a atenção, por que ele retrata o fenômeno bíblico da profecia em suas origens e características. Monloubou (1987) tem uma habilidade para apresentar os profetas que resulta em amplas publicações, com isso mostra o quanto este tema é atual e o leitor moderno tem gosto de conhecer a profecia do Antigo Testamento. E ao falar da profecia e a experiência de Deus destaca que a missão do profeta não passa por um gosto ou desígnio humano, mas trata-se de homens que falavam em nome de Deus movidos por ele.

Ravasi (1989) na introdução de sua obra *Los Profetas* anima o leitor a adentrar no caminho árido dos profetas pois somente com amplo estudo se pode chegar à verdadeira mensagem que os profetas nos trazem e perceber seu autêntico testemunho. Apresenta ao leitor a fisionomia dos profetas, sua mensagem; de Isaías destacamos a descrição das credenciais do Servo do Senhor. Destaca que o profeta é por excelência o homem da Palavra.

Conhecido por suas pregações no Vaticano, Cantalamessa (2002), em sua obra sobre a obediência, fala sobre a raiz hebraica do vocábulo obedecer como escuta à Palavra de Deus. No Novo Testamento para designar a obediência o termo usado é *hypakouein* que traduzido literalmente significa o ouvir ou escutar atentamente a Deus. Escutar e obedecer se entrelaçam na Sagrada Escritura. Pois obedecer é submeter-se à Palavra é reconhecer um real poder sobre si. Um submeter-se não apenas fisicamente, mas com disposição interior ou vontade, leva a sincronizar as vontades.

E desobedecer é ouvir mal, distraidamente ou com desinteresse. A mensagem de Deus contém uma verdade a ser entendida e uma vontade a ser cumprida, portanto o ouvinte não apenas sabe interpretar o texto, mas ouve também para viver o que o texto diz. Deste modo o discípulo segue como que tecendo sua vocação com o fio da Palavra e esta se realiza, cumpre sua missão.

A Igreja Católica está atenta a que os pregadores sejam ouvintes porque o Senhor sempre exortou a ouvi-lo. O Antigo Testamento fala do *Shemah* Israel "Ouça Israel"). Escuta ó Israel, Adonai nosso Deus é Um Alonso Schökel (1997) apresenta o verbete ouvir/escutar sendo polissêmico que aparece em diversas construções. Destacamos o uso dentro do quadro de construções com o significado reação ao que se diz (Is 55,2). Harris (1998) informa que o verbo *Shemah* é empregado 1050 vezes e tem como sinônimos o "dar atenção", "estar atento", "dar ouvidos" com várias conotações de escutar, prestar atenção, atender, entender ou obedecer. Chama a atenção o fato de que o escutar reflete no entender. Vemos essa relação em Gn 11,7 na narrativa da confusão de línguas em Babel, quando os homens não eram capazes de ouvir/entender uns aos outros. Se não somos capazes de escutar não entenderemos e então não saberemos transmitir.

Enquanto a mitologia grega mantém a relação do homem com os deuses pela visão, o profetismo, e por sua vez, o cristianismo em especial, apresentam a fé como algo que nasce da audição. O profeta quando se dirige ao povo proclama com autoridade, no imperativo: Ouvi, Israel; Escutai, Israel. Para o povo Judeu o ouvido é a porta do coração. Por ele se chega ao centro da pessoa, então não é ouvir com atenção, é ouvir inteiramente. A Palavra é uma ação de Deus que se faz presente, e quando o discípulo se dispõe a ouvir esta presença todo o seu ser se coloca diante dela. O ouvido do discípulo, segundo Isaías Capítulo 50, versículo 5 quem abre é o Senhor. O ouvir permeia a Escritura em seus grandes personagens. Quando Cristo, no rio Jordão é apresentado a voz proclama: "Este é meu filho muito amado, escutai-o" (Lc 9,35).

O presbítero canossiano, Cencini (2012) comenta a redescoberta e centralidade da Palavra de Deus na formação humana. Destaca o autor que este é um fruto do Concílio Vaticano II. É certo que ela permeia a vida cristã e que essa, para ser plena e verdadeira deve ser plasmada por ela. A Igreja dá continuidade à proposta conciliar e em 2008 convoca o Sínodo, ocasião preciosa para aprofundar a Palavra como tecido vivo de nossa existência cotidiana. É abordado o seu valor no

ritmo do mundo, cotidianamente. É no ritmo do mundo, já estabelecido no macrocosmo que o discípulo apresenta a Palavra em sua vida, em seu ritmo, microcosmo, no seu mundo ordenado e ritmado por Deus. Ela é oferecida a cada dia, é sempre nova e permeia as estações da vida: nascer, crescer, alegrar-se, sofrer e morrer.

Os religiosos, no ano da vida consagrada, foram exortados pela Congregação para a Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica (2015) a escutar e perscrutar a Palavra por ser ela fonte genuína de espiritualidade onde se alcança o conhecimento de Cristo, não apenas em um momento, mas permeando o dia. Ao perpassar o dia com a Palavra de Deus ela penetra nas fragilidades, fermenta e edifica, recompõe pensamentos, sentimentos desafetos e abre para o diálogo cristão. Lembra o documento que o Concílio deu um método ao Consagrado, o de existir a partir da Palavra, por sua vez este método só é sustentado pela aptidão da escuta que se abre ao diálogo, que enriquece e devolve a centralidade de Cristo e da Palavra. Esta escuta é que transforma e faz discípulos.

O Papa emérito Bento XVI (2010) fala do pecado como não escuta da Palavra de Deus. Nela revela-se que o homem pode subtrair-se do diálogo com Deus desvendando assim o pecado do seu coração. Já o Antigo Testamento descreve o pecado como a não escuta à Palavra (Dt 28,1-2.15.45; Jr 7,22-28; Ez 2,8; At 7,51) o pecado é a não escuta, ou desobediência.

A Igreja Católica considera um pecado contra o Espírito Santo o não escutar, assim escreve S. João Paulo II (1986), ou a resistência contra a verdade orienta S. Tomás de Aquino (2015), como que fingir não escutar para ser livre e falar, fazer como se quer (2005). No Antigo Testamento temos diversos testemunhos, citamos Moisés que resistiu, mas na escuta se abre e obedece aos planos de Deus (Ex 3-4). Jeremias (Jr 1) segue sua missão por ter escutado o chamado, a Palavra do Senhor, o mesmo acontece com Isaías que segue o Senhor, mas somente após sua purificação (Is 6). O Novo Testamento segue apresentando a obediência radical de Jesus (Fl 2,8), aquele que ouve o Pai. E destacamos as conversões ao longo da história da Igreja a partir do ouvir, da pregação, como aconteceu com Santo Antão e Santo Agostinho.

Pedagógica e pastoralmente não se escuta sem antes ouvir, portanto se faz necessário abrir-se em silêncio para receber a Palavra. Criar o silêncio interiormente é abrir-se para a escuta, escreve Leloup (2004). Diante de um espetáculo, nos



cultos, na Igreja Católica, em casa diante da TV se cria o silêncio para escutar. Muito mais quando se está diante da Presença de Deus (Hab 2,20; Zc 2,17).

Papa Francisco (2015) em sua homilia insiste que para ouvir a mensagem de Deus não é suficiente abrir a Sagrada Escritura. Não são páginas para serem lidas, e sim ouvidas. O Papa chega a exortar que não é verdadeiro profeta se não souber ouvir antes de agir. A permanência, segurança na mensagem de Deus vem do ouvir, pois há quem age por si e age mal, mas aquele que age pela Palavra faz o bem, como percebemos em Madre Tereza de Calcutá, que “ouvia a voz do Senhor, não falava, sabia ouvir no silêncio” e depois agia. “Ela fez muito”, disse o Pontífice (2015).

## 1 CAPÍTULO 1: O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS (ISAÍAS 50, 4-7)

O primeiro momento desta pesquisa nos dedicamos ao exigente exercício da exegese do texto de Isaías 50,4-7. A perícopé escolhida para comentar e visualizar essa perícopé, é a versão original em hebraico, retirado da Bíblia Hebraica *Stuttgartensia* (1997). Quanto às outras traduções optamos pela TEB (1994), em seguida a de Jerusalém (2012), e a tradução Almeida (1993) e com a tradução pessoal.

Neste primeiro capítulo será apresentada a exegese dentro do método-histórico crítico em seus vários passos. O ponto de partida é o original hebraico, seguido da comparação entre algumas traduções. Na segunda parte, desenvolve-se a crítica textual que se divide em crítica textual interna e externa. Na terceira parte é descrita a crítica literária onde se encontra um subtítulo para falar do Segundo Isaías e ainda dos Cânticos do Servo Sofredor. No quarto ponto a Crítica Redacional e último ponto, o sexto que é o contexto atual vital.

Todo esse caminho será possível por meio do texto e não do redator, pois o que temos hoje é somente o texto. Logo, será feita uma decodificação do texto para as devidas interpretações que podem ser, ora objetivas, pois o texto tem sua informação objetiva, ora subjetiva, por causa da interpretação que se pode fazer da significação do texto. A proposta é receber este texto naquilo que de específico ele tem a comunicar, explicá-lo conforme sua linguagem permite e por fim, interpretá-lo trazendo-o, assim, para a realidade de hoje (LIMA, 2014, p. 16).

Existe ainda, o desejo de pronunciar humanamente o que de divino tem nesta passagem de Isaías 50, 4-7. Ou seja, apresentar as duas faces dessa moeda da Palavra de Deus nas palavras humanas (LIMA, 2014, p. 21).

### 1.1 O TEXTO DO TERCEIRO CANTO DO SERVO SOFREDOR (IS 50,4-7)

Por ora comecemos pelo texto original em hebraico, conforme a Bíblia Hebraica *Stuttgartensia* (1997).

## ISAÍAS 50, 4-7

<sup>4</sup>אֲדַנִּי יְהוָה נָתַן לִי לְשׁוֹן לְמוֹדִים לְדַעַת לְעוֹת אֶת־יַעֲף דְּבַר יַעִיר בַּבֶּקֶר  
בַּבֶּקֶר יַעִיר לִי אֲזֵן לְשִׁמְעַ כְּלַמוֹדִים

<sup>5</sup>אֲדַנִּי יְהוָה פָּתַח־לִי אֲזֵן וְאָנְכִי לֹא מָרִיתִי אַחֲוֹר לֹא נִסּוּגְתִּי

<sup>6</sup>גּוֹי נָתַתִּי לְמַכִּים וּלְחַיִּי לְמַרְטִים פָּנִי לֹא הִסְתַּרְתִּי מִכְּלִמּוֹת וְרוֹק

<sup>7</sup>וְאֲדַנִּי יְהוָה יַעֲזֹר־לִי עַל־כֵּן לֹא נִכְלַמְתִּי עַל־כֵּן שָׁמַתִּי פָּנִי כַחֲלָמִישׁ  
וְאִדַּע כִּי־לֹא אֲבוֹשׁ<sup>1</sup>

Passamos agora à apresentação do texto em português, com quatro traduções diferentes, num quadro comparativo. O critério para escolha das três traduções é que se trata de uma ecumênica, outra que se impôs no Brasil como Bíblia de estudos e a terceira por ser a Bíblia tradicionalmente utilizada pelas tradições evangélicas, além de se tratar de uma tradução bastante fiel aos originais (ou redigir outros critérios). A tradução pessoal procura ser o mais literal possível.

Tradução da TEB	Tradução de Jerusalém	Tradução de Almeida	Tradução pessoal
<sup>4</sup> O Senhor Deus me deu língua de discípulo: para que eu saiba acudir o enfraquecido, ele faz surgir uma palavra. Manhã após manhã ele me desperta o ouvido, para que eu escute, como os discípulos;	<sup>4</sup> O Senhor Iahweh me deu língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos.	<sup>4</sup> O Senhor Deus me deu a língua dos instruídos para que eu saiba sustentar com uma palavra o que está cansado; ele desperta-me todas as manhãs; desperta-me o ouvido para que eu ouça como discípulo.	<sup>4</sup> O Senhor Deus deu-me uma língua de discípulos para saber/conhecer para apoiar/ajudar o cansado/abatido palavra desperta. De manhã, de manhã Desperta-me o ouvido para que, eu ouça
<sup>5</sup> O Senhor Deus abriu-me o ouvido. E eu, não me revoltei,	<sup>5</sup> O Senhor Iahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei.	<sup>5</sup> O Senhor Deus	

<sup>1</sup> Cap 50 <sup>1</sup>Mm 749. <sup>2</sup>Mm 2393. <sup>3</sup>Mp *sub loco*. <sup>4</sup>Mm 2394. <sup>5</sup>Mm 3550. <sup>6</sup>Mp *sub loco*. <sup>7</sup>Mm 3859. <sup>8</sup>Mm 3953. <sup>10</sup>Mm 2508. <sup>11</sup>Mm 2642. <sup>12</sup>Mm 2362.

<p>não me virei para trás.</p> <p><sup>6</sup> Entreguei minhas costas aos que me batiam, minhas faces aos que me arrancavam a barba; não escondi o meu rosto diante dos ultrajes e dos escarros.</p> <p><sup>7</sup> É que o Senhor Deus vem em meu auxílio: por isso não cedo aos ultrajes, por isso tornei meu rosto duro como sílex, e sei que não serei envergonhado</p>	<p><sup>6</sup> Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios de barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros.</p> <p><sup>7</sup> O Senhor lahweh virá em meu socorro, eis por não me sinto humilhado, eis por que fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido.</p>	<p>abriu-me os ouvidos, e eu não fui rebelde, nem me retirei para trás.</p> <p><sup>6</sup> Ofereci as minhas costas aos que me feriam, e as minhas faces aos que me arrancavam a barba; não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam.</p> <p><sup>7</sup> Pois o Senhor Deus me ajuda; portanto não me sinto confundido; por isso pus o meu rosto como um seixo, e sei que não serei envergonhado.</p>	<p>como discípulos.</p> <p><sup>5</sup> O Senhor Deus abriu-me o ouvido, e eu não desobedeci, para trás não voltei.</p> <p><sup>6</sup> Meu dorso dei aos golpeadores e minha face aos arrancadores (de cabelos); meu(s) rosto(s) não ocultei das injúrias e escarros</p> <p><sup>7</sup> O Senhor Deus me ajudar, Por isso não serei humilhado. Por isso ponho meu(s) rosto(s) como pedra e sei que não ficarei envergonhado.</p>
---	--	---	--

O primeiro versículo (v.4) é variável na forma a se dirigir a Deus, a TEB (1994) e a Almeida (1993) se dirigem ao “Senhor Deus”<sup>2</sup>, a Jerusalém (2012) se expressa com o termo “Senhor lahweh”<sup>3</sup> e a tradução pessoal, por “Senhor Deus”.

<sup>2</sup> A tradução ecumênica da TEB (1994) é fruto de um comum acordo entre os judeus, os protestantes e os católicos. Com relação aos judeus eles aceitaram entrar, na condição de que na TANAK fosse, de ponta a ponta, colocada dentro do texto do Antigo Testamento. Como eles não usam o tetragrama sagrado, eles não leem este tetragrama eles preferem seguir traduzindo-o como Adonai, ou Senhor Deus. Com esta junção vemos na TEB, por exemplo, dois livros no Antigo Testamento como o livro de Ester para manter o texto hebraico e o grego.

<sup>3</sup> Sobre a expressão do tetragrama sagrado a tradução bíblica de Jerusalém, de origem francesa

Todas as traduções falam que o Senhor dá a língua, ou seja, o dom de falar. Este dom vem, então, do Senhor. Mas, para a tradução de Jerusalém (2012) e TEB (1994) quem recebe este dom, a língua é o “discípulo”, já a tradução de Almeida (1993) fala que esta língua é dada aos “instruídos”, em na tradução pessoal: o termo “discípulo”. O objetivo de se receber a língua varia de uma para outra tradução.

As traduções de Jerusalém (2012) e Almeida (1993) afirmam que a língua é para atender ao cansado. No entanto, se vê variações na relação do discípulo com o cansado. Parece que na tradução de Jerusalém (2012), a fala de “saber trazer ao cansado uma palavra de conforto”, remete a algo mais de pregação e menos envolvimento do discípulo. O discípulo, pelo dom que lhe foi dado pelo Senhor saberá dar a Palavra, fazer a pregação.

Na tradução de Almeida (1993), para o versículo 4 temos a expressão “deu a língua dos instruídos para que eu saiba sustentar com uma Palavra o que está cansado”, a expressão parece oferecer uma ação mais eficiente do discípulo, poder sustentar, falar de uma forma que tenha um efeito que perdure na pessoa cansada, e destacamos o que diz “com uma Palavra”, ou seja sem tanto falar, mas falar o que seja suficiente para sustentar. O dom dado pelo Senhor oferece o discernimento de falar acertado e com efeito concreto.

Em nossa tradução ficamos como a do Almeida (1993), a ação do Senhor de dar a língua ao discípulo faz com que ele saiba o que falar e de modo a apoiar e até ajudar o que está cansado ou abatido. A tradução da TEB (1994) fala que a língua foi dada “para que saiba acudir o enfraquecido, ele (o Senhor) faz surgir uma Palavra”. Aqui não se usa o termo “cansado” mas sim “enfraquecido” parece dar a quem ouve a situação de maior gravidade, ou seja, estar fraco parece mais grave do que estar cansado. Então o efeito da Palavra é duplo, pode tanto descansar e, portanto, revigorar, como fortalecer o fraco, como aqui parece ser. O que chama a atenção é que também o discípulo tem uma ação que é acudir o fraco, porém a Palavra quem faz surgir é do Senhor, não vem do discípulo. Esta Palavra que vem do Senhor é de conforto expressa na tradução de Jerusalém, as demais citam

---

tentou o quanto possível seguir a literalidade do texto, e portanto com referência ao nome de Deus manteve o tetragrama sagrado com uma espécie de vocalização. Agora na nova revisão da Bíblia de Jerusalém (2012) se tenta evitar usar o tetragrama. Tradição bíblica do instituto do Cardeal Bier tem pretendido crescer no diálogo interreligioso e superou a literalidade do texto. Deste modo já se vê, onde tinha Senhor Javé se usa Senhor Deus, onde estava Javé se traduz apenas por Adonai ou Senhor, na nova tradução francesa se usa o Eterno, por que os judeus usam diversas expressões para substituir o nome de Deus até mesmo falam “o nome”. Um rabino ao comentar um texto ele fala “o nome”.

apenas a Palavra que vem do Senhor. O que nos faz lembrar que o Senhor conforta os corações (Is 41,10).

O versículo 4 na tradução da TEB (1994) segue com a expressão “manhã após manhã”, ou seja, todos os dias, a cada dia especificamente. Com a importância de um dia depois do outro receber a ação do Senhor que faz o discípulo escutar.

Na tradução de Jerusalém (2012), a expressão é diferenciada, pois se lê: “de manhã em manhã” cita cada dia na sua importância em que o Senhor desperta, da mesma forma, como aos seus discípulos, ou seja, como na tradução da TEB, o Senhor Deus tem o costume de despertar os discípulos com a Palavra. Ambas falam da Palavra ao ouvido diretamente.

Na tradução de Almeida (1993) não vemos a repetição da expressão “manhã”, mas se mantém o sentido de que seja sempre e em todas as manhãs pela expressão: “Ele desperta-me todas as manhãs”, o Senhor faz a ação de despertar o ouvido, também dizendo que esta ação é própria do Senhor para com os seus discípulos. Na tradução pessoal foi escolhido manter a repetição da palavra manhã, por entender que o sentido seja como das demais traduções. O que nos faz concluir que estar com a Palavra deve ser uma ação diária, contínua e não vez por outra. Uma ação do hábito do discípulo, como era para o profeta Isaías.

A construção desta perícopes se organiza entre duas ações: falar e ouvir. Ao meio desta distribuição aparece o termo “discípulo” que é o instrumento de qualificação de quem fala e de quem ouve. O Senhor Deus vem nesta relação como Aquele que orienta, diz Croatto (1998), como o mestre da Palavra que se ouve em referência do que foi dito. O que se ouve e se fala tem uma finalidade: consolar o que está cansado. Estar cansado é a realidade de quem vive no cativeiro e não vê esperança. Aquele que fala, deve profetizar uma Palavra para reconfortar os exilados (CROATTO, 1998, p. 230).

Consolar o cansado, dar forças ao fraco é uma ação do Senhor Deus frequente na Sagrada Escritura, mas especialmente no Segundo Isaías (Is 40,28-31). Ao contrário, os deuses falsos ou quem lida com eles, como é o caso dos fabricantes de estátuas, estes se cansam, se fatigam e não oferecem esperança (Is 44, 12). Esta missão não é apenas do Senhor, mas de quem o ouve, de quem o segue e se faz seu discípulo. Esta é uma mensagem importante para o Segundo Isaías (CROATTO, 1998, p. 230). Isto se vê em Isaías de diversas formas e citamos:

<sup>28</sup>Não sabes, não ouviste? O Senhor é o Deus de sempre, ele cria as extremidades da terra, ele não enfraquece, ele não se fatiga; não há meio algum de sondar a sua inteligência; <sup>29</sup>ele dá energia ao fraco, ele aumenta a resistência de quem está sem forças. <sup>30</sup> Eles enfraquecem, os jovens, eles se fatigam, mesmo os homens de elite tropeçam. <sup>31</sup> Mas os que esperam no Senhor retemperam sua energia: tomam a envergadura das águias, lançam-se e não se fatigam, avançam e não fraquejam (Is 40, 28-31).

Certamente o texto fala da realidade do povo que vivia na diáspora, em geral ou no cativeiro. A Palavra visa despertar intencionalmente para a esperança de se libertar para a certeza de encontrar novas forças (CROATTO, 1998, p. 230).

Alonso Schökel (1988) comenta que esta perícopie inicia de forma a tornar a personagem anônima, que não é apresentada como Servo, mesmo que lhe seja semelhante e nem como profeta ainda que tenha vocação e fale de tais atitudes proféticas como: a Palavra que ouve e fala, o sofrimento, a confiança no Senhor. Pois o profeta é aquele que tem a Palavra tanto para construir como para destruir, mas no caso, o que chama a atenção para este autor é que a missão do profeta aqui é consolar. Alonso Schökel (1988) lembra ainda, que não é uma missão fácil ter a Palavra, pois que para tal é necessário prestar atenção, ter ouvidos atentos, pois não se tem “provisões e palavras”, mas, para cada situação se recebe uma mensagem do Senhor (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.329).

No versículo 5, as traduções igualmente afirmam que quem abre o ouvido para a Palavra, é o Senhor. Porém, todas variam levemente na expressão que se segue após a ação do Senhor. Ele age e o discípulo responde. Para a TEB (1994), o discípulo responde sem revolta; nas Traduções de Jerusalém (2012) e de Almeida (1993) o discípulo não é rebelde; na tradução pessoal se diz “o discípulo não desobedeceu”. Para encerrar o versículo 5, a TEB (1994), Almeida (1993) e a tradução pessoal dizem que o discípulo não volta atrás; já a tradução de Jerusalém (2012), se expressa com a ação do discípulo de não recuar.

Este tema do versículo 5 age em continuidade com o versículo 4 nos paralelos de que “ o Senhor me desperta o ouvido”. O autor mostra a relação “língua/palavra” e “ouvido/ouvir”. A estrofe segue e destaca o sofrimento e “martírio” do locutor (CROATTO, 1998, p. 230).

No versículo 5 ainda se percebe a ação modeladora do Senhor sobre o profeta. Ele recebe uma língua, seus ouvidos foram abertos pelo Senhor. A atitude do profeta é de extrema confiança e não resiste, se deixa modelar conforme o

chamado, diz: Alonso Schökel (1988) “é esta a sua inocência e a sua justificação” (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 330).

Percebe-se no versículo 6 algumas anuências entre as traduções. Vê-se primeiramente a extrema concordância de que o discípulo põe em poder do outro algo que é de sua inteira posse. Mesmo que usem verbos diferentes, todos concordam em dizer que as ofensas e maus tratos acontecem porque o discípulo permitiu, não recuou, ao contrário, entregou-se, ofereceu-se, deu-se inteiramente. Todas as traduções dizem que o discípulo oferece as costas ou dorso. A quem ele oferece? A TEB (1994) diz “aos que me batiam”; a de Jerusalém (2012) e a Almeida (1993) diz “aos que me feriam”; seguindo o mesmo significado na tradução pessoal se lê “aos golpeadores”. Neste mesmo versículo é dito em todas as traduções que o discípulo não oferece apenas as costas, mas também a face. Segue o texto, as diferentes traduções expressam que os golpeadores arrancavam-lhe a barba TEB (1994) e a Almeida (1993) de modo mais expressivo, os fios de barba (Jerusalém). Encerram o versículo relatando que o discípulo não esconde ou oculta o rosto “dos ultrajes e escarros” diz a TEB; “das injúrias e escarros” expressa a de Jerusalém; “dos que me afrontavam e cuspiam” narra Almeida (1993); e traduzimos “das injúrias e escarros”.

Este versículo 6 possibilita ao leitor uma visualização da cena de agressão nos seus detalhes descritos da cena de tortura. O “texto joga com um antes e o depois, e opõe um gesto positivo (de conteúdo negativo) a outro negativo (não escondi)”. O sofrimento é dito claramente e podemos imaginar as expressões pela descrição do arrancar a barba ou ter o rosto cuspidos (CROATTO, 1998, p. 230).

Quem seriam estes agressores? Estes poderiam ser os opressores estrangeiros ou membros exilados. A este respeito Croatto escreve:

Os oponentes ou inimigos que o texto supõe (v.6.8-9) são, no novo contexto, os opressores, ou um grupo dos próprios exilados. Isto se a pessoa que fala na primeira pessoa é também um setor deste grupo. Temos visto em outras passagens que há israelitas incrédulos e simpatizantes de outros cultos, em meio à comunidade exílica (CROATTO, 1998, p. 233).

Ainda no verso 6, podemos comparar a atitude do profeta que assim como não resiste à Palavra não resiste nem ao sofrimento, às injúrias humanas, eis, segundo Alonso Schökel (1988), sua segunda justificação (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 330).



Para a referência do versículo 7 são apontadas algumas alterações no modo de se expressar, porém, todas as traduções iniciam com uma certeza: o discípulo sabe que o Senhor vem. A que vem o Senhor? Segundo Almeida (1993) e a tradução pessoal, Ele vem para ajudar e a (TEB) diz que vem para auxiliar, (Jerusalém) diz que ele vem para socorrer. Novamente, após a certeza e uma ação do Senhor, a resposta do discípulo. Porque é certa a vinda do Senhor que ajuda o discípulo que “não cede aos ultrajes, torna o rosto duro como sílex e sabe que não será envergonhado”, assim se refere a tradução da TEB (1994). Jerusalém (2012) denota a expressão “eis porque não me sinto humilhado, eis porque fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza que não ficarei confundido”. Almeida (1993) demonstra uma atenção típica: “portanto não me sinto confundido; por isso pus o meu rosto como um seixo, e sei que não serei envergonhado”. Na tradução pessoal segue o mesmo sentido: “por isso não serei humilhado. Por isso ponho meu rosto como pedra e sei que não ficarei envergonhado”.

Do sofrimento descrito no versículo 6 temos a imagem de uma extrema passividade. Ao visualizar o verso 7 mudamos esta imagem. O que sofre e recebe todas as humilhações apresenta uma confiança no Senhor “O Senhor Deus vem em meu auxílio”, por isso não será confundido. Temos aqui a descrição de uma situação muito difícil para a pessoa: ser envergonhado. A vergonha frustra a pessoa. Ao ser envergonhada a pessoa vê sua identidade falseada para as outras pessoas. Croatto (1998) diz que o ser envergonhado vem normalmente acompanhado do ser confundido e isto se vê muito nos textos dos Salmos, Jeremias e Isaías (41,11; 42,17; 44,4.9.11; 45,16.17.24; 49,23 50,7;54,4) (CROATTO, 1998, p. 231).

O rosto duro como pedra frente aos maltratos evoca Jeremias (1,18) e Ezequiel (3,8-9) onde se encontra a claramente a imagem do rosto endurecido como fruto da proteção de Deus sobre o profeta (CROATTO, 1998, p. 232). Receber o apoio do Senhor vem como parte importante nesta passagem, aquele que recebe a Palavra e é discípulo recebe o apoio do Senhor. O socorro do Senhor vem sobre este homem e o torna mais forte do que sua dor (Jr 1,18; Ez 2,8) (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 330). Aqui se pode ver a missão e vida de Israel que fala de si mesmo, sua missão, dores e resistência certos da defesa que lhe virá do Senhor. “É o Israel do exílio, cuja missão será “reconfortar o cansado”. Esta expressão é uma metáfora, que agora pode referir-se ao Israel da diáspora que deve ser recuperado” (CROATTO, 1998, p. 233).

## 1.2 CRÍTICA TEXTUAL

### 1.2.1 Crítica externa

Esta perícopé provavelmente é encontrada no exílio na Babilônia. Trata-se do que se chama segundo Isaías (40-55)<sup>4</sup>. Este bloco se deve a “um autor ou a autores anônimo(s) (Dêutero ou Segundo Isaías)”, estes possivelmente viveram sua missão de pregadores e também escreveram no período do Exílio babilônico, proclamaram a proximidade da liberdade e a volta de Babilônia à Terra Santa (séc. VI a. C.) (BETTENCOURT, 1990, p. 341).

O relato se refere sempre a uma pessoa, logo parece se tratar de uma pessoa e não do povo inteiro exilado. Segundo Alonso Schökel (1988) não se pode afirmar sobre esse personagem, pois não há unanimidade entre os autores. Certo é que atua durante o exílio indo para o seu fim pois menciona Ciro, logo pode ser que este conteúdo tenha a data entre os anos de 553 – 539. Nesta data a Babilônia é rendida (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.270).

O Cântico, segundo Ballarini (1977), está dividido em quatro partes, que se apresentam sempre que se refere “O Senhor” (vv. 4. 5.7.9). A repetição do termo auxílio se dá 4 vezes (BALLARINI, 1977, p.199).

Para Abrego de Lacy (1998) é discutível a colocação do livro de Isaías na bíblia. Para TM, LXX e Vulgata, Isaías se localiza entre os profetas maiores, porém, o Talmud da Babilônia o coloca no final (ABREGO DE LACY, 1998, p.98).

### 1.2.2 Crítica interna

Do ponto de vista do texto original, a crítica textual não apresenta variantes significativas. Algumas variantes menores são as seguintes, mas que não alteram substancialmente o sentido do texto (Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 1997):

4<sup>a</sup> – para apoiar (*la’ut*). Propõe-se “para ver” (*lire’ot*), outros “para apoiar” (*le’ut*), “para entortar” (*le’wet*). Trata-se de um hapaxlegomenom na Bíblia hebraica, seu significado não é claro.

4<sup>b</sup> – cansado (*ya’ep*). Ghenizah do Cairo (*y’op*).

---

<sup>4</sup> Para Milton Schwantes o Segundo Isaías é uma descoberta bíblica recente e sua existência é cada vez mais confirmada. Os capítulos de 40-55 não apresentam um profeta, mas vários e anônimos que estavam profetizando entre os exilados (SCHWANTES, 2007, p. 117). O Segundo Isaías seria, no exílio, um cantor do templo por ter presente a linguagem do saltério com a característica da profecia. Para Carlos Mesters o Segundo Isaías seria um pequeno grupo de discípulos do profeta Isaías que seguiram sua missão profética no meio do povo cativo (MESTERS, 1981, p. 80).

4<sup>c</sup>- de manhã (*baboker*). Manuscritos da LXX, Latina, Etiópica apagam.  
 5<sup>a-a</sup> - O Senhor Yhwh abriu-me o ouvido. Talvez seja adição  
 6<sup>a</sup> - aos arrancadores (*l'emoretim*). Qumran<sup>a</sup> "aos bateadores com ferro" (*lemitlaym*).  
 6<sup>b</sup> - ocultei (*his'etareti*). Qumran<sup>a</sup> "afastei" (*hisirotiy*)

### 1.3 ESTRUTURA DO TEXTO

“Quem quiser alcançar o profeta não pode subtrair-se do livro”. Esta máxima de Berges (2011) parece propícia para motivar a leitura textual (BERGES, 2011, p.13). Para estabelecer uma base textual, e nela firmar os passos para seguir ao encontro da grandeza da mensagem do profeta Isaías. A partir do séc. XVIII, os críticos discutiram a unidade do livro de Isaías (ALONSO/SICRE, 1988, p. 91-95). A obra de Isaías tem 66 capítulos que não pertencem à mesma época (dado frequente no Primeiro Testamento). Na Sagrada Escritura, a pluralidade de autores não impede que se fale de unidade do livro pela sequência e permanência de determinados temas. É hipotético falar aqui da formação do livro (TEB,1994). Após muitas dúvidas, hoje a maioria dos autores admitem haver três partes bem distintas no livro de Isaías. A primeira (cc. 1-39), seria do séc. VIII a.C., ou seja, dos tempos do próprio Profeta; a segunda (cc. 40-55) dataria do exílio babilônico (587-538 a.C.); a terceira (cc. 56-66) teria sido escrita após o exílio, na época da instauração do povo em sua terra. Por isto o livro de Isaías é atribuído à escola de Isaías, isto é, os discípulos deste profeta terão continuado a obra do mestre através dos séculos (BETTENCOURT, 1990, p. 340).

Estamos cientes que autores recentes, como é o caso de Berges (2011), questionam radicalmente esta teoria. Berges (2011), a pesquisa sobre o livro de Isaías passou da “fragmentação” das unidades para a “unificação”. Segundo este autor, a mudança se dá pelo favorecimento de novas técnicas de pesquisa, não mais o método crítico literário e sim, uma visão analítica literária. Para ele, agora não se fala mais de Protolsaías, deuterolsaías ou tritolsaías e muito menos de primeiro, segundo ou terceiro Isaías. Agora, para Berges (2011), se deve falar e analisar o livro por sua unidade, colocando em destaque as conexões literárias e intertextuais dentro deste todo nas distintas suas sessões (BERGES,2011, p. 36).

Consideramos estas novas pesquisas muito relevantes. Porém escolhemos adotar o que até agora temos recebido de informação acadêmica o que nos parece melhor rever. Eis a estrutura do livro de Isaías.

O Deutero-Isaías apresenta problemáticas na organização dos seus capítulos. Ainda que seja um excelente escritor, deixa dúvidas que dividem opiniões. A dúvida acompanha até mesmo se o Segundo Isaías era pregador ou escritor.

Para Alonso Schökel (1988), a estrutura dos capítulos se “emolduram” da seguinte forma: “A obra acha-se emoldurada por um prólogo (40,1-11) e um epílogo (55,6-13), nos quais ocupa um lugar central o tema da Palavra de Deus e o do novo êxodo” (ALONSO SCHÖKEL, 1988 p.280). O autor segue a estrutura do livro onde o “corpo intermediário” do livro fica assim dividido:

A – Capítulos 40-48; com o tema da libertação da Babilônia e o retorno. Dentro desta primeira parte, os hinos<sup>5</sup>: 44,23;48,20-21.

B – Capítulos 49-55; com o tema central na restauração de Jerusalém na imagem de cidade ou esposa. Nesta segunda, parte os hinos: 52,7-10;55,12-13.

O que para Alonso Schökel (1988) resulta em uma unidade que se pode melhor entender por “quatro unidades”: 40-44; 45-48; 49-53; 54-55 (ALONSO SCHÖKEL, 1988 p.280).

Abrego de Lacy (1998), por sua vez, apresenta uma opinião diferente, as duas partes do livro não podem ser homogêneas a ponto de poderem ser entendidas com autoria de mais mãos. Por isso, termos o ciclo de Ciro na primeira parte e os Cânticos na segunda (ABREGO DE LACY, 1998, p.213).

É importante lembrar, ainda, que os capítulos 40-55 formam uma unidade de estilo e conteúdo a ponto, como fala Ballarini (1977), dos capítulos serem vistos dentro de um “plano preciso com sequência lógica e progressiva” (BALLARINI, 1977 p.168).

Os Cânticos apresentam a característica de serem diferentes em termos de gênero literário. Ainda assim, o uso literário do Segundo Isaías se resume em quatro tipos: oráculos de salvação, hino, o processo profético e a discussão. E por fim, o profeta apresenta uma continuidade entre a Palavra e o acontecimento histórico (BALLARINI, 1977, p.170).

---

<sup>5</sup> Para Ballarini (1977) estes hinos estão postos sempre nas conclusões das sessões maiores da profecia (BALLARINI, 1977 p.168).

#### 1.4 CRÍTICA LITERÁRIA DE IS 50, 4-7

O gênero literário pode ser o da confissão profética pessoal. O profeta fala de si e de sua vivência extremamente dolorosa. O metro usado é o *qiná*, próprio das lamentações, podendo ser então uma lamentação individual ou salmo de confiança (BALLARINI, 1977, p.199).

O texto está na primeira pessoa, uma fala anônima que pode ser tanto do profeta, como do Servo (BJ indica como de um sábio). Um discípulo fiel do Senhor que é incumbido de ensinar com sua vida aos “tementes a Deus”, ensinar aos judeus piedosos e também àqueles infiéis que pareciam ter perdido o rumo. Este Servo é uma personagem de força e coragem que somada ao auxílio de Deus lhe possibilitará suportar as cruentas formas de perseguição (Bíblia de Jerusalém, 2012, p. 1335, nota b). Pouco se sabe sobre o autor, apenas ser um grande teólogo, pregador, escritor, e poeta que escreve em torno do exílio e de seu retorno. Possivelmente este Deutero-Isaías ou um de seus discípulos tenha compilado seus oráculos, mas encontramos argumentos favoráveis e contra isso (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p.269).

Podemos aplicar isso especialmente às pretensas “biografias” do profeta. Muita coisa se disse a respeito dele e nenhuma delas é completamente segura. Uns afirmam que ele nasceu em Babilônia e ali terminou a sua atividade profética; na opinião de outros, ele voltou a Jerusalém após o ano de 538 e ali continuou a sua pregação recolhida atualmente em 56-66. Outros ainda pensam que ele viveu sempre em Jerusalém (Seinecke) ou em Judá (Mowinckel); e alguns inclusive situaram a sua atividade na Fenícia (Duhm, Causse) ou no Egito (Ewald, Bunsen, Marti, Hölscher). Tem sido afirmado que ele esteve na corte ou no acampamento de Ciro, que foi o primeiro missionário, que morreu martirizado, que sofreu enfermidade grave e repugnante. Tudo isto, que não passa de mera conjectura, demonstra que não deve ser a “biografia” o principal ponto de apoio para entender a obra do profeta. Nem mesmo temos certeza do seu nome, embora alguns pensem que também se chamava Isaías (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.269).

Seis preposições com sufixo de primeira pessoa constituem o destinatário “a mim”, além de um “contra mim”. Oito formas verbais estão em primeira pessoa. Também os sufixos de primeira pessoa em “meus julgamentos” e “me condenaria”.

O sujeito da ação é o Senhor – isso se repete 4 vezes dentro da mesma estrutura gramatical: Deus é o sujeito.

No centro, há 4 verbos em primeira pessoa, a partir do “eu” (vv.5b-6). As cinco proposições negativas “não” reforçam o discurso do Servo em primeira pessoa.

O texto inicia os versículos 4,5 e 7 com uma fórmula “o Senhor Deus” que é acompanhada por um verbo de ação que, por sua vez, forma duas frases binárias (“deu-me/ me abriu” e me ajuda/me ajuda”) (CROATTO, 1998, p. 229).

O vocábulo (*‘azar*) que significa força e poder é usado em referência à ação divina, e no hebraico expressa algo bem vivido e concreto, e em Deus, trata-se de um atributo essencial. Somente Deus pode dar esta qualidade aos homens, além de dar essa força, ele mesmo é essa força. A pessoa ao buscar a Presença de Deus “encontra-se com a força” (SI 105,4). Com este vocábulo se expressa que a pessoa justa está segura contra seus inimigos (SI 61,3) (DICIONÁRIO INTERNACIONAL, 1998, p. 1598).

O início da perícopé é claro, mas seu término não. O assunto que antecede (Is 50,1-3) é um oráculo divino contra Israel. E Is 50,4 expressa uma palavra profética de resistência. O início no versículo 4 aponta o tema da vocação, sofrimento, resistência e perseguição (SILVA, 2007, p. 91).

Isaías usa de expressão enérgica e gosto por detalhes (3,36) com uma plasticidade de imagens (5,26; 18,3; 30,17; 31,9...), gosta de antíteses (pequenez humana e grandeza divina, paz-guerra, trevas-luz), e usa assonâncias (5,7; 10,16; 29,2.9; 30,16). É de uma singular maestria estilística. As imagens, ele retira da vida agrícola (BALLARINI, 1977, p.90). Um poeta de bom ouvido, amante da brevidade e concisão, ao falar é incisivo com imagens originais e simples (ABREGO DE LACY, 1998, p. 103).

Seu estilo é solene, redundante e repetitivo que tende ao hino e à linguagem sapiencial o que o faz ser um poeta e profeta. Não tem elemento biográfico e até o nome é silenciado (BALLARINI, 1977, p.160).

Tem domínio sobre variados gêneros literários como oráculos de salvação (2,2-5; 4,2-6; 9,1-7; 11,1-9), oráculos de ameaça (1,2-9; 5,8-24/10,5-19), oráculo de condenação (1,10-20; 3,1-15; 7,15-25). No gênero lírico, nota-se o emprego de elegia (1,21s), parábolas (5,1-7; 28,23-28), da sátira (37,22-30) e da canção mordaz (23,26; 37,22; 28,7-13). Na narrativa temos o gênero autobiográfico (6,8), o

biográfico (7,1ss), ação simbólica (20) e o gênero sapiencial (28,23-29) (BALLARINI, 1977, p. 90).

Em termos de gênero literário ele depende de Amós e Oséias de onde aprende, portanto não os criou, contudo era tão criativo que seu modo de escrever ultrapassava em esplendor (BALLARINI, 1977, p. 91). Mas ainda, apresenta grande afinidade com o conteúdo das confissões de Jeremias, particularmente o fato de falar sozinho com o Senhor com intimidade abrindo seus sentimentos (BALLARINI, 1977, p.198).

Bettencourt (1990) escreve que a impressão que se tem é de que o autor dos dizeres está fisicamente presente aos seus ouvintes, pois lhes fala em tom vivo e caloroso (Is 50,10). Nunca dirige palavras condenatórias contra Israel, mas apenas contra Babilônia. Os oráculos de consolo são marcantes, predizendo o cumprimento das antigas promessas messiânicas (cf. 41,25-29; 46,8-12), a libertação do povo e a travessia pelo deserto em demanda da Terra Santa (cf. 41,17-20; 43,1-7; 49,7-26), a glória da futura Jerusalém (cf. 51,17-52,2; 54,1-3.11-17), a conversão dos gentios (45,14-17.22-25; 55,3-5) (BETTENCOURT, 1990, p. 341).

#### 1.4.1 O Segundo Isaías

Na introdução ao livro do profeta Isaías da TEB (1994) vemos a frase: “O Segundo Isaías, Servo ele mesmo” (TEB, 1994, p. 593). O Segundo Isaías provavelmente vive a realidade de ser deportado, perseguido e seu único conforto era Deus cujas palavras para ele primeiramente eram conforto e depois usava-as para confortar. Viver esta realidade fez do Segundo Isaías um homem forte que teve de enfrentar a maldade de outros homens (TEB, 1994, p. 593). Pouco se sabe da biografia deste Segundo Isaías, porém muita coisa se diz a respeito dele, parece prudente dizer como Alonso Schökel (1988) “não deve ser a biografia o principal ponto de apoio para entender a obra do profeta, nem mesmo temos certeza de seu nome”. Na maioria dos comentadores fica a afirmação que este profeta viveu entre os exilados no término do exílio (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 270).

A atividade do Segundo Isaías está historicamente localizada no momento em que Ciro se dirige para a Ásia, contra a Babilônia. Ciro foi recebido como o libertador por todos os habitantes da Babilônia. Deutero-Isaías está na etapa que antecede a

esta libertação gloriosa vinda por Ciro. Ou seja, os exilados estão entre as últimas forças e esperanças, a fé em crise, o ódio e a vingança se alastram, os contemporâneos ao profeta estão decepcionados com o Senhor (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 271).

Mas surge uma tensão, o profeta anuncia a esperança e chega a notícia que Ciro virá libertar do jugo da Babilônia, porém, a quem o povo irá atribuir a libertação? Ao Senhor Deus de um pequeno grupo de exilados ou ao deus do novo Império: Marduc? Ciro entra proclamando seu deus e seus oráculos. E como fica o povo que guarda a fé fragilizada? Neste contexto, o Segundo Isaías prega a Palavra (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 271).

Mesters (1981) nos ensina que a missão do Segundo Isaías acontecia entre o povo aprendendo com o povo e não como um professor. Ele vivia a realidade do povo e filtrava esta realidade passando-a pela fé. Sua presença era a de total ternura e atenção sobre o povo para consolá-lo (MESTERS, 1981, p. 81). Diante da fraqueza em reconhecer a ação de Deus, o profeta convida o povo a perceber que abandonou a Deus e se voltou para outros deuses, no fundo carregava a mentalidade do opressor dentro de si e isto fez com que a ira de Deus se voltasse contra o povo. Era necessário voltar à justiça e ao direito para ter vida e reencontrar a face de Deus (MESTERS, 1981, p. 82). Esta face é aquela do amor desinteressado. Deus é pura bondade; do poder criador, Deus é forte; da presença fiel, Deus é fiel; da santidade que exige, Deus é Santo (MESTERS, 1981, p. 86).

#### 1.4.2 Cânticos do Servo Sofredor

Aqui no Segundo Isaías tem um dado muito interessante, encontra-se o que chamam de “Cânticos do Servo Sofredor”. Estes Cânticos estão entre os capítulos 40-55. Seu assunto principal é o de um Servo que expia os pecados de seus irmãos pecadores. Estas referências ao Servo, podem ser vistas como profecias messiânicas, que na verdade faz ver um outro sentido do sofrimento; este pode recair sobre os justos, que assim prestam satisfação pelos pecados alheios (BETTENCOURT, 1990, 342). Os quatro Cânticos são apresentados desta forma:

1º Cântico: Is 42,1-4: a vocação do Servo de Javé;

2º Cântico: Is 49,1-6: os predicados do Servo de Javé;

3º Cântico: Is 50,4-9: os sofrimentos inerentes à missão de S.S.;



4º Cântico: Is 52,13-53,12 a morte e a glorificação do S.S.

Estes Cânticos, assim esparsos no bloco 40-55, parecem ter origem independente deste conjunto, que não é possível reconstituir com clareza.

O corpo intermediário está dividido em dois blocos: 40-48 e 49-55. Estes blocos possuem temas centrais, sendo o primeiro, a libertação da Babilônia e o retorno à terra prometida. Já o segundo bloco tem o tema da restauração e glorificação de Jerusalém. Dentro do bloco temos, ainda as subdivisões: 40-44; 45-48; 49-53; 54-55 (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.280).

## 1.5 CRÍTICA HISTÓRICA

Este texto está no contexto original dos deportados da Babilônia, no tempo de Nabônides, perto da chegada de Ciro, Rei dos Persas.

A narrativa acontece de 740-690 a.C. em Jerusalém. O rei Ezequias deixa de fazer a remessa de tributos à Assíria (2Rs 18,7). Senaquerib estabelece uma relação de vassalagem com Jerusalém e por isso assola toda Judá com a guerra. Nesta crise, Isaías fala ao povo, mas sua Palavra é recebida por poucos (ZENGER, 2003, p. 396).

O clima é de total conformação e falta de esperança entre as pessoas exiladas. Do lamento por terem perdido tudo, inclusive o templo, e a cidade de Jerusalém segue o estado de conformismo e aceitação de que o povo que os subjogou, sua cultura e religião é realmente mais forte que Israel (ZENGER, 2003, p. 396).

Durante o exílio na Babilônia, os Profetas já não acusavam, mas consolavam, tentavam manter a esperança no povo, ainda que estrangeiros deveriam acreditar na liberdade e na promessa de Deus. Podemos ver no "Segundo Isaías" (Is 40-55), que junto com o povo na Babilônia regavam a perseverança na esperança; cf. Is 45,1-25; 48,20-22; 50 1-11 (BETTENCOURT, 1990, p. 339). As palavras de Isaías nos capítulos de 40-55 são para fazer atraente e mais forte a fé no Senhor Deus único e Criador (ZENGER, 2003, p. 396).

Estamos no declínio neobabilônico e o poder de Ciro é crescente. Ciro faz aliança com o Egito e em 547, avança conquistando parte da Ásia Menor (Is 41.45). Ciro expande seu domínio para o leste da Ásia e chega na Babilônia, onde entra totalmente poderoso e vitorioso. Ciro foi recebido como libertador, em seus relatos

descreve as honras com que todos o recebiam. Por Ciro este povo foi libertado do jugo (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.270).

A atividade do Deutero-Isaías antecede a esta entrada de Ciro. O povo e o profeta estavam exilados na Babilônia desde 597, mas o exílio era algo que o povo não se acostumou por inteiro e o desejo de voltar, latejava em seus corações, mas ano após ano suas esperanças fraquejavam. Em 586 um novo grupo de judeus chega deportado junto aos canais da Babilônia e o salmo 36 relata este momento. Além da falta de esperança, crescia o ódio, a nostalgia e os anseios que são vistos no capítulo 49 somados à decepção do povo com Deus e com seus mensageiros, os profetas (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.271).

Com a proximidade da chegada de Ciro o povo se enche de esperança, mas o profeta confirma esta libertação, mas não pela parte de Ciro, e sim por Deus, o Senhor da história que foi fiel ao povo sofredor e exilado. Nesta problemática está o segundo Isaías (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.271).

No contexto do exílio da Babilônia, o Servo é o profeta que vive esta realidade. Ele sofre no seu próprio corpo, oferece sua pessoa, seu rosto, como forma de protesto contra a injustiça e opressão (SILVA, 2007, p. 86). Existem diferentes hipóteses sobre a identidade deste Servo, aqui é apresentada a tese que afirma ser um indivíduo histórico que não vem da classe nobre, mas alguém deportado da Babilônia. Uma pessoa que sofre a tortura e está exposto a suportar essa situação.

Ser torturado era certamente resultado de um ato grave. O texto aponta que ele fala e age “como discípulo”, vive uma missão profética. Possivelmente são dois projetos, o da Babilônia e o do Senhor, abordados neste contexto. O povo estava dividido entre se entregar ao dominador e opressor, viver a grandeza imperial da Babilônia ou lutar e resistir para viver os planos de Deus? No contexto da perícopes vemos o profeta repreende a classe alta judaica com seus planos de grandeza tentando aproximação com os poderosos no Exílio.

O profeta tenta dar suporte, pela Palavra, aos cansados e abatidos pelo jugo babilônico e sair do exílio, assumir a identidade do povo de Israel. Esta fala atrapalhou o plano dos poderosos e por isso agiram para calar sua boca que o entrega à autoridade babilônica que o agridem cruelmente (SILVA, 2007, p. 90).

Sobre a vida econômica ou os meios de produção é difícil afirmar, segundo Kessler (2009) o povo é escravo, vive dentro de dívidas que possivelmente pagam

às divindades pagãs. Nesta situação financeira a parte mais sofredora é a das mulheres, idosos e crianças. A divisão de classes se mantém dentro do cativo babilônico: senhores, agricultores e escravos. O exilado era o escravo, e, portanto, não tinha papel dominante na economia, sua função e sobrevivência se restringia à agricultura. Possivelmente os deportados foram usados como colonos agrícolas em terras da realeza da Babilônia. Ainda assim, os deportados não se “dissolveram” entre os babilônicos, ao contrário, muitos guardaram sua identidade. Em meio a seu trabalho escravo podiam, com seu duro trabalho, adquirir bens, o que aos poucos foi sendo um diferencial entre o povo do exílio, eis que aparecem o grupo se dividindo. Os exilados se organizam em colônias sob autoridade de ancião e este, com o sacerdote era responsável pelo povo (KESSLER, 2009, p.158.162).

Esta perícopa é marcada pela consolação de Deus para com o povo deportado e sofredor no exílio. Este viu a ruína de Jerusalém, mas se faz próximo o tempo de ver sua restauração, será tempo de um novo êxodo, a oportunidade de renovar a aliança. Ter suportado a humilhação de ser exilado e agora fazer a experiência do retorno é causa de esperança. Da condição de perseguido viverão a consolação, de oprimidos a salvos. Israel viu esta possibilidade pela vivência da lei. No exílio “permaneciam válidas as leis”. A não obediência da lei levou ao exílio, agora, a obediência era a esperança do retorno (FOHRER, 1982, p.389).

## 1.6 CRÍTICA REDACIONAL

O início do capítulo 50 retrata uma tensão do Senhor Deus com o povo pois ele tem “capacidade e vontade de salvar” (CROATTO, 1998, p. 222). No versículo 4 inicia o que se entende como missão e sofrimento do Servo que é consolado pelo Senhor (CROATTO, 1998, p. 229).

A pessoa de Isaías chama a atenção pelo efeito da Palavra nele (KNABENBAUER, 1887, p.252-262). Com os ouvidos abertos ele se faz obediente e então não recua diante das adversidades. O texto pode ser traduzido como v.5: “O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não fiquei revoltado, para trás não andei”. Assim, fortalecido pela Palavra, seu corpo recebe a dor, mas não se entrega ao sofrimento, v.6: “Apresentei as costas aos que me queriam bater, ofereci o queixo aos que me queriam arrancar a barba e nem desviei o rosto dos insultos e dos escarros.” A situação é de duro sofrimento, tortura babilônica pesada. Mas a

resposta do profeta é de total segurança. O profeta manteve a confiança que tinha em Deus. Enquanto era pronto para a defesa tendo Deus como aliado, v.7: “O Senhor Deus é o meu aliado por isso jamais ficarei derrotado, fico de rosto impassível, duro como pedra, porque sei que não vou me sentir um fracassado.” A imagem não engana, todos certamente o viam como fracassado, derrotado, mas não era assim que ele se via, e se sentia. De onde vinha a força do profeta? Enquanto está seguro na sua confiança, v.8: “Ao meu lado está aquele que me declara justo: Quem vai demandar contra mim? Compareçamos juntos. Quem será meu adversário? Que venha enfrentar-me!” Enquanto confia no poder do seu auxiliador que é Deus, v.9: “Eis, meu advogado é o Senhor Deus: quem vai condenar-me? Eis todos eles apodrecendo qual trapo, a traça os vai devorar.” Assim age a Palavra no ouvinte, em muitos momentos não tira a dor, a vergonha, mas não permite que se morra envergonhado, protege a alma, o coração, mantém uma seiva viva e gera nova vida.

O Senhor abriu-me o ouvido (v.5.7.9), aqui o tema falar e ouvir termina e abre a aplicação de que a Palavra ouvida deve ser proclamada, ou ao menos falada. Ela tem efeito na pessoa que ouve e fala esta Palavra. Deve permanecer, ser de tempos em tempos repetida, dita, e reavivada na pessoa.

Isaías é um Servo que enfrenta suas dores diárias. Ele busca diariamente a Palavra que indica o caminho, orienta os passos, fortalece para a luta e a resistência firme contra os opressores. Aqui se evidencia a importância da repetição das palavras: manhã, manhã, e desperta, desperta (MESTERS, 1981, p. 98).

A mensagem de Isaías está para a situação que o povo passa em cada momento. Contudo, Isaías é o profeta que se mantém na Presença de Deus. Deus é para Isaías, o Santo dos Santos que está próximo de seu povo. A palavra “santo” ocorre 35 vezes é tida como “condutor teológico” (ZENGER, 2003, p. 396). Como próximo dos seus, tem um amor que não tolera divisão, ou seja, idolatria. O amor de Deus em Isaías é um amor ciumento. Ele cuida do seu povo Israel como o amante a sua noiva (ZENGER, 2003, p. 397). Ao povo, cabe somente viver esta realidade, tanto no campo religioso, como político. É reprovada por Deus a confiança em si, nas armas e em outros deuses. A atitude que Deus espera do povo é uma fé vigorosa que se consolida na calma e humilde confiança. Calma, fé e confiança porque Deus é Santo, é poderoso e se faz presente, seus desígnios ainda que

pareçam confusos são os mais sábios e necessários para nós, TEB (1994). Por ser Santo, exige a prática do bem (ZENGER, 2003, p. 397).

A visão teológica de Isaías circula em temas principais como:

- 1- *O Deus santo* – conceito excelso de Deus (6,1);
- 2- *Escolha de Israel* – um povo especial entre as nações (1,2; 30,9);
- 3- *Plano divino* – O Senhor governa seu povo e tudo acontece pelo plano divino (28,23-29; 29,23;)
- 4- *Orgulho e outras culpas são punidas* – os pecados são punidos com a privação de bens (3,18-23). Outra forma de punição é fechar o coração dos ouvintes assim não podem compreender a Palavra de Deus (6,9; 29,9);
- 5- *A fé* – mesmo durante a opressão assíria se apoiam em Deus (8,16; 10,20...);
- 6- *O Reino de Deus* – o Senhor restituirá o seu povo (30,20.26; 32,1; 33,6);
- 7- *O Messias, descendente de David* – será um sinal da graça para a sua terra (28,16.17; 7,14; 8,8) (BALLARINI, 1977, p.114-170).

A mensagem de Is 40-55 é que se trata especificamente de um grande poema em torno do exílio que destaca a grandeza de um segundo êxodo, maior que o primeiro. Então, se destaca a ação salvífica de Deus na história que vence as mais fortes resistências e crueldades (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.273).

Aqui se vê que o crer e o esperar se enlaçam, e a base dessa confiança é a Palavra do Senhor, sua eficácia, a obediência a ela, pois sua mensagem sempre se cumpre (ALONSO SCHÖKEL, 1977, p.274).

Não se pode ver a passagem de Is 50, 4-7 como uma punição ao contrário, uma purificação do povo, algo de caráter medicinal (BALLARINI, 1977, p.178).

No verso 4, o destaque teológico aparece para a relação entre discípulo e mestre. O Servo recebe de Deus a Palavra e a comunica aos homens, ainda que em silêncio, com sua vida e sofrimento que ele livremente oferece. A missão do discípulo é amparar o cansado e para isso ele recebe a ação do Espírito que lhe desperta o ouvido para ouvir o Senhor e o povo (BALLARINI, 1977, p.200).

Outro dado teológico é a paciência v.6. O profeta sofre agressões físicas e morais, recebe a injúria máxima que é o escarro no rosto e, como Servo se oferece para receber toda esta injúria. O Servo não desfalece porque confia no auxílio do Senhor (BALLARINI, 1977, p.200).

Segundo Mesters (1981), esta passagem é tida, teologicamente, como “a espiga da história: tempo de luta e de espera”. É a postura de quem está sempre disposto e a espera do que a missão pede e nada pode fazer um discípulo recuar, nem as mais cruéis torturas e, em todo tempo, levar uma Palavra de conforto e esperança aos que sofrem (MESTERS 1981, p. 107).

## 1.7 CONTEXTO ATUAL VITAL

A Palavra de Deus é hoje a fonte de força ao cansado, oprimido e injustiçado. Ela é dada diariamente como o pão de cada dia que se precisa. O fato do texto ter a primeira pessoa anônima oferece a possibilidade para que cada ouvinte fiel da Palavra queira viver como discípulo fiel do Senhor. O discípulo fiel é aquele que antes de falar, ouve a cada manhã, ou seja, a primeira coisa, a mais importante é ouvir, receber a Palavra de Deus para depois falar. Ele ouve, ouve do mestre, existe uma pessoa de onde vem a Palavra.

No texto, a referência à língua aparece antes do ouvir. Mas a língua vem como dádiva do Senhor, ou seja, para falar é preciso ter condições, instrumento que vem de quem enviou para a batalha. E este instrumento é preparado a cada manhã na recepção da Palavra. A expressão se refere à língua eloquente de um sábio, ou erudito, alguém preparado para ensinar. Este discípulo não tem outra fonte de força, somente a Palavra do Senhor que ele recorre a cada manhã, por isso, a importância da repetição: manhã, manhã, desperta, desperta (SILVA,2007, p. 93).

O profeta sintonizado com a Palavra de Deus sabe obedecer e não resiste, pois certamente não era fácil segui-la. A humilhação que o profeta passa por ser maltratado é no contexto de injustiça e não de humilhação merecida. Ser acusado de algo que não se fez é motivo de vergonha (v.6). Os castigos eram claramente de índole de agressão, desonra e humilhação. Assim, têm por meta não apenas maltratar o físico da pessoa, mas sua dignidade, quebrar a pessoa por dentro, retirar toda sua segurança e dignidade, porém mesmo em meio a este tipo de tortura, o torturado continua dono de si, a narrativa é de um vencedor e não de um humilhado, ele oferece a face, ele oferece o dorso, ou seja, na dor resiste, e fala até na tortura. Esta força, o sofredor reconhece que vem do Senhor, por seu auxílio ele levanta a cabeça. Seu rosto transparece a força, “rosto de pedra”. Pelo rosto ele mostra sua

oposição ao opressor. Ele mostra que o socorro do Senhor o torna mais forte que a dor (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 330).

A proposta de reflexão deste trabalho se encontra no contexto do Segundo Isaías, ou Deutero-Isaías (40-55). No Segundo Isaías, a mensagem de libertação é dita, a libertação do jugo babilônico é certa e o retorno à terra de Israel é um momento glorioso. Aqui acontece a passagem da humilhação para a exaltação. Dentro do Segundo Isaías temos a divisão de duas fases. Nosso assunto se encontra na segunda fase cuja mensagem principal: de perseguidos a consolados, de oprimidos a salvos, começa um tempo de restauração. O próprio Isaías é dito o Servo que deportado e perseguido encontrou no Senhor, o reconforto, a força para reconfortar o povo cativo e dar voz à esperança. Claro que ao profetizar neste contexto foi hostilizado e maltratado, mas ainda assim foi fiel à fidelidade de Deus e sempre mais reforçava ao povo acreditar em Deus (TEB, 1994).

Isaías se apresenta como o Servo obediente. A Palavra modificou sua vida (Is 50,4-9) como modificou a de Abraão, Moisés, Jeremias (Gen 12,1ss; Ex 3,7-10.11s.13s.; 4,1.10.13; Jer 1,4-12). Diferente dos que ouvem, mas a vida segue no mesmo curso, como se nunca tivessem ouvido algo para modificar, como vemos em Is 6,9-10; Lc 8,34-37. Até mesmo entre os anjos alguns seguem a Palavra, outros se rebelam contra ela. Isaías ao contrário, ouviu fisicamente, escutou, quer dizer, reconheceu a verdade em sua vida e obedeceu, por isso sua vida se modificou. Então, Deus oferece a Palavra para todos, chama a cada um, mas as consequências chegam conforme cada um se porta ante a ela.

De fato, por que a Palavra favorece o bem e a harmonia na pessoa? Porque ela penetra. Porque é a Palavra de Deus, e seu falar causa ser, a realidade, seu falar é criativo ou, como Bento XVI (2010) explicou largamente, porque ela é Deus mesmo (Jo 1,1-2) ou uma Pessoa, portanto, ativa. Mas muito mais com o desejo de amar e enriquecer do que julgar e condenar: Ela toca a ferida para curar como um óleo curativo. Mais que isso, a Palavra de Deus tem efeito ativo, vivo por que ela é vida (Hb 4,12). O povo de Deus experimenta que nos momentos de dificuldade e desânimo, desorientação, o Senhor a envia, e o cura, livra do que é mortal (Sl 107,20).

Hoje a Palavra continua abençoando e traz saúde. O efeito da Palavra sobre o ouvinte pode ser tão assertivo que se pode usar o termo “farmácia espiritual” fazer uso da Palavra pode motivar e favorecer a recuperação. Por ela, as pessoas

encontram o caminho para sair de suas doenças e descobrem o sentido do sofrimento quando dele não se pode escapar, assim viveu o profeta Isaías e com ele podemos aprender. A Palavra falada ou ouvida ajuda na cura da pessoa. No processo resiliente que é dar sentido aos sofrimentos da vida, o centro do tratamento é a Palavra falada e ouvida (CICLO DA VIDA).

Fenomenologicamente, escutar e ser escutada é para a pessoa humana uma fonte de cura (CABODEVILLA, 1980, p. 17-116). Com relação à fala por si, o homem é um ser social, ora, a comunicação se realiza pela Palavra, e ela tem dois lados, a pronunciada e a escutada. O mundo da pessoa pode ser:

a) de silêncio, na natureza, no deserto ou nas regiões montanhosas com pouca população;

b) Ou de barulho demais pela acumulação de povo, e nos últimos séculos, pelas máquinas ruidosas e mais recentemente, pelos últimos meios técnicos em que até silêncio e ruído são unidos: comunicação pelas imagens e sem som.

Os efeitos também são condizentes com o mundo em que a pessoa vive:

a) de excesso: uns são faladores ... e nunca dão ao outro espaço para falar, têm a primeira e última palavra e, conseqüentemente, não escutam; logo geram doenças, opressão, complexo de inferioridade, ansiedade e outros;

b) por defeitos: são silenciosos demais, fechados em si, de modo que as palavras faladas não são acolhidas. Os que só ouvem e não falam adoecem, pois quando a boca cala, o corpo fala. Ou seja, quem não fala adocece.

“O Senhor vem em meu auxílio e me cura”, Isaías 50,4-7. Deus chama o povo eleito, Israel, de volta do seu exílio (48,20-21.22 e 49,1.7-26 e assim adiante: 51,1.4.7.21, 52,8), mas espera que acolham a sua Palavra, isto é, a sua vontade, e lhe obedçam (Is 50,1-3). Seu convite ou pedido torna-se explícito pelo profeta (Is 50,4-9). Já no v.10 se diz: “quem teme o Senhor, escute ao seu Servo que merece ser escutado devido o testemunho de sua fidelidade”<sup>6</sup>. E no v.11 diz: “e os que seguem suas próprias vontades” e v. 11 “no sofrimento morreréis” e “é por Mim que isso há de acontecer”. O profeta Isaías foi escolhido para fundamentar este assunto por se tratar de uma ação do próprio Senhor, Ele mesmo agiu sobre este profeta, escolheu-o, “O senhor abriu-me os ouvidos”. Ele é reconhecido como um profeta

---

<sup>6</sup> Se dá duas provas – na maneira hebraica, quer dizer a mesma coisa em duas formas, no escuro ou sem luz e com confiança e esperança: “mesmo caminhando no escuro, sem luz que o ilumine, confie no nome do Senhor, ponha em Deus sua esperança (50,10).



especial. De fato, os grandes mestres ensinam a ver longe em seus ombros, e hoje, todos são chamados a serem profetas (exemplos) para os outros; a realização plena desse “Profeta” encontramos em Cristo, a quem todos são chamados a seguir (“Deivos um exemplo” Jo 13,15-17).

Todo este contexto de Isaías depende da confiança em Deus, de ser firme na Palavra ouvida. O homem é obra de Deus deve escutá-lo e seguir sua mensagem. Desobediência e pecado faz vulnerável ao sofrimento, humilhações, doenças que levam a morte.

Hoje a psicologia ensina que para dominar e não ser dominado a aceitação é como chave para a saúde mental do Homem. Esta chave é necessária como resposta à cruz, à dor. A aceitação é o ponto decisivo no equilíbrio interior e no evitar que se forme qualquer complexo psicológico que depois é difícil de desfazer. Pois dela depende a liberdade ou o sentir-se prisioneiro, a alegria e flexibilidade ou ter um bloqueio (neurose) e tornar-se triste, a paz ou inquietude (se observamos: estes são os primeiros frutos do Espírito Santo).

Ninguém tem bola de cristal para saber como será o dia, que lutas enfrentará ou vitórias conseguirá. Assim, receber uma mensagem diária de Deus é um refrigerio para a mente e o coração. O termo para se referir a esta constante referência da Palavra de Deus nas atitudes e escolhas diárias de uma pessoa é: pensamento condutor. Trata-se de um tema, como um refrão que se repete muitas vezes ao dia, a começar pela manhã, se entendido os termos militantes, uma lente para ver e entender a vida a partir dos desígnios e a da Palavra de Deus.

Neste contexto em que crescem os que pensam a Religião interagindo com a saúde e terapia integrativa, coloca-se a importância que tem a palavra de Isaías. Ela vem lembrar o papel curador da Palavra de Deus na vida do crente.

Na verdade, antes de falar do papel curador, se faz necessário apontar para o diagnóstico como se vê em Mt 13,4-8:

“<sup>4</sup> Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho; e os pássaros do céu vieram e comeram tudo. <sup>5</sup>Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra; logo brotaram, porque a terra era pouco profunda; <sup>6</sup> mas quando o sol se levantou, ficaram queimadas e, por lhe faltarem raízes, secaram. <sup>7</sup> Outras caíram entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram. <sup>8</sup> Outras caíram na terra boa e deram fruto, uma cem, outra sessenta, outra trinta por um. <sup>9</sup> Quem tiver ouvidos, ouça!”.

Esta passagem fala das diferentes disposições do ouvir ou da abertura para a Palavra, o diagnóstico de nossos ouvidos:

- a) ou mais geral: pela vontade de Deus;
- b) ou, ainda mais geral, para alguém (o que não se encontra naqueles que são absorvidos em si);
- c) seja por soberba ou por pensar de ter “reservado o Espírito Santo para si, com o “dom da infalibilidade”;
- d) seja por doença (ou soberba escondida) ou depressão;
- e) seja por decepção – tantas decepções que se sofre que não se pode ou quer mais confiar em ninguém;

Este primeiro dado do modo de ouvir é indispensável para que a Palavra tenha efeito sobre o ouvinte. Aquele que ouve pode estar sob tal situação que o ouvir seja impossível. A cura é um efeito do ouvir, é o resultado da terapia após o ouvir.

Na Sagrada Escritura este dado do ouvir é tão importante que o primeiro livro, Gênesis 3, mostra que pela desobediência à Palavra de Deus, o homem se perdeu, pecou e foi distanciado de sua presença e assim adoeceu, sofreu as intempéries da vida (BENTO XVI, 2010, p.26).

Positivamente, a cura do homem está no abrir os ouvidos, recuperar a união pelo amor que logicamente se manifesta no ouvir e obedecer a Palavra (Jo 15, 7-11; 1 Jo 5,3). O ouvir afeta a parte mais íntima<sup>7</sup>, a profundidade do coração, onde a pessoa precisa encontrar com Deus para de fato encontrar força e sentido.

Este ouvir produz frutos de alegria, e esperança. O corpo que é regado pela alegria e esperança tem maior possibilidade de suportar o que não pode mudar.

É necessário afirmar que a Palavra de Deus pode colaborar na cura da pessoa. Pesquisas comprovam isso, mas o interesse hoje é favorecer as pesquisas na dimensão espiritual das pessoas. A medicina, a ciência em geral alcançou grandes avanços na cura de doenças que ameaçavam a humanidade, mas o progresso não foi o mesmo em questões dos males do coração, como solidão, culpa, decepção, angústia.... talvez ingenuamente se diga que a saúde do espírito é algo que Deus reservou para Ele conceder aos seus filhos. A ação que vem de Deus por meio de sua Palavra não é apenas imediata, é também preventiva (3Jo, 2) pois uma vez que ela entra no coração, ela modifica a pessoa e assim a sua vida (Hb 4,12; Sl 107,20). A proposta não é substituir o auxílio e o poder de tratamentos medicinais ou psicoterapeutas, ao contrário, é intuito somar e acrescentar a estas

---

<sup>7</sup> Lugar onde se encontra alegria e dor, preocupação e alívio, etc... também está muitas vezes pela pessoa inteira, ou o “Eu”; e merece atenção por também ser sensível pela vida emocional.

ações válidas, os princípios curativos da Palavra.

Assim como todos desejam a cura para seus males físicos, a Palavra é para todos (Is 50,2ab). Ainda que nem todos escutem ou respondam, dado que a pessoa é criada para a liberdade, ela é dada a todos. Deus respeita a liberdade, e por isso fala, mas não obriga, orienta para a liberdade de querer e então cobra a obediência (CIC 450;1705;1731).

## **2 CAPÍTULO 2: CONTEXTO DA ÉPOCA DO SEGUNDO ISAÍAS NO EXÍLIO DA BABILÔNIA**

No segundo capítulo pretendemos abordar a figura do profeta Dêutero-Isaías dentro do contexto do Exílio da Babilônia. Partimos de alguns dos dados políticos da época e em seguida consideramos que a profecia insere-se no mundo da religião e então nos detemos na questão do culto no primeiro e segundo Isaías, uma vez que o primeiro interfere no segundo.

O estudo da missão do profeta no período do exílio é o ponto central, o que tratamos na terceira parte deste capítulo. Essencial para entender o contexto do profeta Isaías é entender um pouco dos Cânticos do Servo, o que faremos na quarta parte deste capítulo.

Em resumo, este capítulo contempla o Segundo Isaías no auge de sua missão, ao levar ao povo exilado uma palavra de consolo e esperança.

## 2.1 A QUESTÃO POLÍTICA NA ÉPOCA DE ISAÍAS

Temos diversas possibilidades para falar do contexto da época dos profetas. Iniciamos pensando na questão política que era para os profetas um foco de especial atenção (SICRE, 2016, p.75). Embora a política, não fosse a preocupação específica dos profetas, muitos assuntos lhes interessavam, mas de modo particular o foco de sua atenção se centrava nas questões culturais que eram alteradas por causa da política (SICRE, 2016, p.76). Diversas eram as pontuações proféticas conforme o profeta e a sua época.

Para situar o Servo sofredor no exílio babilônico, precisamos retomar a hipótese já exposta no I capítulo, segundo a qual, o livro de Isaías se divide em três partes, em épocas diferentes. A teoria, originalmente proposta por Duhm, citada por Sicre (2016) teve muita aceitação na academia. O primeiro Isaías (Is 1-39) seria da época histórica do profeta, século VIII a.C. O segundo Isaías (Is 40-55), já de um discípulo ou de um círculo de discípulos do profeta, seria da época do exílio babilônico. E o terceiro Isaías (Is 56-66), seria da época persa, no pós-exílio (SICRE, 2016, p.189. 279.310; BALLARINI, 1977, p.109, ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.93).

O Primeiro Isaías corresponde aos capítulos 1-39. Nesta seção, o bloco 36-39 forma um apêndice de caráter histórico e tem seu paralelo em 2Rs 18,13-20,19. Alguns consideram que Isaías não tenha escrito esta parte, pois se relata

acontecimentos supostamente posteriores à sua morte. A ordem cronológica dos fatos exigiria que os cc. 38-39 fossem lidos antes de cc. 36-37 (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.112; BETTENCOURT, 1990, p. 340).

Esta parte de Is 1-35, supõe as condições históricas em que viveu o profeta Isaías no séc. VIII a.C. Suas profecias são datadas por volta de 701 a.C. Consta de várias coleções de dizeres, dispostas sem muita lógica cronológica. Grande parte desses oráculos deve ter sido redigida pelo profeta Isaías, como comprovam os textos de Is 30,8; 8,1 e os c 6-8 (que contém traços autobiográficos). Para outros, porém, certas seções de Is 1-35 receberam sua forma literária definitiva por parte dos discípulos do profeta (cf. Is 8,16). Estes, formavam círculos que mantinham viva a mensagem de Isaías. Possivelmente estes grupos teriam confrontado entre si os discursos do mestre e os reuniam em coleções de acordo com o assunto abordado. É possível que essas diversas coleções só tenham sido coletadas em um volume após o exílio (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.112).

Is 1-35, ou o Primeiro Isaías, apresenta profecias messiânicas que impressionam. Em Is 7,10-25, o Messias aparece como o Emanuel (Deus conosco) que há de nascer de uma jovem (que no texto grego dos LXX é traduzido como "virgem"); cf. 7,14. Em 9,1-7 nasce o Menino prometido como "Admirável conselheiro, Deus Forte, Pai do século futuro, Príncipe da Paz" (cf. 9,5). Em 11,1-9 "um ramo sairá da cepa de Jessé" (Jessé, *Yeshai*, pai de David) e produz um rebento, que é o Messias (BETTENCOURT, 1990, p. 340).

No contexto do proto-isaías podemos ver a temática do ouvir a Palavra e a obedecer desde sua vocação, quando ainda muito jovem soube entender e falar dos desígnios de Deus, certamente por já viver próximo a ela. Na primeira seção (1,2-5,24), Isaías escreve exaltado e acusa o povo de não entender, não conhecer o Senhor por não ouvir: "mas Israel é incapaz de conhecer, o meu povo não é capaz de entender" (Is 1,3). E logo anuncia a solução para este mal, chamando o povo para ouvir a Palavra e então viver a partir dela e não com falsidades e aparências (Is 1,10-20). Destaca a obediência à Palavra: "Se quiserdes obedecer, comereis fruto precioso da terra. Mas se recusardes e vos rebelardes, sereis devorados pela espada! Eis o que a boca de lahweh falou." (Is 1,20). Na vida do proto-isaías, nas escolhas pessoais seguia "demonstrando que toda existência do profeta está a serviço da mensagem que Deus lhe encomenda". Por obediência, soube denunciar

os grupos dominantes e defender “com paixão” os oprimidos, órfãos e viúvas (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.102).

Feitas estas considerações Isaías se impõe como um dos maiores profetas do Antigo Testamento. E de fato, admiravelmente constituiu discípulos em torno de sua Palavra (SCHREINER, 1978, p. 212).

O Segundo Isaías compreende os capítulos de 40-55 do livro de Isaías. A situação histórica suposta por Is 40-55 difere da do séc. VIII (Is 1-35), do Primeiro Isaías, nos seguintes critérios citados por Dom Estêvão:

- a) Os reinos de Samaria e Judá já não existem; os seus cidadãos foram despojados e deportados, em castigo de suas infidelidades; cf. 42,18-25; 43,5-7 26-28; 47,8, 52,S;
- b) Jerusalém e o Templo estão destruídos e a sua restauração é anunciada: cf. 44,26-28, 45,13; 49,15-17. 19; 52,9;
- c) A nação que retém os judeus, é Babilônia, opulenta e arrogante, mas prestes a cair em ruínas; cf. 47,5-9.
- d) O rei Ciro da Pérsia parece conhecido aos leitores, Javé o dirigirá contra a Babilônia; cf. 46,1-13, 47,1-11. Os leitores são estimulados à confiança e à alegria, pois se aproxima o fim do exílio; cf. 40,10s 27, 41,10-13; 46,12s; 48,20 (BETTENCOURT, 1990, p. 341).

De modo amplo, podemos perceber na mensagem do Deutero-Isaías a importância e uso da temática do ouvir e obedecer a Palavra. O povo no exílio está cansado e sem esperança. A mensagem é de renovar o povo e para isso precisam escutar a Palavra e a partir dela pautar suas ações. Isaías acusa o povo de surdez (42,18-20). A surdez impedia o povo de acreditar. A surdez vinha do sofrimento, porém o profeta acusa o povo de não ter guardado no coração os grandes feitos de Deus. Seu anúncio é retomar a grandeza da ação de Deus ao longo da história, ou seja, retomar os feitos do Senhor (Is 40, 28). O povo precisa ouvir de novo, obedecer e acreditar na Palavra de Deus, pois ela age sobre seu povo (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.298).

Nos capítulos 56-66 do livro de Isaías, temos o Terceiro Isaías ou Trito-Isaías. Diferencia entre Is 1-35 e Is 40-55 por seu fundo histórico, por sua temática e seu estilo. Porém, estes dois Isaías são entendidos e relacionados por Gottwald como “mestre e discípulo” (GOTTWALD, 1988, p. 459). Este Terceiro Isaías consola e exorta os judeus recentemente repatriados do exílio. O povo, agora na Terra Santa, forma uma comunidade religiosa; No entanto, Israel não consegue ser fiel à Lei do Senhor; está desanimado diante dos obstáculos que se opõem à reconstrução do Templo e da Cidade Santa; os próprios anciãos e maiores se mostram indignos de suas funções. Não obstante, o profeta reafirma as antigas promessas do Senhor,

principalmente as que se referem à nova Jerusalém, ponto de convergência tanto dos judeus fiéis como dos pagãos convertidos a Deus na era messiânica (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.354).

A situação histórica de Isaías 56-66 parece não ser mais a mesma do exílio da Babilônia (587-538 a.C.). Elencamos alguns elementos históricos que Dom Estêvão apresenta que fazem pensar como a situação histórica de Is 56-66 já não é a do exílio (587-538 a.C.).

- a) O povo se encontra instalado na montanhosa e acidentada região da Palestina (Is 57,5-7), ao contrário das planícies da Babilônia, irrigadas por belos canais;
- b) Jerusalém se acha parcialmente povoada, mas ainda não devidamente reconstruída (cf. 60,10; 61 4);
- c) As cidades menores da Terra Santa ainda se encontram devastadas; (cf. 64,9);
- d) O Templo Santo ainda está em ruínas (cf. 64, 10s), embora já se pense em reconstruí-lo (cf. 66,1); por outro lado, fala-se do templo já reconstruído (cf. 56,5-8; 58,2; 62,9; 66,6.20); que serão famosos centros do culto (cf. 60,7.13);
- e) O povo vive angustiado não por causa da opressão de inimigos, mas em virtude da infidelidade dos próprios judeus (cf. 57,3-5; 59,9-12, 61,1-3, 63,18s);
- f) Os chefes da comunidade ocupam-se mais consigo do que com o povo; (cf. 56,10-12);
- g) Contudo, o Senhor enviará sua salvação, mas não por obra de Ciro ou do Servo Sofredor (cf. 60,22; 61,1-3; 62,7s, 66,12s) (BETTENCOURT, 1990, p. 343).

Ao ler Is 56-66, pode-se perceber que Isaías deixa de ser propriamente o Consolador, para ser também Pastor, Doutor e Salmista. Cabe a ele lembrar as severas exigências do culto e da Lei do Senhor, em particular o sábado (Is 56,2,4-6; 57,6-12, 58,13s; 65,1-8, 66,3s). Repreende os idólatras e infiéis (Is 56,8-57,13; 58,1-5; 66,17). Recita profissões de fé e de penitência (Is 59,1-4; 63,7-64,11). Transmite instruções a respeito do jejum e da oração (Is 8,1-12).

Também se crê que o bloco 56-66 seja um conjunto de oráculos devido a diversos autores, que deram origem ao livro chamado "o Terceiro" (o Trito-Isaías). De certa forma, no Trito-Isaías está a parte prática, mais concreta da vivência da Palavra. Não se alimenta agora o sentimento de esperança, mas as atitudes de conversão a partir da Palavra onde a exigência é da justiça.

É a mim que eles buscam todos os dias, mostram interesse em conhecer os meus caminhos como se fossem uma nação que pratica a justiça, que não abandona o direito estabelecido pelo seu Deus, pedem-me leis justas, mostram interesse em estar junto de Deus (Is 58,2).

Deus exige do povo atitudes coerentes e, por elas, Deus promete ouvir as preces do povo. É agora necessário saber e praticar. A temática do ouvir segue

necessariamente a ordem de ouvir (conhecer), entender (aceitar) e por fim viver (obedecer) por onde se tem uma proximidade com Deus (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.367).

Que diferentes mãos tenham feito Isaías não temos dúvida, mas ele entrou no cânon bíblico como um único livro (TEB,1994). Que tem suas diferenças, mas também sua unidade. Ainda assim, se deve dizer que a última redação do volume se deu após o exílio, no máximo no final do século IV ou no início do III a.C. (a tradução grega iniciada no ano 250 a.C., já conhece o livro completo); os últimos redatores terão formulado não só o Terceiro Isaías, mas também confirmado as outras duas partes e introduzido, sobretudo na primeira parte, outros textos, dando ao conjunto a forma estilística doutrinária que atualmente o caracteriza. Deste modo, embora se distinguindo três partes do livro, este apresenta elementos que, ligando as três partes, lhe conferem unidade (CERESKO, 1996, p. 200).

O livro de Isaías deixou profecias messiânicas tão vivas que Isaías é chamado "o Evangelista do Antigo Testamento" (BETTENCOURT, 1990, p. 342). Destacamos o papel de Isaías em um todo para entendê-lo e então levar o leitor ao tema do ouvir a Palavra e seus efeitos em quem a ouve.

Vemos Isaías consciente e muito fiel no anúncio de que Jerusalém era da dinastia davídica, pois os profetas ouviram essa Palavra por longos anos e anunciaram essa verdade de fé. Contudo, isso não faz calar Isaías diante da corte soberana no que se refere aos seus abusos e incoerências. Isaías questiona e denuncia os poderosos e sua injustiça encoberta por belas ofertas e holocaustos como vemos nos textos. O que lhe custará tormentos, torturas e humilhações, ao que resistirá fiel à Palavra e impassível diante dos algozes.

<sup>3</sup>O boi conhece o seu dono, e o jumento a manjedoura do seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, meu povo não é capaz de entender. <sup>4</sup>Ai, nação pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Raça dos malfeitores, dos filhos pervertidos! Eles abandonaram o Senhor, desprezaram o Santo de Israel, e afastaram-se dele. <sup>5</sup> Onde podereis ser feridos ainda vós que perseverais na rebelião? Com efeito, toda a cabeça está contaminada pela doença todo coração está enfermo; <sup>6</sup>Desde a planta dos pés até a cabeça, não há lugar são. Tudo são contusões, machucaduras, e chagas vivas, que não foram espremidas, não foram atadas nem cuidadas com óleo. <sup>7</sup>Vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, vosso solo é devorado pelos estrangeiros sob vossos olhos, e é desolação como devastação de estrangeiros.<sup>11</sup> O que me importam vossos inúmeros sacrifícios?, diz o Senhor. "Estou farto de holocaustos de carneiros e da gordura de bezerras cevadas; no sangue de touros, de cordeiros e de bodes não tenho prazer. <sup>12</sup>Quando vindes à minha presença, quem vos pediu que pisassem em meus átrios? <sup>13</sup> Basta de me trazer oferendas vãs: elas são para mim incenso abominável. Lua nova, sábado e assembleia, não posso



suportar falsidade e solenidade! <sup>14</sup>Vossas luas novas e vossas festas, minha alma as detesta: elas são para mim um fardo; estou cansado de carregá-lo. <sup>15</sup>Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós meus olhos; ainda que que multipliquem a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue. <sup>16</sup>Lavai-vos! Purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal e aprendei a fazer o bem <sup>17</sup>aprendam a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva (Is 1, 3-8.11-17).

Para este profeta, a fidelidade a Deus passa por uma estabilidade que não aprova a política com estrangeiros. Naquele tempo, os reis de Damasco e Samaria se uniram e propuseram a Jerusalém somar forças nesta união contra os assírios, que foi chamado de guerra siro-efraimita (DONNER, 1997, p.352). Para Alonso Schökel (1988) este título é impróprio porque por ele se entende uma guerra entre sírios e efraimitas ou entre Damasco e Samaria, porém, o fato é que houve uma coligação siro-efraimita contra Judá (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.99). Neste contexto, para Acáz ficaram duas possibilidades: somar forças nesta aliança contra a Assíria ou reforçar a força da Assíria contra todos os seus inimigos. Eis que Acáz preferiu se unir aos assírios. Neste momento, o papel do profeta era unir a política à vida religiosa do povo e especialmente do rei. O profeta propõe ao rei uma possibilidade nova: ficar imparcial entre as partes e se confiar ao Senhor. Confiar é ter fé, ter fé é obedecer, ouvir a Palavra e esperar no Senhor. Isaías critica o terror e o orgulho dos assírios, estamos por volta de 722 a.C.

Ai da Assíria, vara da minha ira; ela é o bastão do meu furor posto nas suas mãos. Contra uma nação ímpia a enviei; a respeito de um povo contra o qual eu estava enfurecido lhe dei ordens, para que o saqueasse e o despojasse, para que o pisasse como a lama das ruas. (...). Pois bem, quando o Senhor concluir toda a sua obra no monte Sião, e em Jerusalém, ele dará ao rei da Assíria os castigos do fruto do seu coração arrogante e da soberba dos seus olhos altivos (Is 10, 5-6.12).

Eis o profetismo de quem o Segundo Isaías herda sua missão e insiste que uma dinastia se mantém na fidelidade ao Senhor e não em suas próprias forças (Is 7,9; 8,12-14). A escolha de Acáz não foi palavra do Primeiro Isaías, mas as forças da Assíria, e claro, o resultado foi desolador (Is 7,20; 10,5-6). As consequências são desoladoras para todas as partes. Isaías sofre ao ver que o rei prefere desconfiar do que sempre foi certo para se entregar a uma força bruta que ninguém deteria (Is 8, 6-8) (DONNER, 1997, p.354). As consequências da não obediência, do não ouvir a

Palavra proferida por Deus e mediada pelos profetas são devastadoras. Politicamente o povo sofre pelo não ouvir.

Isaías não era obediente ao Senhor apenas no falar os seus desígnios, ele também agiu profeticamente em obediência. É conhecido o relato em que o profeta, para alertar Ezequias, caminha nu e descalço para indicar o fim dos que serão exilados por aceitar fazer aliança com o Egito (Is 20). Isaías prevê a derrota do rei ao se confiar à aliança egípcia (SICRE, 2016, p.38; DONNER, 1997, p.356).

Este profeta aparece avesso às alianças em toda sua missão, porém não vemos menção do medo do sincretismo religioso e sim, da temática da confiança e obediência ao Senhor que em si é o ouvir profético. Ainda que as motivações fossem religiosas, as locuções do profeta se tivessem sido aceitas teriam poupado muito o povo de tamanha destruição. Se os reis tivessem se mantido impassíveis ou neutros diante das alianças políticas não teriam provocado visivelmente a ira dos inimigos que eram mais fortes, o que resultou em grande sofrimento para todo o povo, marcando assim, a história de Israel. As mensagens de Isaías motivavam à fé, mas eram proféticas politicamente (SICRE, 2016, p.39). Com isso é evidente a missão do profeta que não é uma pessoa iludida e com a cabeça nas nuvens, ao contrário, tinha uma visão ampla e correta da situação, e podia prever o futuro (SICRE, 2016, p.43).

A obediência do profeta, a escuta da Palavra leva certamente o povo a uma fidelidade a Deus, porém poupa muito sofrimento pessoal e social, pois de Deus para seu povo só pode vir bondade. Pela dureza de coração e não escuta de Deus dada por Isaías as consequências da guerra foram graves, e do esplendor, o povo se viu em tempos de terror e dores e escuridão (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.100). Acáz não ouviu a perspicácia e discernimento político de Isaías o que resultou na guerra siro-efraimita. Alonso Schökel chega a dizer que após o fato, Isaías silenciou até a morte de Acáz (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.106) como se lê em Is 8.

Com efeito, assim falou Iahweh, tomando-me pela mão e admoestando-me a que não andasse no caminho deste povo. Conserva fechado o testemunho, sela a instrução entre os discípulos. Aguardo a Iahweh, que esconde a sua face da casa de Jacó, nele ponho a minha esperança (Is 8,11.16-17).

O papel político do Primeiro Isaías e depois, em sequência, do Segundo Isaías foi lembrar a fidelidade do povo para com o Senhor Deus, já que este se mostra sempre fiel. Fidelidade é palavra profética de todos os tempos. Fidelidade é

obediência, obediência é ouvir atentamente. Sempre que o povo se mostra infiel percebe as desgraças que lhe sobrevêm, aqui se fala de um método pedagógico de Deus. O profeta não anuncia a vingança ou capricho de um Deus, mas o desejo da fidelidade do povo que recebe tanto do seu Deus que quer vida abundante aos seus filhos (SICRE, 2016, p.422). Isaías chega a falar do amor e fidelidade após a traição e infidelidade (Is 49,14). O Segundo Isaías falará da restauração do amor após o exílio. Será, então, o tempo do monoteísmo. Conforme diz Sicre (2016), após o exílio, a afirmação javista de adorar o único Deus será mais clara e evidente nos discursos proféticos (SICRE, 2016, p.200). O discurso do profeta será evidentemente voltado ao pedido de fidelidade a Deus, pois os ídolos só levam à humilhação e à escravidão da pessoa que os busca (SICRE, 2016, p.422). Será repetir ao povo sempre de novo: escuta Israel!

Isaías 50,4 diz: “De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos”. Da mesma forma em outros textos como Dt 4,1; 5,1 e ainda no próprio Isaías 51,4: “Atendei-me, povo meu; nação minha, dá-me ouvidos; porque de mim sai a lei, o meu mandamento é luz dos povos”. A temática é do anúncio da salvação que vem do Senhor e não dos poderosos. Só poderá viver esta salvação quem a ela dá ouvidos, crê. E ainda Is 51,7: “Ouvi-me, vós os entendidos no direito, o povo que leva a minha lei no coração: não tenhas a afronta dos homens não desmaieis pelos seus insultos”. Por causa da Palavra, que é dada aos que estão no mundo, sofrerá perseguições, então passará pelo sofrimento e recebe dela a coragem (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 332).

Verdade é que viver a missão profética é levar uma palavra, mas teriam os profetas como abastecer-se dela sem antes receber? Como dar uma palavra de consolo sem antes recebê-la? Mensagens proféticas não surgem da boa vontade do profeta, mas da providência divina que fala e espera que seja escutado. Se assim não for, podem deixar-se levar, como fizeram os poderosos do tempo de Isaías, pelo orgulho, confiar nas forças estrangeiras e não no Senhor (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.329). Portanto, assim como para Isaías em seu tempo e para todo o povo ao longo da história da Salvação é necessário sempre, de novo, ouvir o Senhor.

## 2.2 O CULTO NO TEMPO DO PRIMEIRO E SEGUNDO ISAÍAS

A questão cultual é uma temática típica dos profetas. Cabe ao profeta não apenas perceber externamente, mas internamente se a pessoa vivencia o que se faz no culto. Nisto, o Primeiro Isaías apresenta e será seguido pelos seus discípulos, ou escola e sobressai em seus discursos:

O Senhor disse: visto que este povo chega a mim com palavras e me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim e a sua reverência para comigo não passa de mandamento humano, de coisa aprendida por rotina, o que me resta é continuar a assustar este povo com prodígios e maravilhas; a sabedoria dos seus sábios perecerá e o entendimento dos seus entendidos se desfará (Is 29, 13-14).

Ter o coração longe é ter os ouvidos fechados ao que Deus tem a dizer hoje ao povo. Ter o coração longe é viver o automatismo de leis que podem matar e oprimir se não forem relidas à luz da Presença de Deus. Em Isaías, o culto deve vir de dentro, ou seja, lábios e coração se sintonizam. Esse culto harmonizado é fruto de uma vida íntima com o Senhor. Culto que é aprendido na comunidade, porém vem da relação pessoal, em Isaías, diária e, portanto, não é mecânico e impessoal. A graça de Deus vem sobre o dia a dia das pessoas “Deus se ergue sobre as rotinas com sua ação maravilhosa” (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.231).

Tudo o que é aprendido, sabido fora da graça e presença de Deus, caduca. Por mais sábio que fosse no passado, se não for retomado na obediência e intimidade de Deus pode ser perdido no tempo e pode matar e destruir quem vive nesta realidade. A vida do povo deve ser atualizada e vivida dentro do contexto da Palavra de Deus, que mesmo antiga é nova, renovada a cada dia. Por isso, ela deve ser ouvida atentamente a cada manhã, não para ser seguida mecanicamente.

Sicre (2016) descreve que a “fidelidade que se exige não é mais a da unidade do culto, mas a sua sinceridade, coerência e veracidade”. O culto que se espera deve ser o que louva a Deus e não do que faz barganhas com Ele. A forma do profeta perceber a honestidade e veracidade de uma pessoa no culto era olhar sua vida, se esta pessoa praticava a justiça e o direito. Isaías destaca esta prática (Is 5,1-7) e não mede esforços para corrigir e denunciar práticas injustas que, na verdade, são frutos de um falso culto a Deus (SICRE, 2016, p.51).

Isaías apresenta a característica muito forte de viver consciente da grandeza e seu esplendor de Deus contraposto à realidade do homem, marcado por sua fragilidade. Em Isaías, este encontro acontece graças à fidelidade e bondade de Deus que se volta para o homem, para seu povo, pela Palavra, e cabe ao homem responder ouvindo e vivendo a partir desta. Como diz Alonso Schökel (1988), “o

fundamental em Isaías é o fato de ele desejar provocar no povo o encontro com Deus, a plena aceitação do divino no humano”. Eis a grande graça de um verdadeiro culto, de um verdadeiro ouvir a voz de Deus (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.111).

### 2.3 O PROFETA NO EXÍLIO DA BABILÔNIA

Pensar o Exílio babilônico é fazer memória do que vem a ser o exílio para este povo e de como esta realidade, ainda que dolorosa, pôde fortalecê-lo na experiência do ouvir a voz do profeta que anuncia a Palavra de Deus (SILVA, 2016, p. 261.262).

O povo judeu viveu a realidade da deportação e viu suas terras sendo retiradas e suas obras e grandes construções destruídas por duas vezes. Para referir-se ao exílio, apela-se, com frequência, à experiência do êxodo. A saída do exílio seria, nessa leitura, um novo êxodo, semelhante à passagem da escravidão do Egito para a Terra Prometida. Primeiro, é o do povo que sai do Egito guiado por Moisés, segundo, o povo que sai da Babilônia guiado pela profecia do Segundo Isaías; terceiro, é o “êxodo salvífico” onde o povo é guiado pelas profecias e que é “uma caminhada existencial de conversão” (SILVA, 2016, p. 261.262). A saber, o primeiro em Israel no século XIII a.C. e o segundo no século VI a. C, depois o terceiro, no século I com Cristo atuando na história. É belo ver que a interpretação do exílio é feita sobre a memória do êxodo, saída, mudança, com a experiência que ele possibilitou o povo viver, num conjunto de saída, caminho e chegada. Essa experiência do êxodo marca a história de tal modo que podemos falar de “experiência fundante” e marco para o reinício ou começo de uma nova vida.

Isaías faz essa releitura do êxodo em sua profecia, apresentando o “novo êxodo”. Deutero-Isaías é visto pelos estudiosos como o “grande profeta do novo êxodo” e em várias citações, o paralelo entre o primeiro e o segundo Êxodo pode ser feito (SILVA, 2016, p. 266.270).

Com efeito, assim diz lahweh: sem paga fostes vendidos, sem dinheiro haveis de ser resgatados, pois assim diz o Senhor lahweh: em tempos antigos foi ao Egito que meu povo desceu e peregrinou ali. Mais tarde a Assíria o oprimiu. Mas agora que tenho a fazer aqui? – Oráculo de lahweh – porque meu povo foi levado sem paga, seus dominadores cantam vitória – oráculo de lahweh – e continuamente, durante todo o tempo, meu nome é desonrado. Por isso meu povo reconhecerá meu nome, por isso ele saberá, naquele dia, que sou o que diz: “Eis-me aqui.” Mas não saireis apressadamente, não deveis partir como fugitivos, porque lahweh irá à vossa frente, o Deus de Israel será vossa retaguarda (Is 52, 3-6.12).

Neste padrão canônico de (libertação da escravidão – caminhada pelo deserto – posse da terra), a ação do Senhor para a libertação do povo é a sua Palavra (Is 55,11). Ainda que para libertar o povo existam oposições e inimigos, nada o derrota e é nesta “segurança” que se inicia e conclui a missão profética (ABREGO DE LACY, 1998, p.215).

Mesmo que Deutero-Isaías veja a grandeza da ação de Deus que liberta o povo e crê nessa promessa, porque é discípulo fiel da Palavra e ainda carrega em sua fala e modo de escrever o ser refinado voluntarioso e retórico, parece inteligente e seguro (RAVASI, 1989, p.109), a mensagem de Isaías de 40-55 está envolvida pelo contexto do declínio do império Babilônico e a ascensão da Pérsia. Ainda que se saiba muito pouco da biografia de Deutero-Isaías existe uma conformidade de pesquisas a respeito de que este profeta atuou no período do declínio do império da Babilônia (SICRE, 2016, p. 310). Do declínio da Babilônia para a ascensão da Pérsia temos um meio termo e aí encontramos o Deutero-Isaías. O exílio da Babilônia pesava ao povo judeu.

Os anos centrais do século VI a.C. caracterizam-se pela rápida decadência do império neobabilônico e pelo aparecimento de uma nova potência, a Pérsia. Esta mudança de circunstância atinge o seu ponto culminante no ano de 539, quando Ciro entra triunfalmente na Babilônia. A atividade de Deutero-Isaías desenvolve-se nos anos anteriores a esta vitória (SICRE, 1996, p. 310).

A primeira coisa que os textos nos falam a respeito do exílio da Babilônia é que foram muitos os exilados. O Segundo Livro dos Reis fala de 17.000 pessoas (2Rs 24,14.16). Jeremias fala do número das pessoas e conta o número de 4.600, sabendo que podemos não estar contando as mulheres e crianças, portanto, imaginemos que esse número seja um pouco maior. O número dos exilados é discutível, nos detemos apenas em dizer que uma parte da população foi exilada, a parte que os babilônicos consideravam mais importante e possivelmente a maior parte tenha ficado (FOHRER, 1982, p.400).

“Nossa herança foi dada a estranhos, nossas casas a estrangeiros” (Lm 5,2). Existe muito a pesquisar e estudar sobre o exílio, por ora nos detemos na visão da perda que esse povo sofreu e a falta de entendimento sobre o que lhe acontecia. Sobre a forma de vida dos exilados, temos informações limitadas. Eles tinham a liberdade cerceada por viverem em terra estrangeira, mas podiam, dentro de suas

colônias, de certa forma, desenvolver-se e provavelmente viviam como arrendatários da terra a eles confiada (SCHWANTES, 1987).

O que podemos ainda desenvolver é o sentimento de perda que o povo sofre. O que o povo deixou em Jerusalém é mais valioso no sentido afetivo, moral e religioso, do que material. Valores como o de poder sepultar os seus, viver na terra prometida, prestar o culto no templo, estar em Jerusalém e sobretudo, a dor de ver perder a terra e o povo. Ver a destruição da pátria, antes prometida e entregue em grandes vitórias e agora debaixo da dolorosa ruína. Teria Deus se esquecido de seu povo? Retirou sua promessa? Alguns salmos mostram a imagem do povo na dureza e dúvida de fé deste momento, como o Sl 60; 74; 123;77; Is 24,20; Is 51,17; uma descrição dos sentimentos e situações difíceis pelas quais passou o povo de modo comunitário e pessoal (FOHRER, 1982, p.383)

Esse é um momento típico em que parece que o povo não ouve mais, não está em condições de reforçar a sua fé pela escuta. Diante de tantas tribulações seria a hora propícia para ouvir os relatos antigos de como o povo sofreu e ainda assim saiu vitorioso, porém neste momento, não foi assim, o povo não escutou a Palavra de Deus.

O povo estava sofrido, fraco e sem forças para lutar diante da força dos babilônicos. Segundo Solano Rossi, o povo não estava fraco somente pelo contexto da guerra e invasão, “há queixa de que os nobres enfraquecem as mãos do povo” (ROSSI, 2008, p.60). O cerco militar babilônico registra corte de alimentos a tal ponto que gerava um caos social e de fome. Enfraqueceu o povo e impôs uma situação de grandes sofrimentos.

Ainda que nos pareça, não foi a população e Judá toda para o exílio, na verdade temos uma parcela quantitativa maior que ficou ou a “parcela qualitativa mais significativa” (SCHWANTES, 1987, p.156).

O povo vive o sofrimento gradativo desde o cerco ao exílio em terra estrangeira. De condições miseráveis a uma certa prosperidade. De passar por fome, canibalismo, sofrimento de crianças inocentes, violência e abuso de mulheres, assassinato de sacerdotes e profetas, enforcamentos, degradação de idosos, dentre tantos outros sofrimentos, gradativamente o povo se estabelece na Babilônia (FOHRER, 1982, p.400).

A Babilônia invade Jerusalém por volta do ano de 597 a.C. O motivo é a falta de pagamento de impostos que o rei Joaquim, de Judá, negligenciou.

Nabucodonosor foi implacável, retirou com cativos o rei, sua corte, militares, ricos proprietários e toda riqueza do templo de Jerusalém (2Rs 24).

Socialmente, os exilados eram organizados em aldeias (cf. Ez 3,15). Pelos escritos de Jeremias podemos até entender que os exilados gozavam de uma certa liberdade. Esta liberdade não é a de poder viver livremente, era de poder trabalhar, reunir o povo para o culto e orações, salvando assim, suas tradições (cf. Jr 29; Ez 8,1; 14,1). Economicamente os judeus entre os babilônicos aos poucos foram se organizando e alguns conseguiam ter uma qualidade de vida.

O perigo era por estar em local estrangeiro e conviver com a religião estrangeira. Neste período era necessário reforçar a fé. Neste, vemos o destaque ao culto do sábado, a circuncisão, a pureza ritual. Cresce o espírito nacionalista (Is 40, 1-2).

No início do Exílio, o povo alimentava a esperança de retorno à terra de Israel, alimentava a fé e esperança com muita facilidade na expectativa do retorno à terra e da queda do império da Babilônia (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 271).

<sup>2</sup>Uma visão sinistra foi-me revelada: O traidor trai e o devastador devasta. Sobe, Elam, sitia, ó Média! Pus fim a todo gemido. <sup>3</sup>Eis por que as minhas entranhas se contorcem, contorções se apoderam de mim como as de parturiente; estou tão confuso que não consigo ouvir, estou tão fora de mim que não consigo ver. <sup>4</sup>Meu coração está desvairado, o terror me subjuga; a hora do crepúsculo, tão desejada, se me torna um pavor. <sup>5</sup>A mesa está posta, os lugares estão dispostos; come-se e bebe-se. De pé, príncipes! Untai os escudos! <sup>6</sup>Com efeito, assim me falou o Senhor: “Vai, põe de prontidão um espia! Ele anunciará o que vir! <sup>7</sup> Ele verá carros e cavaleiros aos pares, caravanas de jumentos e caravanas de camelos; ele que preste atenção, muita atenção.” <sup>8</sup> O espia gritou: “ no posto de vigia do Senhor estou de prontidão o dia todo, no meu posto de guarda estou de pé a noite inteira. <sup>9</sup>Pois bem, o que vem vindo são homens em caravanas e cavaleiros aos pares.” Ele acrescentou: “Caiu, caiu Babilônia! E todas as imagens dos seus deuses ele as despedaçou no chão!” <sup>10</sup> Ó tu que foste malhado, produto da minha eira, aquilo que ouvi da parte de lahweh dos Exércitos, Deus de Israel, isto te anuncio (Is 21, 2-10).

Aos poucos, esta esperança foi enfraquecendo. O povo viu fenecer seus ânimos e foram desanimando e enfraquecendo por verem uma segunda e depois, terceira deportação. Da esperança foi surgindo o ódio àquela situação que se instaurava (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 271).

A temática do exílio desponta agora com a queda da Babilônia, mas o povo não consegue ter esperança. O povo parece ter se acostumado com a situação tão escura e difícil. Em meio a estas imagens desoladoras desponta a voz do profeta para anunciar o que ouve, no tempo em que o Senhor deseja falar (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.198). A esperança do povo só não se perderia se fossem fiéis a



cada dia, como relata Isaias 50, 4: “manhã, pós manhã”. Mas não foi isso que aconteceu, certamente os afazeres diários, as tensões da adaptação foram tirando o povo da Palavra de Deus e isso os afastou da fé, da esperança.

Crescia no povo a nostalgia, o anseio pelo retorno e a constante memória por tudo que ficara para trás (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 271). Podemos evocar a realidade de quem carrega o peso de uma vida intensamente vivida na liberdade e glória se ver limitado e humilhado no contexto do exílio. Aos poucos a nostalgia não encontra sentido, as lembranças vão ficando cada vez mais distantes da realidade dura e opressora e da nostalgia à falta de esperança caminha o povo no exílio.

A falta de esperança em quem? Nos líderes? Nos sacerdotes? Não, faltava confiança no Senhor, naquele que outrora tinha feito tanto pelo povo, e agora parecia estar distante, ausente à dor do povo (Is 49,14). O povo não ouve mais, a Palavra fica distante, irreal para eles. O norte e o sentido para todas as realidades se perdeu, o povo se perdeu em suas dores, já não escuta a Palavra.

Esta realidade da falta de esperança, nostalgia, desânimo é a realidade que envolve o profeta, o Dêutero- Isaias (sec. VI a.C.). Sua vida e missão fora chamada pelo Senhor para renovar as esperanças do povo. O profeta deve lutar contra a resistência do povo a esperar (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 274).

Chamado pelo Senhor em meio a esta dura realidade, também ele exilado o que lhe é oferecido como arma para levar o povo a mudar? Quais forças o profeta tem? Sua força, sua esperança é o Senhor e a Palavra é sua única e segura arma para a missão de levar esperança ao povo.

<sup>8</sup>Seca a erva, murcha a flor, mas a Palavra do nosso Deus subsiste para sempre. <sup>9</sup>Sobe a um alto monte, mensageira de Sião; eleva tua voz com vigor, mensageira de Jerusalém; eleva a voz, não temas; dize às cidades de Judá: “Eis aqui o vosso Deus!” <sup>10</sup> Eis aqui o Senhor lahweh: ele vem com poder, seu braço assegura a sua autoridade; eis com ele o seu salário, diante dele a sua recompensa. <sup>11</sup>Como o pastor ele apascenta o seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam (Is 40,8-11).

O Servo está neste contexto e anuncia esta Palavra de esperança. Estamos em Isaias 49 com aquele que se proclama “profeta-Servo, escolhido para libertar e reunir o povo que sofria com a conjuntura da Babilônia” (SILVA, 2013, p.94).

O Segundo Isaias passa por uma dificuldade de anunciar a confiança e resignação. Anuncia que Deus tem a intenção de renovar a experiência do povo de ser liberto (RAVASI, 1989, p.116). Para isso, deveria ensinar o povo a ouvir, não

uma vez, mas sempre a cada dia, retomar a Palavra até que ele se encarne na realidade e dê vida a ela.

O exílio não é eterno, tem seu retorno, e a palavra principal é êxodo. É o que chamamos de volta ou saída do povo rumo à terra prometida. O grande êxodo é a volta do povo do Egito para a terra prometida que foi a grande libertação da escravidão do Egito. Porém, é também entendido como êxodo, a volta do povo exilado na Babilônia quando em 538 a. C. o povo tem a liberdade de retornar a Jerusalém. O êxodo de uma ou de outra forma só é possível quando o povo escuta, obedece a Palavra de Deus e executa suas instruções. Só é possível sair, quem ouve ou entende que é chegada a hora de ir. A hora certa, a hora da graça só percebido por aquele que está atento à Palavra do Senhor.

Mas agora, escuta, Jacó, meu Servo, Israel que eu escolhi: Assim fala o Senhor, que te fez, que te modelou desde o seio materno e que te ajuda: Não tenhas medo, meu Servo Jacó, o Reerguido, aquele que eu escolhi, pois eu derramei águas sobre o sedento, torrentes sobre a dessecada; derramarei o meu Espírito sobre a tua descendência, a minha bênção sobre os teus rebentos; eles hão de crescer em plena vegetação, como os salgueiros à beira dos cursos d'água. Um dia dirá: "eu pertenço ao Senhor", outro se chamará com o nome de Jacó, outro escreverá em sua mão: " Eu sou do Senhor", e se qualificará com o nome de Israel. (Is 44, 1-5).

Isaías procura reanimar o povo e o convite se inicia com a "escuta", abrir os ouvidos é aquecer o coração. Se o povo escuta, pode reanimar, ser "fecundo e vigoroso". E será tão forte esta adesão que se vive uma nova eleição e o povo responde inteiramente, de corpo e alma a tal ponto de deixar ver por uma marca corporal ou dizemos hoje pelo testemunho diário (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p.304). Nos capítulos 40 a 55 estamos no contexto de uma crise de fé e o findar do exílio. O povo já se encontra, de alguma forma, acostumado ao contexto do exílio e sem esperança do retorno à pátria. O povo corre o perigo de, passados os anos de espera, viver a revolta e o lamento por estarem exilados, e ainda reconhecer nesta situação de exílio e escravidão a conformidade desta realidade. Começa a ser aceitável que o deus dos babilônicos era mais poderoso, que havia uma superioridade nesta cultura e civilização e que não tinha mais sentido manter os costumes que o Senhor havia dado ao povo com sua história. O tempo e o povo se encontraram na Babilônia e parece que nestes capítulos, o profeta vê o povo se entregando à realidade da civilização na babilônica. Toda a temática que veremos neste contexto está envolta ao chamado à fé, a reconhecer a presença do Senhor junto a seu povo ao longo da história, desde a criação (ZENGER, 2003, p. 396).

O Segundo Isaías é aquela voz que clama neste contexto. É o porta-voz do Senhor junto ao povo que caminha, mas não entende o caminho, que vive, mas não entende a vida que vive. Que crê, mas já não sabe se crê ou vale a pena crer. “O Senhor me abandonou, meu Senhor me esqueceu!” (Is 49,14). O profeta ouve fielmente, entende o caminho a ser tomado, sabe da verdadeira vida e crê que Deus irá restaurar o povo ao seu verdadeiro lugar (Is 44,1-5). O Senhor precisou de um ouvido atento, precisou de uma pessoa que guardasse a fé para, como uma pequena chama, incendiasse a todos pelo fogo da confiança e fé. “Escuta-me vós, as ilhas, prestai atenção, populações de longe: o Senhor me chamou desde o seio materno” (Is 49,1). Esta fidelidade do profeta não se deu por grandes teofanias. A fé do Segundo Isaías foi alimentada pelo ouvir a Palavra a cada manhã, manhã após manhã (Is 50,4). O que ele ouvia, os relatos, os feitos de Deus para com o povo, e esse ouvir alimentou e fortaleceu sua fé o suficiente para leva-las a outros. “Ele me disse: “Meu Servo, és tu, Israel, através de quem eu manifestei o meu esplendor” (Is 49, 3).

#### 2.4 OS CÂNTICOS DO SERVO E OS GRAUS DO OUVIR

No livro do segundo Isaías encontramos o que se conhece como peças líricas: os Cânticos do Servo. Os Cânticos são repletos da realidade do ouvir e obedecer em momentos e graus diferentes. Estes Cânticos podem ser encontrados e divididos da seguinte forma: 42, 1-4[5-9] aqui, no Primeiro Cântico, vemos as qualidades do Servo, aquele que é animado pelo Espírito, sendo, o primeiro grau daquele que ouve; ouvir o que o Espírito tem a dizer, não é ouvir-se, e sim ouvir o Espírito, ser íntimo d’Ele.

Eis o meu Servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu Espírito, ele trará o direito às nações. Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante, com fidelidade trará o direito (Is 42, 1-4).

Em Is 49, 1-6, no Segundo Cântico, temos a missão e vocação do Servo. Sua pregação traz luz e salvação, o segundo grau do ouvir é falar a partir do que se ouviu, sua missão se baseia naquilo que o Senhor lhe inspira, a Palavra é do Senhor e não do profeta. Toda ação do profeta brota de uma ação do Senhor sobre ele e, desde então, o profeta é aquele que sempre dirá: “assim diz o Senhor”.

Desde o seio materno lahweh me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou meu nome. De minha boca fez uma espada cortante, abrigou-me à sombra de sua mão; fez de mim uma seta afiada, escondeu-me na sua aljava (Is 49, 1-2).

No Terceiro Cântico, em Is 50, 4-9[10-11] vemos os sofrimentos que o Servo passa em sua missão, perseguições e torturas, ele tudo suporta, graças ao auxílio divino. O terceiro grau do ouvir é obedecer, obedecer é a parte prática, é o ato concreto. Aquele que ouve não vive de ilusões e fantasias, vai para a vida real, seja ela como for. O Servo obedece plenamente ainda que em meio a tantas torturas e espera, confia na Palavra.

O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios de barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros. O Senhor lahweh virá em meu socorro, eis por não me sinto humilhado, eis por que fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido (Is 50, 5-7).

No Quarto canto, Is 52, 13-53,12, vemos o Servo na passagem de humilhado a glorificado; o quarto e último grau do ouvir é a alegria de ter cumprido a Palavra, saber que é verdade, viver a plenitude da Palavra e saber que valeu toda dor e todo tormento, é a alegria daquele que ouviu e foi fiel, a recompensa do Servo, do profeta é a presença do Senhor e esta presença faz feliz e vitorioso.

Eis que o meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmas à vista dele- pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de um homem – assim, agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido (Is 52, 13-15).

Ter a divisão dos quatro cânticos é mérito de B. Duhm que a indicou, mas não solucionou questões a respeito da mesma. Temos aqui quatro cantos e uma infinidade de interpretações. Neste trabalho, nosso ponto de estudo e pesquisa refere-se ao ouvir, por isso, daremos destaque apenas a algumas das interpretações feitas a respeito dos Quatro Cânticos. Aqui vale a palavra de Ridderbos (1995) de que o raciocínio é tudo, menos conclusivo (RIDDERBOS, 1995, p.32).

De modo geral, podemos dizer que os Cânticos se complementam, formam um harmonioso conjunto. O primeiro e o segundo cantos se relacionam e dialogam, da mesma forma que o terceiro e o quarto. Neles, a aparição e fala do Senhor é variada. No primeiro e segundo, Deus apresenta o Servo e no segundo e terceiro é o próprio Servo que se expõe

O conteúdo dos Cânticos centra-se no Servo Sofredor, o Servo do Senhor. Este Servo tem a missão de reunir o povo e ser para ele luz e consolo. O centro da pregação do Servo é a volta à verdadeira fé. Com sua vida, tem a missão de expiar por sua morte os pecados do povo e recebe de Deus a glorificação (BIBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 1239).

Sobre o autor dos Cânticos, sua delimitação, a identidade do Servo, e sua relação com o contexto não há uma unanimidade de opinião.

No Primeiro Cântico do Servo, Ravasi (1989) abre ao leitor a possibilidade de ter uma nova referência, a de Ciro como aquele que media a aliança de Deus com o povo (RAVASI, 1989, p.121). Em todo caso, convém acentuar a imagem como aquele que movido pelo Espírito faz a ponte entre a realidade divina e humana e tem a missão de manter viva a linha da história da salvação (RAVASI, 1989, p.120).

<sup>1</sup>Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu Espírito, ele trará a direção às nações. <sup>2</sup>Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas; <sup>3</sup>não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante, com fidelidade trará o direito. <sup>4</sup>Não vacilará nem desacoçoará até que estabeleça o direito na terra, e as ilhas aguardem seu ensinamento (Is 42, 1-4).

Como o Servo cumpre sua missão? Diferentemente dos anteriores, o Servo conta unicamente com a graça de Deus, existe uma certeza para o Servo: que Deus lhe é próximo, íntimo, todo envolto e apoiado pelo Espírito Divino. A ação do Servo é guiada pelo Espírito, o juízo é de Deus e não do Servo (BEAUCAMP, 1988, p. 120). Portanto, o discurso do Servo não é grande em retórica, conta com a graça e oferece de si toda sua convicção e resistência (RAVASI, 1989, p.121). A imagem apresentada do Servo é contrária à do povo. O Servo não desanima diante das dificuldades.

Quanto ao conteúdo da Palavra do Servo no Primeiro Canto, temos duas possibilidades. Conforme a interpretação dogmática, a missão do Servo é levar aos homens o conhecimento de Deus. E conforme a ética, a mensagem do Servo seria conduzir o povo a uma nova e reta conduta (SICRE, 1996, p.313).

A conduta pública do Servo nas três primeiras orações é o que se destaca. Diferentemente dos profetas anteriores este será convidado a silenciar, não proclamará, não denunciará. Em seguida, sua conduta é de misericórdia (imagem da cana rachada e da chama que não será apagada). Por fim, seu comportamento será equilibrado pela força e constância. Todos estes atos irão se intensificando e

concluindo ao longo dos Quatro Cantos. Claro que gradativamente veremos o esforço e sofrimento do Servo e conseqüentemente ao final, sua glorificação (SICRE, 1996, p.312).

Mesters (1981) destaca neste Primeiro Canto, os principais recursos para o êxito na missão: “apoio e presença de Deus (42,1), o dom do Espírito Santo (41,1) o poder criador (42,5) o compromisso de Deus com a justiça (42,6)”. Para Mesters (1981) é importante o primeiro passo da resistência vivido neste Canto (MESTERS, 1981, p. 47).

Para Ballarini (1977), todo este Primeiro Canto retrata a missão do Servo. Logo, no v.1 o destaque daquele que é amado e escolhido pelo Senhor, ser escolhido é ser amado e os mais ilustres são amados e amparados pelo Senhor. Recebe para a missão o Espírito que dá coragem e força (BALLARINI, 1977, p. 193).

A pessoa do Servo será serena no modo de anunciar. Terá cuidado com o modo de anunciar e não deixar que ninguém enfraqueça. Mesmo tendo zelo para com o povo a ele confiado o Servo sofrerá fadigas e delas sairá com coragem (BALLARINI, 1977, p. 194).

O Segundo Canto do Servo apresenta problemas sobre sua delimitação. Alguns delimitam o Canto até o versículo 6, outros, por sua vez, o estendem até os vv. 7-9. Estamos no Segundo Canto, porém a temática do primeiro é aqui retomada. O diferencial está no fato de fazer ecoar ou insistir na missão do Servo. O Servo é chamado por Deus para anunciar e ser luz e, ainda que não ouçam, deve ser fiel e confiar no Senhor. A temática da luz, Ballarini (1977) apresenta como muito importante na Revelação Divina, as teofanias são luminosas. A luz segundo este autor é identificada com a paz e prosperidade, ou seja, a salvação (BALLARINI, 1977, p. 198). É insistente a temática de que o Servo é convocado, chamado amorosamente pelo Senhor e ainda mais acentuada a imagem quando remete ao tempo, desde sempre, desde que o Servo foi concebido no ventre materno. Ballarini (1977) fala deste canto com o “gênero literário de narrativa autobiográfica de vocação” (BALLARINI, 1977, p. 195).

<sup>1</sup>Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção! Desde o seio materno lahweh me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome. <sup>2</sup>De minha boca fez uma espada cortante, abriu-me a sombra de sua mão; fez de mim seta afiada, escondeu-me em sua aljava. <sup>3</sup>Disse-me “Tu és meu servo, Israel, em quem me glorificarei.” <sup>4</sup>Mas eu disse: “Foi em vão que eu me fatiguei, de balde, inutilmente, gastei as minhas forças.” E no entanto

meu direito está com lahweh, meu salário está com o meu Deus. <sup>5</sup> Mas agora disse lahweh, aquele que me modelou desde o ventre materno para ser o seu servo, para reconduzir Jacó a ele, para que a ele se reúna Israel; assim serei glorificado aos olhos de lahweh, meu Deus será minha força! <sup>6</sup> Sim, ele disse: “ Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49, 1-6).

Agostini destaca a narrativa da vocação com seus “dons característicos e encargos recebidos” dados pelo YHWH. Destaca, ainda, doutrina de Deus como o início e o fim e por isso ele chama os seus escolhidos (AGOSTINI, 2004, p. 37). O Servo se reveste de autoridade, pois não age por seu nome, mas em nome do Senhor (AGOSTINI, 2004, p. 42).

Mesters (1981) fala do Segundo Canto como um segundo passo denominado o da aceitação da missão é o início da esperança nascendo no povo por meio da prática do direito e da justiça (MESTERS, 1981, p. 74).

O discurso está narrado em primeira pessoa. O Servo é solene ao convocar à sua audição e destaca o tempo de ocultamente antes da missão (BALLARINI, 1977, p. 196). A aparência do Servo aqui é profética que tem a Palavra como arma de combate, a espada e a flecha, trata-se de armas ofensivas e não simplesmente defensivas. A espada é instrumento de luta corpo a corpo, atinge aqueles inimigos próximos, que avançam e se fazem perto demais. A flecha, por sua vez, ataca os inimigos mais distantes, deste modo, a imagem usada indica que o Servo é preparado pelo Senhor para a guerra e será eficaz em qualquer situação (AGOSTINI, 2004, p. 38). Como em toda missão, o profeta sofre a oposição, o cansaço na missão (v.4) e somente no Senhor é que encontra a força e esperança aquele que garante a recompensa por toda fidelidade a glória só pode vir do Senhor (v. 4) (RAVASI, 1989, p.122). Para Ballarini (1977), o Servo pensa sobre sua missão e constata um certo fracasso, portanto sua aparência é de desânimo, e no mesmo v. 4 ele se mostra aberto a reanimar e olhar somente para o Senhor, sua única recompensa (BALLARINI, 1977, p. 197).

É interessante a pesquisa de Agostini que apresenta a leitura de Watts, que, por sua vez, mostra YHWH como Senhor da história e dos povos. Sua ação e senhorio exalta ou humilha, faz caírem ou erguerem imperadores e assim realiza os seus planos salvíficos. Isto é apresentado pois parece fraco o desejo de Ciro de libertar e fazer o bem ao povo de Israel, assim fica evidente que quem conduz a história é o Senhor (AGOSTINI, 2004, p. 47).

<sup>4</sup>O lahweh me deu língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos. <sup>5</sup>O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. <sup>6</sup>Ofereci o dorso aos que me feriam as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros. <sup>7</sup>O Senhor lahweh virá em meu socorro, eis por que não me sinto humilhado, eis por que fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido.<sup>8</sup> Perto está aquele que defende a minha causa. Quem ousará mover ação contra mim? Compareçamos juntos! Quem é meu adversário? Ele que se apresente! <sup>9</sup>É o Senhor lahweh que me socorrerá, quem será aquele que me condenaria? Certamente todos eles se desgastarão como uma veste: a traça os devorará (Is 50, 4-9).

Neste Terceiro Cântico, o Servo é quem pessoalmente nos fala e ele aparece muito semelhante a Jeremias e sua missão profética de sábio fiel ao Senhor mesmo em meio aos sofrimentos e perseguições. Seu gênero literário, segundo Ballarini (1977) é o da confissão profética pessoal que é a mesma de Jeremias (BALLARINI, 1977, p. 199). Ravasi (1989) até nos apresenta um paralelo interessante entre os dois profetas: v. 5b e Jr 20, 9; v. 6a e Jr 11, 18-19; 15,15; 18, 20-22; 20,10; 5b e Jr 15,10; 207-8; v. 7 e Jr 1.20;20.12; vv. 8-9a e Jr 11,20; 20,12; v. 9b e Jr 20,11. Da mesma forma será o relato vocacional através de uma Palavra do Senhor. Então, “é por excelência um homem da Palavra” (RAVASI, 1989, p.123). Quem ouve o que diz este Servo fiel? É o povo agora desanimado e sem esperança, é o povo que viu o exílio babilônico ir engrossando as fileiras do povo rumo às terras babilônicas e que fraquejou na fé em Deus, daquele que outrora retirou o povo do jugo do Egito. A maior missão do Servo neste terceiro cântico é ser ele mesmo um sinal de fidelidade, de esperança e resistência. Então vemos sua face, sua pessoa sofrendo torturas e, no entanto, com o rosto impassível e confiante na força do Senhor. O porta voz da Palavra sofre na carne duras perseguições e se diz certo do socorro que vem do Senhor. Ser desprezado e maltratado pela Palavra parece ser um infortúnio dos que a ela servem. Porém todos são tão conscientes e certos de algo que lhes fortalece e sustenta em todas as situações: a presença de Deus.

Segundo Silva (2007), o sujeito das ações é o Senhor e a pessoa que recebe estas ações é um “indivíduo histórico” da classe baixa que sofre violência. Este Servo sofre por não favorecer a classe alta judaica e mesmo em meio ao sofrimento leva uma palavra de conforto e consola o povo maltratado pelos poderosos (SILVA, 2007, p.89).

Mesters (1981) tem no Terceiro Canto o passo importante de executar a missão onde o Servo está mais unido a Deus e o escuta atentamente nas



necessidades dos irmãos, e então, ser um canal de conforto e esperança (MESTERS, 1981, p. 107). Despertar os ouvidos é uma intervenção do Espírito, fala Ballarini (1977), o Servo é aquele que recebe a revelação divina não uma vez, mas sempre e não tem dificuldade de assumir o sofrimento e o peso de sua missão ele está preparado e é dócil ao seu jugo (BALLARINI, 1977, p. 200).

No Quarto Canto do Servo é o tema do sofrimento que é retomado em sua dolorosa imagem.

<sup>13</sup>Eis que meu servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas.<sup>14</sup>Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem – <sup>15</sup> assim, agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido.<sup>12</sup>Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão (Is 52, 13–53,12).

O texto inicia com a certeza da vitória e da superação de todo sofrimento pelo qual o Servo passou certamente marcado por uma fé revelada, a certeza de que não se é abandonado, a fé então é “intelectual” é uma adesão de mente mais do que de fato que se vive no momento (BALLARINI, 1977, p. 205).

Em seguida o texto trata fala dos sofrimentos passados pelo Servo que não sofre por ter sido pecador o criminoso, sofre no lugar de outros e por outros. Para Ballarini (1977) o fato do Servo ter sido tão maltratado e sofrido e não poder ser nem olhado indica o aspecto da solidão de sua missão, ou seja, ele não tem ninguém por ele, ninguém se compadece, sofre com ele as pessoas são indiferentes ao sofrimento do inocente. Como diz o autor, é estar sozinho no sofrimento. É tamanho o seu sofrimento que o peso de sua morte se estenderá para além dela (BALLARINI, 1977, p. 207).

Já Ravasi (1989) apresenta que nos versículos que seguem do capítulo 52 a 53 o destaque das multidões, o papel do povo sob outro aspecto, o povo que fica escandalizado, que nem reconhece como homem aquele que vem anunciar a Palavra de libertação. Este Servo não será admirado, mas por ele se terá repulsa e aversão ao olhar. Tudo o que o Servo sofre não o sofre por si mesmo ou por seus crimes, na verdade o Senhor ao fim fala pessoalmente do papel de expiação do Servo que sofre no lugar do povo e por ele intercede (RAVASI, 1989, p.124).

Este marco introdutório que será reconhecido na introdução no final do poema (53, 12), anuncia o caráter incomparável da revelação que estamos escutando, cujo conteúdo é inaudito, inclusive se diz salvação e glória. É o

mistério de nossa reconciliação através de um sofrimento expiador que coloca sobre um homem “o castigo por todos os pecados” (Is 40,2) (RAVASI, 1989, p.124).

O Quarto Canto segue mostrando a tragédia que é a vida do Servo, toda sua humilhação é descrita mas junto com ela a sua glorificação, parece um paradoxo. O poder e força de Deus são contrapostos à fraqueza e fragilidade humana. Aqui já aparece uma intuição comunitária de que a salvação virá pelo sofrimento e morte de um escolhido (RAVASI, 1989, p.124).

A conclusão do Quarto Cântico é a Palavra de Deus que contraria tudo que o povo entende da pessoa do Servo. O Senhor anula as “sentenças humanas condenatórias” e proclama que o Servo é inocente, anuncia o Senhor que o Servo expia a favor do povo “o silêncio do Servo foi a oração escutada por Deus, sua dor a justificação e reconciliação com Deus”. Coube a Deus a Palavra final e a Ele dar a recompensa: “repartir os despojos”. (RAVASI, 1989, p.126).

Para Mesters (1981) é no Quarto Canto que o povo terá a certeza da vitória, da justiça de Deus mesmo que seja por meio de uma profecia, de algo que ainda não se deu historicamente. Temos aqui o resultado, o fim da missão do Servo (MESTERS, 1981, p. 141).

Ballarini (1977) destaca que a vitória do Servo é na verdade fruto de sua obediência e fidelidade ao plano de Deus. “O Servo não opõe resistência, deixa-se oprimir”. Sua voluntariedade em passar pelo sofrimento, sua resignação e humildade é fruto da sua confiança em Deus (BALLARINI, 1977, p. 206). Esta obediência deu a ele um conhecimento pois sabe seguir a vontade de Deus e este conhecimento será respeitado e conhecido de muitos, a tal ponto que Ballarini (1977) chega a dizer que o Servo exercerá uma autoridade sobre os poderosos e sobre o povo, uma autoridade espiritual. Temos aqui o tema central do Cântico: paixão e exaltação do Servo (BALLARINI, 1977, p. 209).

Encerramos citando a síntese dos quatro cantos dada por Ballarini:

Bem fundamentada é a interpretação que vê expresso nos cânticos um só personagem. No primeiro cântico ele vem apresentado como profeta e legislador; no segundo, como profeta e mestre de sabedoria; no terceiro, como sofredor; no quarto, como intercessor e sacerdote que oferece uma expiação vicária (BALLARINI, 1977, p. 210).

A pessoa do Servo carrega grandes variações nas leituras e pesquisas feitas até hoje. Não se sabe ao certo quem é, seu nome ou se é referência ao povo. De modo bem sucinto podemos reler os Quatro Cânticos e ter uma síntese que liga um

elemento a outro dentro dos Cânticos e este elemento é a pessoa do Servo. O Servo é semelhante ao profeta e carrega as características do profetismo, a saber, a intimidade com Deus para dele receber a Palavra e ser canal dela ao povo, chamado desde o ventre materno, ungido pelo Espírito, e a principal das características que é a de ser intercessor do povo junto a Deus e sofrer pela missão. Uma das características do Servo que chama a atenção é de ele estar para todos, sem distinção, é aquele que fala também aos pagãos. (BALLARINI, 1977, p. 210). O Servo como homem da Palavra é aquele que é mestre da sabedoria. Por ter a sabedoria pode comunicar em primeira pessoa o que de Deus recebe. Por ter a sabedoria é ele cheio do Espírito e pelo Espírito se deixa mover, diferente de Moisés a sabedoria do Servo é universal, dada a todos e tem em sua missão o caráter da expiação (BALLARINI, 1977, p. 211).

Segundo Ballarini (1977), “o Servo é o exemplo mais luminoso da corrente religiosa que encontra a sua expressão máxima no saltério”. Para o autor essa grandeza se dá por ser o Servo humilde e paciente no sofrimento, aguarda com força e resistência a hora da justiça divina (BALLARINI, 1977, p. 211).

### **3 CAPÍTULO 3: O SENHOR ABRIU-ME OS OUVIDOS**

Este capítulo é dedicado à centralidade do tema que é o ouvir a Palavra. Por isso, partimos do Servo como aquele que faz a mediação entre o Senhor e seu povo transmitindo a Palavra. Para atualizar o tema buscamos uma relação entre o exílio da Babilônia e as formas de exílio de hoje. É ainda necessário falar do Deutero-Isaías e o ouvir hoje. E então são tratadas aqui os efeitos do ouvir pesquisados na perícopes de Is 50, 4-7 que iniciam com a vida unitiva do profeta com o Senhor, que resulta na fidelidade diária e gera uma eloquência no anúncio da Palavra a tal ponto

de ser o Servo inteiramente obediente e paciente nos momentos de sofrimento e que termina com a vitória da vida sobre a morte, do Servo sobre seus perseguidores.

### 3.1 O SERVO MEDIADOR DA PALAVRA

O segundo Isaías carrega o centro de sua mensagem nos quatro Cânticos que comentamos parcialmente. Tendo passado por essa visão geral dos Cânticos é bom entender o que une estes cânticos e qual a sua principal contribuição para a temática do ouvir a Palavra e a ela ser fiel.

Segundo Gorgulho (1994) a mensagem contida nos quatro cantos é o centro do Antigo Testamento. Esta mensagem não é importante por falar do Servo e muito menos por se tratar do contexto do pós-exílio da Babilônia. Para ela o centro é o anúncio do “êxodo especial” (GORGULHO, 1994, p.64).

A autora contextualiza a tradição do êxodo. Tão antiga quanto a predileção do Senhor por Israel é a tradição do êxodo. No Segundo Isaías a libertação anunciada será de grandeza elevada dado que agora o povo não sairá correndo das terras estrangeiras, vivendo a tensão da perseguição, a ameaça eminente do inimigo que se faz próximo e ameaça o retorno ao exílio. Ao contrário, sairá serenamente, como uma criança que é conduzida pelo pai. Sairá o povo certo que pode ir, mas também não ir. A salvação é certa, segura é um ato da bondade de Deus para com a liberdade do homem, ele pode agora escolher ir e vir. Mas podemos nos perguntar: será que esse povo saberia como lidar com sua liberdade sem a voz profética daquele que ouviu do Senhor o destino que o povo deveria tomar? Será que esse povo saberia tomar a decisão de voltar? Isaías parece insistir na temática de que o povo tem uma certa “inabilidade” em ouvir a Palavra de Deus. Seria como que continuamente desconhecendo o que a história da salvação sempre mostrou. Seria como que um ato criminoso da parte do povo para com o Senhor, por não entregar seu coração, não confiar, não ouvir a Palavra. Esse não ouvir faz perder a sabedoria da vida, seria como que o preço a pagar por ter se fechado, o povo passa a desconhecer os desígnios de Deus, a não saber ler os sinais dos tempos vive um estado de “desconhecimento” (BROWN, 2012, p.505).

O profeta coloca a tradição antiga em um cenário cósmico, de maneira que o novo êxodo nivela montanhas ou faz jorrar rios nos montes (40, 3-5; 41,17-20). A aliança mosaica é ampliada para uma aliança mundial, com

menção à aliança de Noé (54,9) e com Abraão e Sara (51,1-3), e neste último caso, o Deutero-Isaías vê o jardim do Paraíso surgir diante de seus olhos. O espírito da liturgia irrompe em uma nova vida por meio de seus hinos, lamentos e proclamação da palavra (BROWN, 2012, p.663).

Para Gorgulho (1994) este êxodo marca um novo tempo pois o Senhor salvou seu povo. O profeta-Servo é aquele que após ouvir a Palavra anuncia um novo tempo, pede ao povo um olhar confiante para o futuro. Este é um tempo novo, como se fosse iniciar a aliança entre Deus e seu povo. Tempo de renovação e vida nova entre o povo e Deus. Ou seja, a proposta, segundo Gorgulho (1994) é que as relações e tradições passadas devem ser deixadas para trás e se recomeçar nova vida a partir da nova realidade do povo, não ficar no exílio e de fato dele sair (GORGULHO, 1994, p.59).

Dentre as temáticas próprias do novo exílio (lahweh criador, justiça de Deus, Jerusalém) damos destaque ao poder da Palavra divina (BROWN, 2012, p.663). Esta temática do poder da Palavra de Deus é muito cara a Isaías e aqui especialmente, do início ao fim se acentua o pensamento.

O que se deixa em terras estrangeiras? O que o Senhor estaria solicitando a Isaías que o povo renovasse? Tradições do povo estrangeiro, deuses estrangeiros, cultura? Deixar o próprio modo de cultivar ao Senhor, abandonar o modo de ver a relação entre Deus e o povo de Israel? Mudar radicalmente em tempos de crise é um grande perigo, e, parece que a proposta era mesmo essa: arriscar. Assim se fez, colocou-se em “xeque a fé de Israel” (GORGULHO, 1994, p.59). Contudo não se perdeu a fé, ao contrário, ela se fortaleceu pois precisava de renovação. Como uma planta que passados anos precisa de uma boa poda para renovar suas forças em brotos novos.

Destacamos a mensagem: “o novo nascia de uma ruptura”. É verdade que essa ruptura, esse novo já estava previsto nos planos de Deus (Is 44,7.8;45,21).

Se o Segundo-Isaías retoma a tradição do Êxodo como salvação, no retorno à terra, propiciado por Ciro, é para suplantá-lo no sentido de que esse segundo êxodo de natureza sociopolítica, libertação do exílio, como o primeiro êxodo – libertação da escravidão do Egito – se tornaram símbolo de um outro êxodo de caráter antropológico, muito mais que estes dois: o “êxodo-de-si-mesmo” libertação do próprio “Eu”, na figura do “servo-de-Javé”. Tal êxodo típico está ligado à nova compreensão da lei anunciada como possibilidade de salvação, como vida, ela que até então fora instrumento de morte, culmina no exílio (GORGULHO, 1994, p.59).

Uma grande renovação e quebra dos costumes é a relação de presença de Deus mediada pelo rei em Israel. O Segundo Isaías questiona e retira a autoridade

ou representatividade divina da pessoa do rei. De fato, a monarquia que no princípio não fora querida por Deus, mas por ela aceita pela insistência do povo, por muitos anos serviu de referência, mas agora deveria ser deixada no passado, novos tempos surgiram. A aliança que Deus quer agora renovar com seu povo não será mediada pelas mãos e poderio de um rei, mas de um Servo.

Uma vez que o Segundo Isaías retira a figura grandiosa do rei, quem será o mediador e representante do povo junto a Deus? Para Deutero-Isaías é o Servo. De rei a Servo, que grande mudança para o povo, para a história da salvação. Irônica essa troca, se fosse o contrário talvez fosse mais fácil para o povo. Contudo, a história conta sua verdade, os reis fracassaram muitas vezes na hora de transmitir os desígnios divinos. O Servo mostra sua imagem fiel, obediente nas mais duras realidades para em tudo cumprir a vontade do Senhor (GORGULHO, 1994, p.59). A principal missão do Servo é instaurar o reino de Deus e não o seu. Eis a novidade os principais personagens agora serão outros, não mais o rei e sim o Servo que irá falar dos desígnios de Deus.

O povo continua na mesma situação diante dos planos salvíficos, o povo é aquele escolhido e amado do Senhor (Is 44,21). Porém, esta escolha e amor do Senhor fará também com que o povo passe por uma renovação cujo modelo será o Servo do Senhor, também o povo é convidado a viver sua fé e fidelidade inclusive nos momentos de maior dor e tortura pela fé. O povo deve ser renovado no coração e aprender a ser solidário e presente com os que sofrem (GORGULHO, 1994, p.60). Aos que sofrem “trazer aos cansados uma palavra de conforto” de onde vem esta Palavra? Do ouvir o Senhor. O sábio-profeta, recebe a sabedoria da Palavra sábia do Senhor.

O povo é convidado a viver a partir da Palavra, “manhã, pós manhã” estar aberto a escutar a pautar o dia, as escolhas e lutas a partir da Palavra.

### 3.2 O EXÍLIO DE HOJE

O Terceiro Cântico do Servo apresenta uma realidade dura para a época e para hoje. A realidade do povo era de ser escravo, exilado. O Proto-Isaías estava no contexto da prosperidade, ainda que ameaçada, porém o povo vivia em Jerusalém, na terra de seus pais e desfrutavam de uma confiança no Senhor e nos seus líderes. Já o contexto do Deutero-Isaías é outro é o do exílio, aqueles que foram deportados

para Babilônia não viam esperança, o contrário, vivia a desconfiança. “O povo precisava de consolo, não de castigo. Sua fé precisava ser sustentada” (BROWN, 2012, p. 662).

Em meio a esta realidade temos o profeta e Servo, cuja identidade desconhecemos. O que podemos dizer a respeito e relacionar com a atualidade é que este Servo foi severamente maltratado. A pergunta sobre o motivo do maltrato temos uma significativa reflexão com Silva (2007), para ele, o contexto do profeta mostra o conflito entre duas realidades onde a primeira é a vida e opressão dos babilônicos tendo em seu contrário os projetos de Deus para com o povo, a humanidade (SILVA, 2007, p. 89).

O povo que se conformou com a realidade da opressão e escravidão e viu nos poderosos da Babilônia seu senhorio, certamente não entendeu o sofrimento e as palavras do Servo. A este povo o conformismo e a comodidade da vida no contexto de ser dominado e controlado e viver do mínimo bastava. A ideia do que já que estamos assim continuemos assim. Ao contrário, o povo que não se conformava em ser escravo e estrangeiro, objeto de uso e domínio de uns poderosos a este a realidade babilônica dominadora sobre o povo de Israel incomodava e então ouviam a voz do Servo e com ele sofria suas dores.

O Servo reprovou os líderes judeus que tardiamente reagiram ao perigo da invasão, sua palavra incomodou os poderosos que sem nenhuma resistência aderiram aos que detinham o poder (SILVA, 2007, p. 90).

O homem moderno ainda passa por essa realidade de estar acomodado ao que lhe escraviza. Acomodado ao consumo exagerado, acomodado a opressão dos poderosos, acomodado a vida minguada de dignidade, acomodado à prisão, acomodado a opressão e agressão, acomodado a violência e ao silêncio reprimido. Uma vidinha mais ou menos. O suficiente para não morrer de trabalhar ou de fome.

A ação salvífica de Deus sobre o seu povo não visa uma vida intimista ele salva para que a pessoa seja instrumento de salvação, ilumina o caminho do povo para que o povo seja luz aos oprimidos, para que saiba levar uma palavra de conforto, de alegria aos pobres (Is 49, 8-13; 50,4). O sofrimento do Servo não era um castigo por seus pecados. O Servo era justo. Seu sofrimento era entrega gratuita daquele que solidariza com os que sofrem e são maltratados, daqueles que lutam pela vida. Por ter entregue sua vida nas mãos do Senhor e não dos algozes o Servo se viu liberto e vitorioso (NAKANOSE, PEDRO, 2002, p.36).

Da mesma forma hoje, profetas e profetisas são convidados a assumir sobre si as dores dos oprimidos e maltratados. Não há como salvar uma pessoa que afunda na lama sem se sujar. Não há como entender a vida do pobre sem ver e sentir o que é sua necessidade diária e então poder resgatá-lo e integrá-lo na dignidade da vida.

Hoje temos as inúmeras situações familiares onde vemos muitas dores, quantas prisões e exílios o povo passa. Mas existem casos tão dolorosos que acompanham há tanto tempo a história das pessoas que elas já nem conseguem se ver ou pensar fora dessa realidade. Uma pessoa que se aproxima com intuito inicial de ajudar, pode facilmente também se envolver e não perceber que é necessário libertar, fazer sair.

Assumir as dores de uma pessoa e receber na carne o peso de sua situação é muitas vezes mais que um trabalho de massa é ouvir e acompanhar pessoalmente até que veja a libertação.

No processo de libertação o confronto é direto com os adversários. Não se pode fugir desse confronto. É necessário ver o contraste entre a soberba do adversário e a humildade do oprimido.

### 3.3 DEUTERO-ISAÍAS E O OUVIR

O Deutero-Isaías é um escritor por si diferente dos demais. Sua característica é de ser pensativo e compassivo. Características típicas de quem ouve mais que fala. Ouvir é próprio do discípulo, e o texto está carregado deste termo, discípulo. De forma muito assertiva Brown (2012) diz que este termo se refere aos “seguidores imediatos que selaram a palavra profeticamente em seus corações” (BROWN, 2012, p. 682). Eis uma grande reflexão. O profeta é discípulo quando tem a Palavra no coração e por isso ela se derrama em seus lábios. O discípulo sela, guarda a Palavra que ouve como a um tesouro. O termo discípulo tem sua referência no verbo “ensinar” (*lāmad*), este verbo segue uma regra, ninguém dá o que não tem, logo, deve-se primeiro ter ou receber o que será transmitido, dado a outros (BROWN, 2012, p. 682). O discípulo ocupa um lugar de aprendiz, de quem ouve respeitosamente está na fase de aprender, receber. O Deutero-Isaías se coloca exatamente nesta posição, aquele que ouve.



O mais sério nesta períclope, diferente do que primeiramente pensamos para um profeta, não é falar e sim ouvir (50,4; 51,1.7). O profeta carrega o peso de proferir oráculos proféticos, umas das formas válidas de se receber a Palavra de Deus. Esse oráculo é válido na medida que tem propriedade manifestativa, ou seja, o que foi profetizado será realizado necessariamente. O profeta recebe a Palavra e a digere como sua, isso só é possível se de fato ele a recebe no silêncio, como que uma encarnação, um gerar em si. Pois muitas profecias não se veem sinais prováveis e, no entanto, quem garante e de fato executa é o Senhor. Caso o profeta seja surdo aos apelos nada poderá se proferir, ou se for dito não será manifestado, ou seja, trata-se de uma falsa profecia. O profeta é aquele que está afetado, ferido e marcado pela Palavra. É tão marcado pela Palavra que o profeta se torna o local histórico da Palavra, antes é necessário destacar que a Palavra de Deus “se faz realidade” no discípulo, no profeta (ARTOLA, 2011, p.28). Como nos ensina Artola:

Dessa identificação do profeta com a palavra surge a firme convicção de que seus oráculos são Palavra do próprio Javé. De Amós a Malaquias, toda a literatura profética está monotonamente marcada pela fórmula: “assim fala Javé”. É nessa posse do profeta pela palavra que se verifica aquela profunda união entre Deus e a pessoa do mensageiro, que faz com que o oráculo profético seja atribuído à Divindade. Porém, o critério seguro de tal atuação divina está na eficácia de sua palavra (ARTOLA, 2011, p. 27).

Deutero-Isaías é um discípulo fiel, diferenciado. Primeiro pelo fato de ouvir atentamente e diariamente. Segundo porque para ele somente o Senhor pode anunciar antecipadamente os fatos históricos e cumpri-los (ARTOLA, 2011, p.28). Terceiro, porque carrega em si o peso do anúncio da Palavra e não por isso abandona a missão.

Agora é necessário expor o local, ou o como pode a Palavra de Deus ter tanto efeito, tanto poder sobre o profeta. Como é possível o ouvir humano captar o falar divino? Onde a Palavra encontra o repouso absoluto que unifica a realidade divina à humana? Podemos sem constrangimento afirmar que o Criador preparou esta estrutura, esta relação entre o divino e o humano quando infundiu no homem o espírito. Do Espírito Divino se faz a comunicação ao espírito humano. A pessoa vive na estrutura unitiva de corpo e alma, na alma Deus infunde o seu sopro, que é o espírito que o faz semelhante a Deus e diferente dos animais.

Este é um âmbito tão importante quanto belo de se falar: “o espírito é a realidade divina em que se pode realizar a união entre o homem e Deus” (ARTOLA, 2011, p.29). A realidade divina penetra preenche toda a realidade humana por meio

do Espírito. Na verdade, a união é tão estável por ser encontro de duas realidades espirituais. O espírito humano é a parte da pessoa que sempre está aberta ao Espírito Divino. É o que Artola (2011) diz de “parte permeável”. Parte que recebe o diferente nele mesmo, não deixa de ser, porém transmite e recebe o que não é. Então temos a inabitação do Espírito na pessoa. Esta inabitação é natural a ambas, pois é consolidada em uma realidade existente nos dois lados. Caso fosse diferente, a ação do Espírito no profeta, a recepção da Palavra de Deus no discípulo seria uma invasão, uma agressão estranha. Ao contrário, esta presença já foi preparada pelo Criador, esta presença é esperada e desejada por todo discípulo.

O profeta pode ser o porta-voz de Deus porque recebe a Palavra e recebe a Palavra porque é capaz de Deus. Na verdade, diz, Artola (2011) que o Espírito capacita e possibilita o discípulo para receber a Palavra (ARTOLA, 2011, p. 30).

Deus escolhe um homem como morada para si; o profundo divino se põe em contato com o profundo humano. Deus, em sua infinita bondade e onipresença, da esfera do divino e da esfera do homem faz uma única esfera: o sobrenatural e a vida humana. Essa compenetração se realiza na pessoa do profeta através do *ruah*, o resultado é uma ação tão unificada e uma colaboração interpessoal entre Deus e o profeta tão conjugada que a Palavra é de Deus e do homem em sua totalidade, porém atribuída propriamente àquele que a totaliza na forma mais perfeita e primordial, quer dizer, Deus. Dessa forma a locução profética é verdadeiramente Palavra de Deus (ARTOLA, 2011, p. 29).

O Servo vive em uma realidade paradoxal, de um lado um profundo sofrimento, e de outro vive em profunda intimidade e relação com Deus. Estas duas realidades se envolvem e se renovam a cada dia a partir do chamado de Deus, do ouvir manhã, pós manhã. Aqui percebemos uma mediação entre ouvir e testemunhar. Assim, vive o profeta entre a vontade de Deus e o sofrimento da humanidade. A Palavra que o profeta testemunha é a confiança que vem para fortalecer os fracos, perseguidos e excluídos.

A confiança, a força do Servo não é sua sabedoria, não é sua retórica afinada e imbatível. Sua força é sua língua de discípulo que fala do que Deus lhe confia.

### 3.4 OS EFEITOS DO OUVIR A PALAVRA DE DEUS

Ao longo destas páginas procuramos destacar em Isaías 50, 4-7 o que nos propomos a pesquisar, a escuta. Para Berges (2010) o central neste texto não é o falar e sim o ouvir, os discípulos esperam uma palavra de esperança. Ouvir como

discípulo é a temática que nos motiva nesta pesquisa (BERGES, 2010, p.102). “Discípulo é a forma passiva do verbo ensinar”, é o modo como Deus conduz o seu povo, pelo discipulado, pela Palavra dada ao Servo/Discípulo. Sempre de novo, o que se recebe é o que se transmite ao povo (STUHLMUELLER, 2012, p.682). Ela é dada ao Servo e o Servo ao povo, então o centro é ouvir para poder das trevas ir à luz, do exílio à liberdade, da morte à vida (BERGES, 2010, p.102).

Verdadeiramente a atividade profética do Servo é ouvir a Palavra de Deus cujo centro é dar ao cansado um alívio, ao que perdeu a esperança renová-la, consolar os aflitos. O Servo é um consolador e um “reformador espiritual” (BALLARINI, 1977, p. 200).

Esta missão é possível porque o Espírito do Senhor o desperta a cada manhã e lhe fala. Deus conduz o Servo não em um momento, mas a cada dia, manhã, pós manhã, então, como diz Ballarini (1977), o Servo é discípulo e mestre. Com a missão de ser canal da Palavra de Deus o Servo deve ouvir e por isso estar intimamente ligado ao Senhor. Por meio do Servo o Senhor comunica sua santa vontade e entre as duas realidades, a divina e a humana cabe ao Servo ser obediente à vontade do Senhor (BALLARINI, 1977, p. 200).

No ato de ouvir e por ouvir bem o Senhor dá ao Servo uma língua eloquente, ele capacita o Servo. Aqui o dom não é algo meramente natural ou aprendido em escolas filosóficas. O dom da eloquência do Servo vem do ouvir e obedecer. A doutrina que expressa não é sua, vem do Senhor. Do Servo se tem a imagem de ser dócil, sua docilidade lhe fortalecerá na obediência e então em suportar os tormentos provenientes da missão (BALLARINI, 1977, p. 200).

#### 3.4.1 O primeiro efeito do ouvir a Palavra de Deus: a intimidade com o Senhor

Deste modo temos que o primeiro efeito do ouvir a Palavra segundo Isaías 50, 4-7 é a intimidade com o Senhor. Diz Isaías: “O Senhor abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde”. A ação de Deus sobre o discípulo é direta, pessoal, e ele recebe esta ação com docilidade. Podemos relacionar à fala de Dt 30, 14, “Sim, porque a Palavra de Deus está muito perto de ti: está na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática”. Quando pensamos na vida com Deus por meio de sua Palavra podemos cair em um intimismo, uma espiritualidade fechada em si, no

egoísmo diário cerceado por um pietismo infantil. Ou fazendo uso da Palavra para belas frases, chavões para as redes sociais. Porém, como bem escreveu Gass (2006), a Palavra de Deus “é um projeto de vida” (GASS, 2006, p.112). Vida em si, com o Senhor, com o próximo e com o mundo que o cerca. É importante destacar que a vida não começa fora, mas na própria pessoa e esta primeira vida Deus quer iluminar com sua Palavra. Onde Ele falaria, a quem chamaria a ser discípulo se não alguém que saiba viver? Saber viver não é ter tudo ordenado, às vezes Deus chama uma vida em meio a escravidão, aprisionada em sua realidade, como fez com o Deutero-Isaías. É nesta realidade que a Palavra dada a esta pessoa pode ensiná-la a dar sentido à sua vida, nortear suas escolhas a tal ponto de se libertar, viver verdadeiramente e levar outros a vida.

Ainda que a pessoa tenha vida ela pode alienar-se e não entender de suas origens, que esta vida que lhe é tão cara tem uma fonte. Vida com o Senhor dá à pessoa a certeza de continuidade, segurança. A intimidade com o Senhor abre horizontes.

Um dos horizontes que são abertos a partir da intimidade com o Senhor é o ver a vida do próximo, intimidade com a Palavra que ilumina e fortalece a relação com o Senhor e da mesma forma, direciona e compromete a relação consigo e com o próximo. Ninguém é feliz sozinho, em meio a desgraças. As relações são harmonizadas a partir da vida na presença do Senhor.

Harmonia construída entre Deus e o homem, os homens entre si e com o mundo que os cerca. Sim, a relação do homem com a Palavra de Deus lhe fará responsável e zeloso pelo meio ambiente e tudo o que se refere ao bem do mundo criado. Esta intimidade se dá pela liberdade do espírito em relação a todos os poderes terrenos. Ainda que se viva em uma realidade de opressão física, o espírito pode estar livre e de fato estará se for unido ao Criador (LAGRANGE, 1944, p.711)

#### 3.4.2 O segundo efeito do ouvir a Palavra de Deus: a fidelidade de vida

O Segundo efeito do ouvir a Palavra de Deus no contexto de Isaías 50, 4-7 é a fidelidade diária, de vida. O profeta fala que o Senhor de manhã em manhã Ele desperta seu ouvido para a Palavra. Ou seja, não é uma ou outra vez que o discípulo a recebe, mas sim diariamente. Nesta fidelidade aparece uma força de vontade voltada à Palavra e seu cumprimento. Sem a força de vontade o dia a dia

do profeta, sua realidade de exílio o teria desviado da Palavra. Esta força acontece porque a vontade é a faculdade humana que busca o bem. Sabemos que Deus não exclui nenhum dos bens, mas contém a todos. Deus é o soberano sob o qual não podemos conceber nada melhor. Logo, Deus é o objeto verdadeiro e último que a vontade humana busca em vista da felicidade humana. Essa vontade vem da abertura de Deus para com o discípulo, Ele se deixa encontrar, Ele desperta os ouvidos do discípulo e por isso o discípulo encontrou a Deus. O verdadeiro Deus e por isso, a cada manhã volta sua escolha para a Palavra.

Nas diferentes opções de vida e posse o homem só é feliz quando a Deus se dirige participando de sua bondade. Sua felicidade nunca será em si mesmo, mas em Deus, na medida em que dele participa e sua vontade realiza. Ser feliz em Deus é a ele aderir no agir, no pensar e no querer. Adequar a vontade humana à divina é dizer sim à felicidade que com tanto ardor se busca, é ser dócil à graça que age e santifica e conduz à vida plena. Eis a força de vontade do Proto-Isaías a partir do ouvir a Palavra. Ao contrário, de muitos que em seu contexto vivam a mesma realidade, mas envoltos às suas paixões. Quando as paixões e desejos dominam, na busca de prazeres e alegrias materiais, no domínio e soberba, no comodismo e falsas esperanças o homem facilmente pode se distanciar de Deus e de seus projetos para o povo. Querer somente o que o corpo deseja, escraviza-se a pessoa submetendo a vontade espiritual à “vontade” carnal. Ora, nunca se ouviu dizer que escravidão é felicidade. Fere-se a natureza que pela inteligência da ordem ordena à felicidade. “Querer o que Deus quer, amar o que Deus ama, é a mais elevada liberdade, é, por conseguinte, a felicidade. *Animos amor, quo coelum regitur, regat*” - *Sentimentos de amor, o céu é regido pelas regras* (ETIENNE, 2001, p. 169).

A Deus que revela é devida a “obediência da fé” (Rom 16,26; cf. Rom 1,5; 2 Cor 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo “a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade” e prestando voluntário assentimento à Sua revelação (DV 5).

A pessoa para alcançar a estabilidade e então uma fidelidade deve ter um conhecimento de si muito profundo, uma vontade e personalidade muito determinada para conduzir todo o seu ser neste processo. A vida na presença de Deus encontra uma constante fonte de renovação e então forças para ser fiel. Em Deus a vontade abraça a ordem da graça que conduz à fidelidade, a uma santa ordem. Quem vive na presença de Deus foge da inércia e negligência, está atento a

reformatar seu ser segundo o plano de Deus e a renovar e mudar o que precisa ser mudado. Segundo Bruno Forte “a escuta acolhedora torna você livre” (FORTE, 2012, p.19).

Neste sentido, a atenção à Palavra de Deus e sua vontade constrói na pessoa uma personalidade centrada, que aos poucos deixa cair os apegos, a falsidade, os ídolos, o apego ao poder, o comodismo e a indiferença. Perde os eternos condicionamentos e tem a liberdade com domínio. Isto é possível somente em uma mente mais sábia, integrada e harmonizada, pois no cérebro existe um “processo de personalização” (CABALLERO, 1979, p.182). Nisto temos duas possibilidades: perder a personalidade ou re-educar a personalidade a ponto de poder levar outros a esta liberdade e fidelidade. É o que hoje se denomina a formação permanente. Perder-se, e disvirtuar os palcos de Deus o mundo ensina e conduz, mas o reeducar o cérebro podemos na atenção e consciência em tudo o que fazemos colocando em referência a Palavra de Deus. Repetir conscientemente e com todo o ser atos e palavras que ao longo da história da Salvação Deus fez em favor do povo. Este é um dos caminhos educativos é o caminho para motivar e fortalecer a vontade e então somos independentes ou livres da situação, então a personalidade adquire unidade com Deus e fidelidade ao que Deus planejou para ser ou realizar.

Para Amadeo Cencini (2012) a “Palavra de Deus acompanha a vida que só é realizada se deixar-se plasmar cada dia pela Palavra que se cumpre nela” (CENCINI, 2012, p.5). Esta formação permanente por ela acontece no ordinário da vida como foi com Isaías.

Não basta então falar do cumprimento da Palavra de Deus em geral, mas deveria falar da Palavra-do-dia, dando a esta expressão todo o sentido teológico que ela possui, como Palavra que o Pai preparou hoje para mim, alimento que a sua providência me dá, assim como um dia Deus preparou o maná no deserto para o seu povo, para que com ele se alimentasse. Palavra que a comunidade dos cristãos é chamada a ler e que, é minha meditação obrigatória, porque hoje essa palavra me é dada para que se cumpra nela minha história, como naquela vez que Jesus comentou o trecho de Isaías na Sinagoga (Lc 4,21) (CENCINI, 2012, p.8).

Exatamente por ser Palavra de Deus dada ao discípulo para sua formação ela não pode ser eventual, mas diária, a cada manhã. É tão importante que vem primeiro, de manhã, logo no início do dia, no início de todas as atividades, antes de todas elas. A Palavra, como a vocação do Profeta/discípulo é matutina é para recebe-la que o Senhor desperta o discípulo. Então ela “infunde inteligência ao meu ser e torna atento o meu agir” (CENCINI, 2012, p.16). Então ela segue como um

norte a quem dela faz uso diário. Pela frequência cotidiana à Palavra a pessoa é educada a descobrir novos caminhos que se tornam modos de liberdade. Ao recebê-la é como a semente que no silêncio da terra gera vida e então saborosos frutos. Só vida e liberdade se tem quando se recebe a Palavra diariamente.

### 3.4.3 O terceiro efeito do ouvir a Palavra de Deus: a eloquência que consola

O Terceiro efeito do ouvir a Palavra de Deus na perícopre de Isaías 50, 4-7 apresentamos como a eloquência que leva consolo. O equilíbrio de juízo é uma realidade para quem é fiel à Palavra (LAGRANGE, 1944, p.711). Parece que a expressão humana muitas vezes é tentada a ser arma que fere, toma um tom imponente que humilha e levanta a chama da violência. A força profética de Deutero-Isaías é a Palavra do consolo e esperança. O discípulo carrega a Palavra de Deus em lábios humanos e diferente de outros discursos esta deve ser de consolo, alívio e esperança. O texto inicia dizendo que “o Senhor me deu língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto”. Esta vem de modo a acalentar, confortar os corações e de fato o faz. Para isso o profeta foi ele mesmo uma imagem viva de esperança e confiança em Deus. Seu discurso foi eloquente porque falou com a vida a mensagem da Palavra de Deus.

Aqui vale uma referência ao problema da Palavra que não é dada, especificamente por aqueles a quem é confiada, como pastores (as), padres, pregadores. Aqueles que recebem a tarefa ou o dom de anunciar e não anunciam. Como diz Bento XVI, “pensando na importância da Palavra de Deus, surge a necessidade de melhorar a qualidade da homilia” (*VERBUM DOMINI*, n.59). Muitas pessoas recebem a Palavra pelo ouvir de uma pregação e por ela atualizam sua eficácia em suas vidas, assim como foi no tempo dos profetas.

Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. (...) Por isso, é preciso que o pregador tenha contato assíduo com o texto sagrado (...) como diz Santo Agostinho – “seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem a escutar no seu íntimo” (*VERBUM DOMINI*, n.59).

Aquele que é chamado a anunciar deve primeiro se deixar evangelizar. Se assim não for aquele que prega pode levar muitas mensagens às pessoas, menos a Palavra de Deus. É de se admirar quantas multidões ouvem, porém as mesmas

multidões seguem com fome, desiludidas e desamparadas, abatidas e envoltas em uma realidade que não encontra alívio e conforto.

A proposta de Isaías, sua vivência foi contrária, foi no despertar do Senhor pela Palavra que ouvida levou conforto e esperança. O Servo experimentou o quanto a Palavra deu sentido àquela realidade de exílio. O que a ele deu esperança foi o que anunciou. Recebeu um estímulo e não se acomodou daí a sua eloquência na Palavra. Podemos encerrar esta parte com a locução do Papa Francisco (2015): “Renovemos a nossa confiança na pregação, que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através da palavra humana (...) Com a Palavra, nosso Senhor conquistou o coração da gente” (FRANCISCO, 2015, 198, n.136). Para que ela caia verdadeiramente no coração é necessário equilibrar o belo e o bem. E manter viva a memória do povo ao bem já realizado por Deus a ponto de cantarem as “maravilhas que o Senhor realizou”. Então os corações manterão a esperança e seguirão confiantes a Palavra proferida (FRANCISCO, 2015, 198, n.144) como fez o povo ao que Isaías lhe anunciou.

#### 3.4.4 O quarto efeito do ouvir a Palavra de Deus: a obediência

O Quarto efeito do ouvir a Palavra de Deus que podemos ver em Isaías 50, 4-7 é a obediência como fruto da escuta da Palavra. No versículo 5 lemos: “O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei.” Provavelmente o fruto mais importante, pois sem a obediência do Servo nada seguiria adiante. Esta obediência é percebida pelo ouvir, o respeitoso silêncio, com uma adesão até mesmo física ao Senhor. Ele permite ao Senhor abrir-lhe os ouvidos. Ou seja, a famosa exortação da necessidade do silêncio físico e espiritual, interno e externo para ouvir a Palavra de Deus. Obedecer vem radicalmente do *ob audire*, ouvir.

Todo o Antigo Testamento canta um estribilho em seus diversos livros: “Escuta Israel”. O poder e a importância da escuta acompanha a história do povo de Deus na Sagrada Escritura. A sabedoria popular ensina que a tagarelice é uma espécie de dissipação do espírito em coisas pueris, que o excesso de palavras normalmente esconde um tipo de vazio. Vazio este que poderia ser plenamente preenchido pela Palavra de Deus.

Há situações na vida em que resta ao homem apenas recolher-se ao silêncio. Ou melhor: em que ele *escolhe* silenciar. Há outras em que ele é silenciado, por



coação ou constrangimento. Não é do silêncio neste último caso que falamos neste trabalho, mas de um tipo de silêncio que brota do exercício da liberdade humana. Advirta-se que há vários tipos de silêncio: o respeitoso, o da omissão, o dos momentos de angústia (nos quais nenhuma palavra parece poder exprimir o que vai n'alma), o da contemplação do objeto amado, o da tristeza, o do medo, o de quem medita sobre algo, o silêncio político — todos eles, indicativos de alguma situação existencial humana. Estes também não são, no momento, objeto de interesse nas páginas a seguir, pois o silêncio a que nos referiremos é de índole mística, é um calar-se reverentemente ante o esplendor de Deus, ante um tipo de beleza que se insere no âmbito do indizível.

A reverência do silêncio nasce da necessidade do coração de encontrar, contemplar, estar à disposição do amado. Isaías fala que o Senhor lhe abriu os ouvidos e ele não foi rebelde. O Senhor deu condições para Isaías ouvir, fazer silêncio e Isaías colaborou, silenciou, não se ocupou de outros ruídos ou afazeres. Podemos entender em dois passos: o primeiro passo é bem recompensado! Deus atrai a pessoa, dá condições para silenciar, assim, segue o segundo passo, o discípulo afasta tudo o que possa distrair ou impedir de ouvir. Afasta-se dos “ruídos”. É o silêncio do discípulo ou o discípulo no recolhimento do silêncio para atentamente e inteiramente acolher a Palavra de Deus.

Da escuta da Palavra nasce sua obediência. A Congregação para os Institutos de Vida consagrada (CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA, 2008) escreve sobre a obediência e pode muito bem ser aplicado aqui. Fala da obediência como “único caminho” para a pessoa ser inteligente e livre e então realizar-se plenamente. Fala que o não a Deus fere um projeto de salvação, compromete um projeto divino de libertação e dignidade humana em vista de um projeto pessoal egoísta. Esta obediência viveu o Servo. Seus projetos de vida não são mencionados, a todo momento ele está vivendo os planos de Deus para com o povo e então para si. Livre de suas escolhas pessoas abrem-se para a escolha do bem comum. Vemos um crescimento enquanto pessoa pois acolhe um projeto diferente de sua vontade e no entanto está plenamente dentro deste projeto fazendo dele seu projeto de vida. O Servo parece certo que de Deus só pode vir coisas boas.

A obediência é parte da nova aliança, aliás, é seu distintivo característico. Por conseguinte, ela só pode ser compreendida dentro da lógica do amor, da intimidade com Deus, da pertença definitiva àquele que nos torna finalmente livres (Instrução - O serviço da autoridade e obediência, n. 6).

Com a obediência do Servo ficou certa a esperança da libertação do povo. Mesmo ao que parece incerto, pela obediência se vive que o que ao homem é impossível a Deus não será. Então, só resta confiar e obedecer como fez o Servo.

Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, os vossos caminhos não são os meus, oráculo do Senhor. Tanto quanto o céu acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos, e meus pensamentos distantes dos vossos (Is 55, 8-9).

Para concluir esta parte devemos saber que obedecer é entrar em “outra” ordem de valores, é uma rica vivência da alteridade (será sempre uma relação entre Criador e criatura, Mestre e Discípulo, Senhor e Servo) portanto, por muitas vezes na história da Salvação como agora em Isaías 50, o Servo se vê obediente, e às vezes este obedecer é contrário aos planos pessoais. Então o ouvir e ser dócil será essencial para captar outras ordens de valores e viver com uma nova realidade (Instrução: O serviço da autoridade e obediência, 2008, n.7). É o que veremos acontecer na realidade do sofrimento que aflige o Servo.

#### 3.4.5 O quinto efeito do ouvir a Palavra de Deus: paciência no sofrimento e tribulações

O Quinto efeito do ouvir a Palavra de Deus em Isaías 50, 4-7 é a paciência no sofrimento e tribulações da vida. O texto no versículo 6 diz: “Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros.” Esta paciência diante dos sofrimentos da vida, perseguições e maltrato se dá pela obediência, pois ela, como diz Lagrange (1944), irradia a verdade sobre as coisas da vida, livra a pessoa das prisões do mundo, da força e opressão dos poderosos, de seus enganos pois dá a independência da excessiva preocupação pelos juízos dos homens (LAGRANGE, 1944, p.712). É ainda a esperança fidedigna, com a esperança alimentada a pessoa consegue suportar o presente, certa de um futuro melhor. A grandeza e segurança de uma meta faz suportar os limites e dificuldades de um hoje laborioso ou humilhante. Das situações de tormento podem sair pessoas saudáveis, livres, esperançosas e fortalecidas. Porque encontraram sentido e então alimentaram a esperança.

Hoje as pessoas precisam renovar como Isaías sua esperança no Senhor, dar sentido aos seus sofrimentos para deles se libertar. Como diz Frankl (2007), para a

situações que não podemos mudar, a que nada podemos fazer para que sejam diferentes a possibilidade mais inteligente e que nos mantém vivos e conscientes é modificar nossa atitude diante do sofrimento, o autor sugere que com isso amadurecemos e crescemos enquanto pessoas. Então, segundo Frankl (2007, p. 103), “o sofrimento pode ser transformado em realização”. Eis o que bem soube fazer o Servo Sofredor que em meio a tanta tortura supera-a e segue sua missão firme e fortalecido.

Certamente esta é uma grande contribuição de Isaías 50 para a pessoa. Saber alimentar a esperança para os dias de crise, mas os momentos de turbulência e dores da vida superá-los e transformá-los. Muitas pessoas se perdem em seus sofrimentos por não conseguirem olhar para o futuro, por não encontrar esperança. Fecham-se na dor, na doença, da tribulação que passam concentram-se no mal. Isaías passou pela dor e perseguição, foi severamente torturado e guardou a serenidade porque tinha esperança. A cura pela Palavra pode vir da esperança, da confiança na Palavra.

Este saber esperar, suportando pacientemente as provas, é necessário para o crente poder “obter as coisas prometidas” (cf. Hb 10,36). Na religiosidade do antigo judaísmo, esta palavra era usada expressamente para a espera de Deus, característica de Israel, para este perseverar na fidelidade a Deus, na base da certeza da Aliança, num mundo que contradiz a Deus. Sendo assim, a palavra indica uma esperança vivida, uma vida baseada na certeza da esperança (SPE SALVI, n. 9).

Esta esperança que vive Isaías e que fala o Papa Bento XVI é fundamentada em Deus. Se Ele se faz presente e é amado a esperança acende nos corações a realidade, por mais dolorosa que seja é suportada e vencida. Não é possível esperar em situações que não serão superadas, haverá uma relação entre o presente e o futuro. É fundamento da esperança a onipotência e bondade de Deus. Conforme Santo Tomás de Aquino (2015), a certeza da esperança supõe a fé (adesão intelectual) e, portanto, é um esforço pessoal, então é uma certeza do que está a caminho (S Th II-II, q.18, a.4). Isaías vivia a tortura, a realidade era dolorosa, mas seu esforço, sua fé e esperança era futura e segura.

Isaías não está cheio de esperança só para si, ele é chamado a levar esperança ao povo. Vive o sofrimento e fortemente pode ser sinal de esperança, consolo aos abatidos.

### 3.4.6 O sexto efeito do ouvir a Palavra de Deus: a vitória da vida sobre a morte

O sexto efeito do ouvir a Palavra de Deus segundo Isaías 50, 4-7 é a vitória da vida sobre a morte, a liberdade aos presos, a certeza da superação, esperança que não é esperar passivamente, mas esperar a libertação.

Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação (cf. Rom 1, 1-20) e, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação (cf. Gn 3,15), e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rom 2, 6-7). No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo (cfr. Gn 12,2), povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; assim preparou Deus através dos tempos o caminho ao Evangelho (DV 3).

A Palavra dá a esperança e a certeza da realização porque o povo viu ao longo da história da Salvação a realização das promessas. Quando Isaías anuncia a esperança e lembra os fatos é possível de novo acreditar na salvação, na libertação. Esta Palavra é viva manifestação de Deus pelos atos e feitos históricos. O povo pode reanimar a esperança e ter a certeza pois que podem, pelo discurso do Deutero-Isaías, reconhecer a Deus como justo juiz e providente.

Isaías 50,7 fala da certeza da vinda do socorro que vem do Senhor e por isso o Servo não se vê humilhado. Torturado e, porém, retrata a imagem de um guerreiro vencedor. É da certeza da presença de Deus que vem força para resistir “fiz do meu rosto uma pederneira” às opressões e torturas. A diferença da pessoa passar pelo sofrimento sem Deus é que esse sofrimento muitas vezes é terminal e existencial em si, angustia e leva ao fim. A pessoa que passa pelo sofrimento com Deus ao contrário, este sofrer é transpassado, toma sentido e passa, a pessoa se fortalece e entra em uma realidade eterna, segura e, portanto, pode ainda que perseguida, ter paz.

Ao mesmo tempo que o profetismo, em algumas ocasiões, anunciou desastres, como o exílio, também cabe a ele falar no novo tempo, da fidelidade do Deus de Israel virá a libertação. Ainda que o povo que verá a libertação seja um “resto” este povo verá a Palavra se cumprir e será um povo novo guiado pelo Espírito de Deus (SCHREINER, 1978, p.437)

Com a esperança de uma nova ordem salvífica, Isaías e a sua escola superam a realidade histórica, compreendendo a nova salvação como uma intervenção “definitiva” de Iahweh, isto é, como realidade escatológica referente às últimas coisas. Do ponto de vista objetivo, os outros profetas não acrescentaram mais nada. Também para eles o juízo e a salvação constituem o ponto central da mensagem, mas não atingem a amplitude de dimensões cósmicas das profecias de Isaías (SCHREINER, 1978, p.437).

Deutero-Isaías está entre o povo como aquele que leva uma palavra de conforto e confiança no Senhor. O povo não sabia mais esperar e eram auxiliados pelos profetas a ter fé no Senhor. A profecia será a grande voz que clama pela fidelidade, para que Israel viva sua aliança com o Senhor pois Ele é fiel e sempre de novo restaura seu povo e dá continuidade à sua obra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A temática que nos guiou nesta reflexão e pesquisa foi a do Segundo Isaías na perícopes de 50,4-7 que deu base para o tema: *O Senhor abriu-me os ouvidos*. A Palavra de Deus e seus efeitos em quem ouve. Nossa pesquisa centrou-se no Terceiro canto do Servo Sofredor e em seu contexto do exílio babilônico perscrutamos a grandeza da Palavra de Deus que age na vida do profeta, ou seja,

seus efeitos. Fizemos o percurso do texto seguindo a composição do Segundo Isaías e certificamos que verdadeiramente o profeta é um homem da Palavra.

O texto apresenta elementos de grande importância para o profetismo hoje. Fazer o percurso pelas diversas traduções possibilitou a visão geral da perícope e sua especificidade. O texto começa numa variável forma de se dirigir a Deus, porém é unânime ao afirmar que o dom da Palavra quem dá é o Senhor. Fica claro com esta pesquisa que o Senhor oferece o dom da Palavra ao discípulo. A consideração é de que o profeta fala a partir de uma ação de Deus sobre sua vida. Quando Deus suscita um profeta não visa uma solução para a realidade pessoal do profeta, mas em benefício de seu povo.

O Segundo Isaías foi chamado em meio ao sofrimento do exílio e ao ouvir a Palavra e viver a partir dela possibilitou chegar ao povo uma mensagem de consolo e esperança. A pesquisa na exegese do texto mostra que a Palavra é dada em vista de uma missão e no caso a de levar conforto aos cansados, exilados.

Ainda no primeiro capítulo fica comprovado que a Palavra deve ser recebida diariamente, a cada dia como a coisa mais importante a ser feita: ouvir a Deus. Não é um exercício fácil, necessita de atenção, pois a cada situação é dada uma Palavra.

Na primeira parte temos agora confirmado que diante dos sofrimentos inerentes à missão o Servo-discípulo se oferece, entrega-se à missão e se necessário ao sofrimento pois confia no Senhor. O Servo não oferece resistência aos seus perseguidores e algozes, ao contrário, diante deles é impassível mesmo passando pelas mais cruéis torturas (Is 50,6), é o que se chama de um conteúdo negativo que resulta um gesto positivo. O Servo se confia aos homens espera de Deus a salvação por isso não cede aos ultrajes, pois a força que vem do Senhor é mais forte do que a dor.

O Segundo Isaías é um deportado que vive no exílio da Babilônia já no seu término. Este Servo como profeta apoiou sua palavra nos feitos do Senhor por Israel, ou seja, em fatos passados, certamente muito influenciado pelo primeiro Isaías. Na busca de trazer esperança ao povo abatido o Segundo Isaías convida a buscar a face bondosa e amorosa de Deus. O Servo anuncia do que ele mesmo passa no exílio, sua pessoa é um reflexo para o povo suportar as dores e ter esperança.

Dentre a divisão proposta e que teve aceitação na academia temos três partes do livro de Isaías, sendo o Primeiro (Is 1-39), o Segundo (Is 40-55) e o

Terceiro (Is 56-66). Nossa pesquisa passa do Primeiro, por sua influência, ao Segundo. No Segundo Isaías, ou Deutero-Isaías que provavelmente foi feito por muitas mãos constatamos o contexto político do profeta que é do exílio na Babilônia e a temática da pesquisa encontra neste contexto sua base. A Palavra de Deus é anunciada e precisa ser ouvida para que a esperança e a força para o retorno sejam renovadas. O próprio Deutero-Isaías é um exilado que vive os sofrimentos de sua época chegando até mesmo a passar pela tortura e ainda assim segue impassível e determinado a seguir a vontade do Senhor. Mesmo em meio ao sofrimento anuncia a Palavra de esperança e conforta o povo, de onde lhe vem esta força? Da vivência diária de ouvir sempre, a cada manhã a Palavra do Senhor.

A fidelidade do profeta a Deus lhe custou severas dores e sofrimentos e foi nesta fidelidade que ele motivou o povo a ter esperança e se voltar para o Senhor, confiar em sua bondade e poder. Falou das consequências do não ouvir, não obedecer ao Senhor que era o que o povo experimentava no exílio. Politicamente o povo sofre por não ouvir. Então o Segundo Isaías testemunhava a obediência o ouvir fielmente.

Na questão cultural Isaías destaca a relação coração e vida e segue destacando que o coração se fecha quando os ouvidos não ouvem a Palavra. O culto deve ser uma vivência primeiro interna, deve ser fruto de uma adesão pessoal amorosa. O culto vivido apenas como lei pode caducar e oprimir. A proposta é viver o culto a partir da escuta da Palavra do Senhor que a cada dia se renova, ou seja, viver o culto de forma coerente e verdadeiro e não opressor e legalista.

Uma temática muito cara ao Segundo Isaías foi de fazer uma releitura do êxodo e podemos falar de um novo êxodo. Por esta leitura se aprofunda a necessidade da obediência à Palavra e se renovam as esperanças do povo exilado. Isaías comprova que o Senhor age por meio de sua Palavra. Não importam as condições em que se encontra o povo, se são fortes ou poderosos os seus opressores, o Senhor liberta e age reconduzindo seu povo de volta a Jerusalém. No momento crucial em que o povo está acostumado à sua condição e ao sofrimento e sem esperança de rever sua terra e realizar-se enquanto uma nação com seu culto e cultura próprios Isaías apresenta uma palavra de esperança. Contudo é necessário que o povo volte seus ouvidos para a Palavra do Senhor a cada dia, eis o seu anúncio e sua insistência.

No texto do segundo Isaías encontramos os Quatro Cânticos do Servo Sofredor, as famosas peças líricas. Vimos a sua divisão e encontramos permeados nos Cânticos os graus do ouvir sendo eles demonstrados da seguinte forma: no Primeiro Cântico (Is 42,1-4[5-9]), o Servo é aquele que ouve segundo a ação do Espírito Santo, ouvir o que o Senhor tem a dizer e não o que eu quero ouvir e muito menos ouvir-se e como resultado viver uma intimidade com o Espírito de Deus. No Segundo Cântico (Is 49, 1-6) o ato de anunciar do Servo é fruto do seu ouvir, então o segundo grau do ouvir é falar a partir do que se escutou, a Palavra é do Senhor e não do profeta. No Terceiro Cântico (Is 50, 4-9 [10-11]) temos o grau da obediência, o Servo que ouve é obediente cumpre o que a Palavra diz em sua vida, mesmo que em meio a sofrimentos. Por fim o Quarto Cântico (Is 52, 13-53,12) onde se vê que o quarto grau do ouvir é a alegria do cumprimento da Palavra, o que ouve e é fiel participa das alegrias de seu Senhor.

Concluindo a pesquisa o destaque é para o ouvir e o Segundo Isaías comprova que o Servo é um mediador da Palavra de Deus. A aliança de Deus com o povo que antes era mediada pelo superior, pelo rei agora, pelo ensinamento do Segundo Isaías esta mediação é dada ao Servo. Esta mudança de mediação é feita por Deus e passa pela obediência e docilidade em ouvir do Servo. Desde o profetismo o Senhor mostra que a mediação da Palavra não vem mais pelos soberanos, reis, doutores, mas pelo Servo obediente. Aquele que serve ao Senhor esse será seu mediador junto aos homens.

Viver a partir do ouvir a Palavra é possibilitar que as realidades que o povo passa hoje de exílio sejam iluminadas. É motivar o profetismo da esperança. É animar o povo a buscar do ouvir diariamente a renovação de suas forças para o retorno, para a libertação.

Para concluir a pesquisa em Is 50,4-7 encontramos os efeitos do ouvir. O primeiro efeito é a intimidade com o Senhor tendo o Servo a Palavra sempre muito perto de si e portanto, próximo de seu Senhor. O segundo efeito é a fidelidade de vida. O discípulo é aquele que a cada dia se ocupa das coisas do Senhor. A cada manhã está atento para permear seu dia com as motivações da Palavra. O terceiro efeito é a eloquência que consola. Não será o Servo o mais exímio pregador para arrastar multidões, mas sim para consolar os corações, para reanimar os cansados e dar esperança aos aflitos. Eis a força profética de Isaías.



O quarto efeito do ouvir a Palavra é a obediência. Sem a obediência tudo se perderia. O que ouve é seguido fielmente. E obedecer requer um ouvir respeitoso e então silencioso. Então destacamos que o Servo é aquele que sabe silenciar. No quinto grau do ouvir temos a parte dolorosa da missão que é o sofrimento nas tribulações. O Servo que viveu a tortura em Isaías representa a tortura de todos em tantas formas. O Servo motiva a superação e perseverança na luta pela liberdade de vida. Aquele que ouve consegue passar pelo sofrimento com esperança e paz. Esperança do verbo esperar e não de parar e se adequar à situação, o presente é suportado por ter certo o futuro melhor. E a paciência por confiar no Senhor e então fazer livre das prisões do mundo. Então o sofrimento do Servo é transformado em uma realização, como vimos em sua firmeza e força em meio ao tormento. Por fim o último grau do ouvir é a vitória sobre a morte. Receber a notícia da libertação. Esta notícia é baseada em fatos históricos e possibilita ao povo a certeza de sua libertação no seu hoje, em sua realidade.

Com esta dissertação foi possível confirmar a hipótese da missão do profeta de consolar o povo e lhe acender a esperança ao levar a vivência da Palavra a cada dia. Escutar a Palavra, deixar os ouvidos atentos a cada manhã e então viver os efeitos dessa intimidade com o Senhor.

Eis nossa pesquisa que consideramos favorecer o profetismo hoje. Conclui-se então que o profeta precisa da Palavra, ela não deve ser fruto apenas de seus dons e criatividade, não pode sair de suas necessidades pessoais, a Palavra é de Deus e o profeta anuncia aquilo que Deus desperta em seus ouvidos a cada dia.

Para cumprir a missão é necessário ser fiel, obediente, ainda que por causa da Palavra deva passar pelo sofrimento ou o seu contexto seja de desalento. Entendemos com Isaías que a Palavra não pertence a este ou aquele grupo, mas ao povo de Deus a quem o Senhor enviar. Isaías fala a Palavra de conforto pois foi enviado a isso, outros profetas tiveram sua missão em outro contexto. Então o profetismo continua sendo uma obra do Senhor e tem muito a falar ao povo nas mais variadas situações de vida.

## **REFERÊNCIAS**

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas I*. São Paulo: Paulus, 1988.

- ALONSO SCHÖKEL, Luis; *Dicionário Bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- AQUINO, SANTO TOMÁS. *Suma Teológica, II-II*. São Paulo: Loyola, 2015.
- ARTOLA, A. M. *A Bíblia e a Palavra de Deus*. Coleção Introdução aos estudos bíblicos, v. 2. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011.
- BALLARINI, P. *Introdução à Bíblia com antologia exegética*. Volume II/3. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BEAUCAMP, E. *Los profetas de Israel e el drama de una alianza*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1988.
- BENTO XVI, Pp. *Exortação Apostólica Verbum Domini. A Palavra de Deus na Vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- BENTO XVI. *SPE SALVI. Carta Encíclica. Sobre a Esperança Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BETTENCOURT, E. *Para entender o Antigo Testamento*. 7ª edição. São Paulo: Editora Santuário, 1990.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. Tradução de Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA HEBRAICA Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.
- BROWN, R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Tradução: Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2012.
- CABALLERO, N. *El camino de la libertad*. Valencia, s/e: 1979.
- CABODEVILLA, J.M. *Palabras son amores, limites y horizontes del dialogo humano*. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1980, esp. 1ª parte, 17-116.
- CANTALAMESSA, R. *Obediência*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CENCINI, A. *A vida ao ritmo da Palavra. Como deixar-se plasmar pela Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.
- CICLO DA VIDA. *Publicação sobre Resiliência*. Disponível em: <http://ciclosdavidacompublicacoes/>. Acesso em: 10 maio, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Instrução: O serviço da autoridade e a obediência. Faciem Tuam, Domine, Requiram*. N. 24. São Paulo: Paulinas, 2008.

CROATTO, J. S. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55. A libertação possível. Petrópolis: Vozes, 1998.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Volume 2. Tradução e Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 1997.

ETIENNE, G. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes: 2001.

FORTE, B. *A Palavra para viver*. São Paulo: Paulinas, 2012.

FRANKL, V. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

FRANCISCO, Pp. *Antes de tudo ouvir*. In: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/antes-de-tudo-ouvir#sthash.P91HfNnq.dpuf>. Quarta feira, 14 de outubro de 2015 - 18h15min22s.

GORGULHO, Maria Laura. O novo eixo nas decisões da vida: a novidade deuteroisaiana. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 42, pp. 55-70, 1994.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

HARRIS, R. Laird. (Org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ABREGO DE LACY, J.M. *Os livros proféticos*. Volume 4. 1ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998.

LAGRANGE, G. *Las tres edades de la vida interior. Preludio de la del ciel*. Quarta edición. Argentina: Ediciones Desclee, De Brouwer, 1944.

LELOUP, J. *Escritos sobre o Hesicasmo. Uma tradição contemplativa esquecida*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese Bíblica: Teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre. Tu és meu servo!* Petrópolis: Vozes, 1981.

MONLOUBOU, L. *Los profetas del Antiguo Testamento*. 3ª edición. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1987.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o Segundo Isaías 40–55. Da semente esmagada brota nova vida*. São Paulo: Paulus, 2004. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano III, n. 22 63.

RAVASI, G. *Los Profetas*. Bogotá: Ediciones Paulinas, 1989.

SCHREINER, J. *Mensagem e Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1978.

SCHÖKEL, L.A. *Dicionário Bíblico- Hebraico – Português*. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini. São Paulo: Paulinas, 1997.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo-São Leopoldo: Paulus-Sinodal, 1987.

SICRE, J.L. *Profetismo em Israel*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

SICRE, J. L. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

S. JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem – Sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVA, Rosemary F. Neves. *Missão Profética: uma experiência de libertação e esperança no exílio da Babilônia a partir do Segundo Canto do Servo de YHWH (Is 49,1-6)*. Dissertação da Universidade Católica de Goiás; Departamento de Filosofia e Teologia; Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião. 2007.

SILVA, Rosemary F. Neves. *Análise do Segundo Canto do Servo de Yhweh.*, Caminhos, Goiânia, v. 11, n.1, p. 85-106, 2013. Acesso: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2470>

SILVA, Valmor da. "O Senhor Javé deu-me língua de discípulo." Leitura do terceiro canto do Servo do Senhor segundo Is 50,4-9a. In: KAEFER, José Ademar; JARSCHER, Haidi. (Org.). *Dimensões sociais da fé no Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*. 1ed.São Paulo: Paulinas, 2007, v. 1, p. 85-99.

SILVA, Valmor da. *Escutai, ilhas!* Leitura do Segundo canto do Servo do Senhor, Segundo Isaías 49,1-6. In: DREHER, Carlos A. et. al. (Orgs.). *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Valmor da. *Releituras do segundo êxodo, a volta do exílio babilônico*. In: Marcelo da Silva Carneiro; Monika Ottermann; Telmo José Amaral de Figueiredo. (Org.). *Pentateuco: da formação à recepção*. 1ed. São Paulo: Paulinas, 2016, v. 1.

ZENGER, E. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

